

Frederico Rodrigues Gonzaga

Masculinidades: discursos de como ser homem a partir de produtos culturais

Uberlândia

2021

Frederico Rodrigues Gonzaga

Masculinidades: discursos de como ser homem a partir de produtos culturais

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Professora Doutora Tatiana Benevides Magalhães Braga

Uberlândia

2021

Frederico Rodrigues Gonzaga

Masculinidades: discursos de como ser homem a partir de produtos culturais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Professora Doutora Tatiana Benevides Magalhães Braga

Banca Examinadora

Uberlândia, 24 de Setembro de 2021.

Dra. Marciana Goncalves Farinha

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Ma. Marcela Elias Santos Gonçalves

Universidade de São Paulo - FFCLRP, USP- São Paulo, SP

Uberlândia

2021

Resumo: O estudo analisa os discursos sobre masculinidades proferidos por homens cisgêneros, heterossexuais em ambientes virtuais, especificamente no YouTube. Procuramos situar este trabalho dentro do campo dos estudos de gênero, contextualizando os avanços devido ao feminismo, esforços acadêmicos e de grupos sociais para a destituição da masculinidade e patriarcado como base da sociedade ocidental. Usamos como palavra-chave em nossa busca os termos “ser homem”, “masculinidade”, “masculinidade frágil” e “masculinidade tóxica” e obtivemos o total de 16 vídeos para serem contemplados. Ao analisar o conteúdo, procuramos correlacionar estudos de gênero, especificamente sobre masculinidades de modo a trabalhar como a masculinidade tradicional, machismo e os novos discursos e formas de ser masculino se localizam no debate virtual. Por meio dos dados obtidos observamos tanto a masculinidade tradicional atrelada a instituições históricas como igreja e polícia como novas masculinidades próximas de produtos culturais como filmes e séries. Observamos também a mercantilização de ideias de comportamento, tanto através de séries como cursos para sucesso individual, sucesso em relacionamentos e assim por diante.

Palavras-chave: estudos de gênero, masculinidade, masculinidade frágil, novas masculinidades, saúde masculina

Abstract: The study analyzes the discourses about masculinities uttered by cisgender, heterosexual men in virtual environments, specifically on YouTube. We seek to situate this work within the field of gender studies, contextualizing the advances due to feminism, academic and social group efforts for the dismissal of masculinity and patriarchy as the basis of Western society. We used as keywords in our search the terms "being a man", "masculinity", "fragile masculinity" and "toxic masculinity" and obtained a total of 16 videos to be contemplated. In analyzing the content, we sought to correlate gender studies, specifically about masculinities in order to work out how traditional masculinity, machismo, and the new discourses and ways of being masculine are located in the virtual debate. Through the data obtained we observed both the traditional masculinity linked to historical

institutions such as the church and the police, and new masculinities close to cultural products such as movies and series. We also observed the commodification of behavioral ideas, both through series and courses for individual success, success in relationships and so on.

Keywords: gender studies, masculinity, fragile masculinity, new masculinities, men's health

Sumário

Introdução.....	6
Método.....	28
Resultados e Discussão.....	33
Considerações finais.....	77
Referências.....	80

Introdução

O tema da masculinidade integra o campo dos estudos de gênero e pode ser tratado em várias áreas das ciências sociais, sendo necessário o cruzamento entre diversos campos do saber para sua compreensão, devido aos seus desdobramentos nas relações humanas (Botton, 2007). Nessa perspectiva, podemos considerar que a ideia de uma necessidade de resignificação da masculinidade emergiu sob a influência de uma série de acontecimentos e processos sociais. As reestruturações do capitalismo em termos de adoção de mão de obra, distribuição de riquezas e poder econômico geraram novas configurações dos papéis sociais, influenciando a ascensão do movimento feminista (Méndez, 2011) e, posteriormente, dos movimentos LGBTQIA+ (Oliveira, Pichler, & Canabarro, 2012). Movimentos de crítica à organização tradicional da família e da estrutura social, tais como o movimento *hippie*, os movimentos anarquista e marxista, os movimentos por direitos civis de negros contribuíram para emergir novos discursos e práticas questionadores das hierarquias sociais. Ademais, desenvolvimentos científicos contribuíram para novas lidas com o corpo e novas organizações de legitimação do discurso sobre gênero, corpo e sexualidade (Beauvoir, 1967; Botton, 2007; Bourdieu, 2010; Butler, 2003; Foucault, 1984/1994; Giddens, 1993; Kimmel, 1998; Welzer-Lang, 2001; Zanello, 2018). Assim, a discussão de gênero se insere num contexto mais amplo em que se entrecruzam as mudanças socioeconômicas a partir do nascimento do capitalismo, abrangendo experiências neoliberais, social-democratas e socialistas, a emergência da noção de direitos individuais articulada à globalização e à urbanização, com o relativo descolamento de papéis sociais obrigatórios, e o maior acesso a outras culturas e experiências de vida, e o desenvolvimento científico.

Para compreender tais mudanças, todavia, primeiramente é preciso apresentar em linhas gerais a organização das relações de gênero e a representação de masculinidade dominante tradicionalmente estabelecida. Historicamente, as relações de gênero se fundamentaram em representações sociais e divisão sexual do trabalho e dos papéis sociais (Bourdieu, 2010) das categorias homens/mulheres, que em grande medida atribuíram ao homem o direito à voz, à esfera pública e à autonomia, relegando à mulher um papel secundário e muitas vezes submisso ao masculino, frequentemente sob justificativa da ordem natural, e patologizando ou invisibilizando outras possibilidades de vivência do gênero, tais como a transexualidade.

Para Bourdieu (2010) a percepção de comportamentos tidos como masculino e feminino nasce na construção das estruturas concretas e simbólicas que organizam o mundo

percebido em categorias que se contrapõem. A associação das ações e símbolos da vida social e as dicotomias mundo concreto e biológico, tais como alto/baixo, mole/duro, dia/noite, são associadas à dicotomia masculino/feminino para justificar, como elementos da ordem natural, significados, valores, espaços e comportamentos atribuídos aos papéis sociais de homens e mulheres. Tal naturalização das justaposições de fenômenos percebidos coloca em segundo plano a análise social e contextualizada da divisão sexual do trabalho e do estabelecimento de sistemas de dominação e hierarquias de poder social, político e econômico. Atribui assim um caráter quase natural à ordem social, que legitima uma compreensão do mundo sem averiguação mais profunda de condições sociais que possibilitaram a construção de dada categoria (Bourdieu, 2010). Tal papel de ratificar o caráter oficial das categorizações construídas, exercido pela religião nas sociedades tradicionais, equivale a outras instâncias de verdade das sociedades contemporâneas, como as instituições jurídicas e médicas.

Embora a dominação de gênero baseada na submissão feminina não fosse presente em todas as civilizações humanas, como Mead (1935/2000) apresenta em sua obra *Sexo e Temperamento: em Três Sociedades Primitivas*, sua influência foi muito profunda na história da civilização ocidental, tendo ainda hoje consequências sobre a vida contemporânea dos indivíduos. Na Grécia, a mulher era vista como casta inferior, assim como escravos e crianças, devendo respeito aos homens, independentemente da idade. Um exemplo do papel da mulher na sociedade grega pode ser encontrado na peça teatral *A Assembleia de Mulheres* de Aristófanes (Porfirio 2019), que retrata mulheres que se transvestem de homens para terem direito a participar de uma assembleia, o que destaca a cidadania como direito exclusivo do homem ateniense, sendo impensável seu exercício pela mulher. Outro exemplo é a obra *Política* de Aristóteles (2002), que apresenta a ideia de que as virtudes não devem ser as mesmas no homem e na mulher, sendo exclusiva do homem a imposição e preservação da superioridade para sua função de arquiteto da sociedade, enquanto na mulher as virtudes estariam presentes em nível menor e sua honra consistiria no silêncio e em vencer a dificuldade de obedecer. Já em *O banquete* de Platão (1995), que versa sobre *Eros*, o amor, Pausânias justifica que mulheres são menos inteligentes e apenas capazes de parir corpos, enquanto a união entre homens poderia parir ideias. Também o discursante Erixímaco dispensa o flautista para não atrapalhar, dizendo que, assim como as mulheres, flautistas não seriam adequados para o debate de ideias.

Assim, no contexto grego, a noção ateniense de governo da polis levava a uma divisão simbólica em que capacidades como o autogoverno e a elaboração de ideias eram tomadas como atributos masculinos na perspectiva de uma justificativa naturalizante para a exclusão das

mulheres da participação política e da vida dos cidadãos livres. É nesse contexto que a virtude masculina é considerada a capacidade de pensamento e de governo, tanto próprio quanto de terceiros, sendo construídas tecnologias de cuidado de si e de exercício de práticas consideradas virtuosas que legitimassem a dominação masculina do cidadão *polités* (Foucault, 1984/1994). Na democracia grega, a divisão entre público e privado sustentava a diferenciação de gêneros, já que *polis* se referia ao espaço de governo entre cidadãos livres e iguais, enquanto *òikos* (casa) se referia ao espaço de governo da economia, o campo da sobrevivência no qual mulheres, escravos e crianças deviam obediência ao cidadão livre e estavam, justamente, privados da aparição pública (Arendt, 2017; Alves, 2004). Nessa mesma organização, é colocado ao homem o papel de provedor, mais ativo em relação à mulher, a quem seria atribuído o papel doméstico (*òikos*) e de reprodutora, zelando pela sobrevivência familiar em nível biológico ao dedicar-se à casa e prover descendentes (Alves, 2004).

Já durante a Idade Média, a Igreja foi uma grande mantenedora da dominação masculina construída e herdada dos gregos, romanos e outros povos. A despeito da situação mais livre de algumas mulheres, geralmente da nobreza, que exerciam profissões ou participavam do poder feudal como abadessas ou rainhas, a maioria das mulheres medievais era submissa e dependente do pai ou marido, enfrentando tutela jurídica, restrições sobre a sexualidade, associação à bruxaria, reclusão ao papel de mães e esposas, entre outros elementos que restringiam seu espaço. A incorporação de tradições, a constante vigilância sobre a sociedade do período medieval e sua vasta influência pela Europa fez com que o patriarcado, o papel submisso das mulheres e a representação dominante dos homens estivesse presente nas mais variadas civilizações da época (Bourdieu 2010).

Desse modo, num contexto histórico de valorização da religiosidade, a associação das mulheres à noção de impureza, presente na noção de bruxaria e no trato pejorativo da menstruação, contrapunha-se a uma figura do masculino associada a valores cavaleirescos, que incluíam a honra e a coragem pelo “exercício da violência física, a conquista e empenhamento de mulheres, a proteção e sustento da família, quer esta fosse de sangue quer de aliança” (Rodrigues, 2006, p. 196). O masculino associava-se também a valores eclesiásticos, pela proibição do casamento e pela única ordenação religiosa masculina, que daria aos homens oportunidade de acesso à “forma mais digna e adequada de viver a palavra de Deus” (Rodrigues, 2006, p. 203). Assim, a associação da masculinidade tanto ao exercício do domínio quanto à aproximação divina constituía tecnologias de gênero que operavam tanto na sustentação ideológica quanto socioeconômica e política da organização medieval.

Na Idade Moderna podemos ver vários fenômenos nos quais a dominação masculina foi influente, como a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789) advinda com a Revolução Francesa, que apenas contemplava a figura masculina sobre acontecimentos históricos. Nesse contexto, mudanças na estrutura econômica levaram à possibilidade de maior independência financeira das mulheres e a um consequente aumento da vigilância sobre seu comportamento (Beauvoir, 1967). Assim, iniciativas como a de Marie Gouze, que em 1791 publica a *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* (Declaração dos direitos da mulher e da cidadã), como crítica à declaração anterior e reivindicação de direitos iguais para as mulheres (Monteiro & Grubba, 2017) acabam respondidas com a repressão: Marie Gouze foi guilhotinada em Paris em 1793, devido à postura não convencional para uma mulher na época, ao buscar maior liberdade e igualdade de gênero para as mulheres.

A racionalidade iluminista influenciou o desenvolvimento das ciências na Idade Moderna e contribuiu para a naturalização científica da divisão sexual dos papéis sociais e a masculinidade foi esculpida meramente como consequência biológica da evolução humana (Botton, 2007). Assim, no século XVI, a descoberta do clitóris levou à sua concepção como pênis atrofiado, considerando o corpo da mulher como inferior (Costa, 1995) e no século XVIII a homossexualidade passa a ser vista enquanto inversão sexual, caracterizando uma patologia (Silva, 2000). Isso culminou, no século XIX, com a hegemonia da noção de que o comportamento masculino era consequência direta do aparelhamento sexual, desenvolvida em estudos evolucionistas incipientes (Costa, 1995). Tais concepções científicas são discutidas por Foucault (1984/1994), segundo o qual até o século XVIII o próprio termo sexualidade não havia sido cunhado, tendo origem no século seguinte e sendo intrinsecamente fruto das concepções científicas construídas nas sociedades modernas e pós-modernas.

Nesse sentido, o estudo das masculinidades foi analisado durante muito tempo apenas sob o viés da ideia tradicional, patriarcal e machista de masculinidade (Botton, 2007) que seria constituída na própria ordem da Natureza, abrangendo características como dominação, violência, racionalidade e autodeterminação. De fato, a concepção tradicional e naturalizada de masculinidade foi e é uma ideia hegemônica. Contudo, a análise das masculinidades vem considerando diversas outras dimensões, tais como condições sociais, históricas e políticas, sobretudo a partir do século XX. Nesse sentido, a discussão sobre a formação multidimensional das masculinidades trata-se de um campo de estudo recente, ainda mais em âmbito nacional. (Botton, 2007)

A sedimentação do discurso biológico sobre o gênero no campo científico passou a ser questionada frente às transformações sociais advindas com a Revolução Industrial (1760-1840), que trouxe uma nova dinâmica social para as relações de gênero, tendo como elementos de influência a urbanização e a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Com a Revolução Industrial, se outrora cabia à mulher somente o lugar de esposa e reprodutora, agora mulheres e crianças consistiam em recurso indispensável à indústria, devido a seu baixo custo de remuneração, principalmente na indústria de tecidos, a mais importante da época. (Hobsbawm, 2000, p. 65). Assim, cerca de $\frac{2}{3}$ da mão de obra no setor de tecidos era exercido por mulheres e crianças, consideradas mais “servientes” num contexto histórico em que foram relegadas à submissão (Hobsbawm, 2000 p. 64).

A inserção das mulheres no mercado de trabalho trouxe à tona diversos elementos influenciadores das discussões sobre gênero: a participação em organizações de trabalhadores na reivindicação por melhores salários levou as mulheres à experiência da luta política; a convivência no ambiente de trabalho trouxe ao campo público questões como o assédio, antes restritas ao âmbito privado; a questão do pagamento salarial, inicialmente recebido pelos maridos ou pais em muitas localidades, trouxe à tona o problema da independência financeira (Méndez, 2011). As mudanças na condição contextual durante os avanços da sociedade de mercado foram o caldeirão para a efervescência de pensamentos que culminaram nas primeiras exigências das mulheres por melhores condições de trabalho, pelo voto e pela luta por independência institucional e jurídica em relação à figura masculina. Nasceu assim a primeira onda do movimento feminista, que se caracterizou por uma luta em busca do sufrágio universal, em que ocorreram congressos internacionais com esta pauta e uma abertura gradual para ideias marxistas nos meandros do movimento (Oliveira & Cassab, 2014).

A conquista do voto se deu em anos diferentes em várias localidades, contudo após tal fato observou-se um esvaziamento do movimento feminista, num contexto em que restrições sociais eram mantidas no tocante à responsabilização feminina quase exclusiva sobre a educação dos filhos e à manutenção de diretrizes morais no campo comportamental e sexual. Além disso, existiram categorias de mulheres que não foram contempladas em suas singularidades, como as mulheres negras (Siqueira, 2018).

A sedimentação do trabalho feminino e o aumento desse papel com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que levou grande parte dos homens europeus ao campo de batalha, abriram novos espaços de discussão sobre as relações de gênero. Nessa perspectiva, se inserem por exemplo as contribuições da Psicanálise entre os movimentos acadêmicos que questionaram

parte dessa concepção naturalista. Ideias como a construção do ser masculino no campo das relações familiares, por exemplo no Complexo de Édipo (Freud, 1900/1972; Lacan, 1956-1957/1995) e a concepção de animus e anima por Jung, argumentando elementos femininos na personalidade masculina e elementos masculinos na personalidade feminina passam a trazer elementos que não se restringem à imposição biológica do gênero (Botton, 2007). Tanto Lacan (1957-1958/1999), como Freud (1900/1972), utilizando a premissa do Complexo de Édipo, apresentaram as relações familiares como caldo nutritivo psíquico para o que posteriormente seria a sexualidade e psique humana. Nesse sentido o “falo” não se trata de algo físico como o pênis, mas sim uma instância psíquica de poder, por vezes disputada entre pai e filhos e por vezes tomada por algum dos progenitores (Botton, 2007).

Todavia, Silva (2000) reitera que o próprio nascimento da psicanálise, apesar do rompimento parcial com a visão puramente biológica, teve sua origem no conceito de sexualidade única até então em vigor, partindo do que era o padrão – o corpo masculino fálico – para a construção de um arcabouço teórico de forte influência cultural. Nesse sentido, a psicanálise pode ser considerada herdeira do pensamento sexista presente no século XIX, já que construiu campos de constituição psíquica instituídos na polaridade feminino/masculino. Assim, apesar de Freud salientar que a presença anatômica de órgãos sexuais em meninos e meninas não seja condição única da construção da sexualidade, atribui a isso grande relevância (Silva, 2000). Do mesmo modo, Freud (1905/1972, 1909/1972, 1917/1972, 1924/1972) parte da relação entre a criança e seus progenitores desempenhando papéis historicamente associados à paternidade e à maternidade para a construção da teoria psicanalítica do psiquismo, numa elaboração que frequentemente determina a normalidade a partir da performance de papéis tradicionais.

A determinação do binômio normal/patológico tendo como referência concepções tradicionais de feminilidade e masculinidade possui diversas consequências, entre elas a construção de expectativas e tentativas de adaptação ao modelo padronizado e a patologização de outras experiências da subjetividade. Sob tal lógica, Freud (1931/1972) defende a ideia de que o exercício da autonomia seria um comportamento desviante na mulher e Stoller (1975/1982) defende a noção de que o transexualismo seria uma configuração psíquica delirante. Por outro lado, ao criticar o modelo patologizante, Goldenberg (2005) apresenta a representação tradicional do papel masculino na construção da sexualidade como exercendo uma sobrecarga psíquica nos homens no sentido de adaptar-se à construção de uma sexualidade esperada, gerando problemas de saúde como, por exemplo, a procura desenfreada por um corpo

musculoso, que denota poder, para isso, por vezes fazendo uso de drogas para obter o resultado desejado, processo esse conhecido como vigorexia.

A entrada das mulheres no mercado de trabalho, impelida por eventos como a Revolução Industrial, a I e a II Guerras Mundiais (1914-1918; 1939-1945), impulsionou lutas pela igualdade de gênero, porém apresentou outras questões no horizonte dessas lutas. A despeito dos avanços representados pela consideração de outros fatores além dos biológicos na construção dos gêneros, elementos favorecedores da hegemonia patriarcal sobre a masculinidade ainda se fizeram presentes e se refletiam em questões sociais, tais como diferenças salariais entre homens e mulheres (Almeida, s. d.), dupla jornada para as mulheres com o acúmulo do trabalho e tarefas domésticas e associação do ideal de masculinidade à dominação e à violência, com consequências para a saúde pública, a segurança pública e outros campos sociais. Movimentos ocorridos em ambas as situações de pós-guerra para que as mulheres abandonassem seus postos de trabalho e retomassem papéis como reprodutoras e domésticas são significativos da força das representações tradicionais (Almeida, s. d.).

A questão da influência dos modelos de gênero da vida social ressurgiu na chamada segunda onda do movimento feminista (Oliveira & Cassab, 2014). Iniciada em 1950 e fortalecida nos anos 1960 e 1970, foi impulsionada por fatores como a criação da pílula anticoncepcional, que liberava as mulheres da gravidez e trazia à tona a questão da autonomia sexual, o movimento hippie, movimentos estudantis como o de maio de 1968, os movimentos contra a guerra do Vietnã e pelos direitos civis da população negra nos Estados Unidos, os movimentos contra as ditaduras militares na América Latina, entre outros. Esse contexto trazia fortes questionamentos à ordem social estabelecida, com pautas que englobavam parâmetros políticos de esfera pública e privada, tendo uma forte vertente progressista no campo de costumes.

Nesse contexto, foram também produzidas extensas pesquisas que desvelavam os elementos das representações patriarcais de gênero nas relações, no trabalho, na sexualidade e em outros campos da experiência feminina e familiar. Entre esses trabalhos, *O Segundo Sexo* (1949/1967) trazia críticas às concepções tradicionais e biologizantes de gênero e fazia uma análise histórica, social e existencial dos dispositivos institucionais e culturais de construção do papel social da mulher. *A Mística Feminina* (1963/1971) abordava os impactos na saúde mental das mulheres ligados à pressão social e cultural para que se ativessem ao papel de esposas e mães e o *Relatório Hite* (1976/2019) expunha os problemas da lógica patriarcal sobre as experiências da sexualidade. Nessa nova ótica, o feminismo passou a abranger não apenas a

equalização de direitos pelo Estado, mas a produção de exclusões e deslegitimação das mulheres nas relações sociais, no cotidiano e mesmo na intimidade, expressa sobre o lema “o pessoal é político”.

Nesse contexto, as construções de gênero são abordadas aprofundando fatores sociais e políticos, instaurando a separação entre produção dos papéis sociais e marcadores biológicos (Botton, 2007). Saindo quase que completamente do campo biológico e indo para o social, pensadoras como Simone de Beauvoir foram de suma importância. *O Segundo Sexo* (1949/1967) alinha a célebre frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, um marco do movimento feminista ao denunciar a construção social da categoria mulher por meio de dispositivos sociais, institucionais e culturais de opressão. Simone de Beauvoir (1967) aborda ainda a luta por igualdade de gêneros como uma constante confrontação com a situação vigente, em que o êxito em alguns aspectos, como conquista do sufrágio e direito ao trabalho, não é motivo para o rebaixamento sistemático de outras lutas, pois exemplifica o quanto as circunstâncias eram e são desfavoráveis. Esse caldo cultural e de produção acadêmica foi marco para o rompimento com os conceitos de feminino e masculino como questões naturais e biológicas. Antes tidas como uma visão técnico-científica, após esse rompimento tais ideias são compreendidas como um posicionamento político-ideológico (Botton, 2007). Nesses estudos, algumas noções da psicanálise sofrem críticas por trabalhar a partir da monogamia, do conceito de família tradicional e de um modelo binário de gênero, contraponto masculino e feminino e normalizando as representações tradicionais de gênero como campo regulamentador para a construção da sexualidade e da subjetividade, legitimando assim um discurso heterocisnormativo, binário e não plural das sexualidades (Botton, 2007).

Cruzando o contexto da época com dados cientificamente estruturados de civilizações mais antigas, alguns autores analisaram a influência das representações tradicionais da masculinidade no contexto contemporâneo. Para Beauvoir, (1967), o advento da família patriarcal, tendo como premissa a figura do masculino como sustentáculo de toda uma visão do mundo remonta há mais de dois mil anos em várias sociedades. A diferenciação biológica entre os sexos como legitimadora da divisão de gênero e da normatização do patriarcado foi construída ao longo das épocas e reforçada continuamente, permanecendo retroalimentada na sociedade capitalista via dispositivos de Estado, como saúde e justiça, e outras formas de poder contemporâneas, como a cultura e as mídias. Bourdieu, (2010), analisou a sociedade de Cabila, de tradições seculares, identificando a permanência das representações de gênero utilizadas nessas sociedades no contexto europeu da época. Construções simbólicas sobre homens e

mulheres determinavam a dominação masculina e a divisão sexual do trabalho, sendo traduzidas, em sociedades contemporâneas, em elementos de discursos médicos, estéticos, etc. Para Bourdieu (2010), um corpo é sempre um objeto social preenchido com seu simbolismo histórico. Assim, a ordem do masculino está tão arraigada que dispensa legitimação, sendo ela própria uma ordem social, cunhada de *habitus*, que circunscreve diretrizes sexuadas para os corpos inseridos no seu arcabouço simbólico, como as diretrizes do trabalho, o que seria do masculino, as posições sociais atribuídas a cada gênero, etc.

Durante o início e consolidação dos estudos feministas, a necessidade de crítica ao patriarcalismo acabou por desvalorizar estudos conduzidos por homens ou que tivessem a masculinidade como tema (Griffin, 2005). Partindo da ideia de que a história havia sido contada por um viés masculino (Perrot, 1998) e de que era necessário dar voz aos excluídos, a masculinidade foi pouco problematizada (Botton, 2007). Para Giffin (2005), tal movimento inicial do feminismo foi necessário para a construção de um lugar de fala e de um campo de estudos. Além disso, a negação do masculino como objeto de estudo também fora uma reprodução da dicotomia construída na própria visão binária incrustada nos gêneros.

Todavia, as consequências sociais das profundas transformações nas relações de gênero acabaram por levar, paulatinamente, à necessidade de compreensão sobre a produção social das masculinidades. A noção tradicional de masculinidade havia colocado o homem como sujeito ativo, atribuindo a ele características positivas, desejadas e que denotavam poder. Grossi (2004, p.6) e Cunha (2017) abordam características como poder, virilidade, hiperatividade, agressividade como constituintes da socialização no masculino. Tais valores possibilitaram ao homem preponderância sobre a mulher e sobre homens que pertencessem a grupos ou recorressem a um repertório de comportamentos considerados inferiores ao padrão ideal, num processo de produção de “masculinidades subalternas” (Nogueira & Miranda, 2017, Kimmel, 1998). Essas masculinidades subalternas seriam a representação parcial da masculinidade, como um homem velho, onde já não detém mais o vigor físico ou do homem homossexual, que era segregado pelos outros homens, mesmo que apresentasse as demais características.

Giddens (1993) aponta que o papel do homem como detentor do controle na sociedade moderna determinou diversas formas de relação social, estruturas institucionais e dispositivos discursivos. De tal modo que a partir do momento que o controle masculino começa a ruir, mesmo que parcialmente, é exposto o caráter compulsório da masculinidade. Como consequência do declínio desse controle, o que se observou foi um apelo para a violência

masculina contra as mulheres, além de diversos outros problemas ligados à construção da masculinidade, em campos como a saúde e as políticas públicas.

Assim, a despeito das transformações sociais que diminuíram a distância entre gêneros em campos como o trabalho e a participação política, a dominação de gênero ainda acarreta diversos fenômenos de impacto significativo sobre a sociedade. Situações de violência contra mulheres e contra pessoas com orientação sexual e de gênero diversas das tradicionais (LGBTQIA+), desprivilegio de acesso à educação, ao mercado de trabalho e a salários, entre outros, são exemplos desses problemas. A violência física e sexual contra a mulher tem a disparidade de gênero como força motriz ao legitimar um discurso de posse do agressor sobre a parceira e alcança ao menos um terço das mulheres na América Latina (Organização Pan-Americana da saúde - OPAS, 2017). Pesquisa do IBGE (2018) também aponta que mulheres ganham em média 79,5% do salário dos homens, tendo variações de acordo com a faixa etária e setor de ocupação, o que também se relaciona a outras formas de opressão, já que maior equidade salarial desencadearia maior independência para as mulheres (Silva, 2019).

No campo LGBTQIA+, a expectativa de vida de pessoas transexuais no Brasil é de 35 anos e seu índice de empregabilidade é menor, sendo a prostituição um caminho considerado por cerca de 90% das pessoas desse corte populacional (Benevides e Nogueira, 2020). Além disso, há dificuldades para avaliar a extensão dos problemas relativos às desigualdades estruturais em relação à população LGBTQIA+. Os dados apresentados pelo Atlas da Violência do Brasil (Cerqueira, Bueno, Lima, Neme, Ferreira, Alves, Marques, Reis, Cypriano, Sobral, Pacheco, Lins, Armstrong, 2019) referentes à violência contra a população LGBTQIA+ não são condizentes com relatos de ONGs como o Grupo Gay da Bahia, devido à subnotificação e ao despreparo estrutural para com esta população (Cerqueira et al, 2019, pp.56-57). Assim, o contexto de transformações sociais abriu mais espaço para a emergência de novas pautas e processos discursivos relacionados aos gêneros, como as questões LGBTQIA+.

É nesse contexto que emerge a terceira onda do movimento feminista, marcada amplamente por uma imersão das feministas no campo de produção teórica, reflexões e grande produção acadêmica, pluralizando as formas de agir e repensar as ações em diferentes contextos sociais do mundo (Oliveira & Cassab, 2014). Segundo Ferreira e Oliveira (2019), devido às mudanças fomentadas pelo movimento feminista, a masculinidade passou a ser confrontada. O processo histórico que valorizou os homens como alicerce na sociedade quando posto em xeque, provocou nos homens sensação de deslocamento frente à mudança dos arranjos sociais, já que os significados de gênero que orientavam a educação tradicional não criavam referenciais

adequados para lidar com as novas situações relacionais que surgiam com o avanço de pautas feministas.

Sendo assim, um rearranjo dos padrões do masculino se fez necessário, tendo como consequência que a figura clássica de homem como provedor e grande referencial da sociedade fosse duramente criticada, enquanto as mulheres vinham progressivamente tendo sua condição cada vez mais consolidada apesar das intempéries (Ferreira & Oliveira 2019).

Nesse sentido, a desigualdade de gênero tem sido objeto de estudos e as reivindicações por mudanças construídas ao longo dos anos continuam atuantes, contribuindo para um cenário de mudanças das narrativas sobre o masculino e levando os homens, em diversas situações, a se verem obrigados a uma reconstrução de sua masculinidade e de novos referenciais (Ferreira & Oliveira 2019). No início do movimento feminista, os modelos de socialização no masculino e suas representações culturais haviam sido analisados como elementos importantes na manutenção das desigualdades estruturais de gênero e como geradores de problemas de violência e exclusão social das populações não participantes dessa masculinidade hegemônica.

Com a consolidação das lutas por igualdade de gênero e a expansão dos movimentos sociais abrangendo diversos campos excluídos no modelo de gênero tradicional, novos olhares sobre a masculinidade foram se estruturando (Batista & Lima, 2017).

Nesse cenário, estudos nos quais a masculinidade começou ser objeto de análise se iniciaram, ainda modestamente, nas décadas de 1950 e 1960 e ganharam significativa profusão de produções nas décadas de 1970 e 1980, com foco principal em países anglo-saxões (Botton, 2007). Neste período, estudos sobre o masculino, seus atos e consequências diante da sociedade, abordavam as desigualdades de gênero em que as mulheres se encontram e ainda experienciam no seu dia a dia (Medrado & Lyra 2008).

Com o aprofundamento das discussões sobre gênero e suas categorizações sobretudo a partir da década de 1990, houve uma reformulação dos estudos que levou à construção do conceito de “masculinidades” como campo amplo e plural, em contraposição à categoria de homem no singular, que denotava um olhar mais essencialista (Batista & Lima, 2017).

Na perspectiva de uma crítica à divisão categorial entre homens e mulheres, Judith Butler (2003) traz contribuições importantes. A autora faz uma crítica da categoria mulheres, considerando que tal conceito abrange justamente o campo de significações tradicionalmente atribuídas a elas, que os estudos de gênero procuram ultrapassar. Assim, ao utilizar o termo mulheres, se articulam associações historicamente atribuídas ao “feminino”, o que leva a dificuldades na desconstrução da própria divisão entre masculino e feminino como categorias

essencialistas e estanques. De tal modo, ao referendar a categoria “mulher” como sujeito atuante do feminismo, possibilita-se certa estabilidade nas relações de gênero, uma vez que a base permanece a matriz heterossexual.

Visando rearticular os elementos conceituais de compreensão sobre as relações de gênero, Butler (2003) propõe a compreensão do gênero não a partir da categorização de tipos, mas do exercício de práticas sociais. Assim, a autora conceitua gênero como performances e sentimentalidades, formando processos de subjetivação.

A definição em si opera um engessamento das performances que se espera que os sujeitos desempenhem (Butler, 2003), de tal modo que para um rompimento da hierarquia de gênero, o foco deveria ser nos processos de produção social de comportamentos e sentimentalidades, em que os sujeitos são colocados em determinados lugares sociais e modos de relação. Ao desempenharem performances socialmente construídas, há uma identificação de tais elementos como uma identidade, num processo que reifica e naturaliza a categoria social atribuída à performance desempenhada.

Nesse sentido, Butler (2003) atribui o conceito de gênero como performance um antagonista tanto do determinismo biológico quanto do determinismo social: nem elementos biológicos nem experiências sociais significam a impossibilidade de experienciar outros modos de sentir, relacionar-se e experienciar a si mesmo, havendo sempre possibilidade de ressignificação dos valores culturais e experiências subjetivas.

Através da performance, atos, gestos, é criada a ilusão de um núcleo interno e regular de gênero, que por sua vez tem o propósito regulatório da sexualidade aos moldes da heterossexualidade compulsória (Butler, 2003). Uma vez que assume esse papel ilusório, é atribuído a esse núcleo um valor de causador da identidade do sujeito, descolando o ser humano para uma posição passiva quanto a sua identidade.

Portanto, para Butler (2003) um sujeito feminista, que repensa seus atos e discursos seria um não-lugar de gênero, uma vez que qualquer construção prévia tem base na heteronormatividade. Sendo assim, Butler (2003) advoga que somente através do performar novos gêneros seria possível romper com a heteronormatividade, construindo assim uma relação mais livre e não binária com as experiências de gênero.

Da perspectiva das experiências de gênero como experiências de subjetivação socialmente construídas, há construções sociais em favor de um modelo de masculinidade hegemônico, que os homens devem desempenhar para garantir seu lugar social. A partir de uma referência de masculinidade considerada padrão, cria-se uma hierarquia das masculinidades,

bem como uma hierarquia entre masculinidade e feminilidade (Connell & Messerschmidt, 2013).

Nesta perspectiva, podemos compreender as considerações sobre masculinidade abordadas por Pierre Bourdieu (2010). Para o autor, a estrutura de significações de gênero socialmente construída e naturalizada que determina a divisão sexual do trabalho leva a uma socialização em que há um esforço constante dos homens para estar à altura da representação social construída sobre o masculino, num processo em que se tornam “dominados por sua dominação”, o que pode ser traduzido por preocupações com expressões físicas da ideia de virilidade, como altura e força física, por demonstrações de rebaixamento em relação às mulheres e por consequências sobre a saúde, tais como os índices de alcoolismo, suicídio e violência.

Também Maurice Godelier (1986), aborda a construção de hierarquias das masculinidades a partir de processos de subjetivação constituídos na socialização masculina, criando categorias hegemônicas e subalternas conforme sua adequação ao modelo dominante.

Para Godelier (1986) a estrutura da dominação masculina não se encontrava em uma característica intrínseca de detentores da masculinidade, mas sim na construção social de elementos de significado partilhados pelos indivíduos que constituíam um lugar de relevância às representações simbólicas do masculino.

Tanto Godelier (1986) quanto Bourdieu (2010) destacam processos rituais de constituição do masculino e separação de elementos considerados simultaneamente femininos e inferiores, como rituais de rompimento simbólico com a mãe, rituais de passagem para o mundo adulto baseados em provas de força e coragem, rituais de inscrição simbólica de elementos baseados na virilidade. Bourdieu (2010) chega a apontar que tais rituais tomam novas formas na cultura contemporânea, por meio, por exemplo, do uso simbólico da violência em algumas competições esportivas. Alguns autores contemporâneos também sinalizam para a presença dessa performance dos elementos masculinos no consumo de carne (Tobin, 1999; Adams, 2018), e no consumo de bebidas alcólicas (Zanella, 2011).

Todavia, outro elemento significativo abordado por Godelier (1986) diz respeito à análise dos processos históricos pré-colonização, colonização e pós-colonialismo e de como os cargos nesse processo tiveram na sua grande maioria representação masculina. Nesse sentido, homens no topo da ordem social constituiriam uma representação dos “grandes homens”, uma vez que neles se encontram referências de poder, virilidade, dominação para os demais. Configurando de modo que um homem desempregado, por exemplo, ainda que tenha uma

posição de dominação na relação com mulheres da mesma classe social, sofre perante a sociedade um processo de exclusão e precariedade nas relações. Assim, na complexidade social, os lugares do feminino e do masculino não se apresentam estanques, mas encontram interseccionalidades com aspectos ligados à classe social, raça, nacionalidade, orientação sexual, etc.

De modo geral, a produção no vasto campo das masculinidades elaborada ao longo das últimas décadas vem traçando alguns objetos específicos, destacando-se: a organização social das masculinidades, a expressão de identidades de gênero no âmbito das masculinidades, as masculinidades compreendidas no âmbito das interações sociais que envolvem as relações de gênero e a compreensão dos dispositivos institucionais em torno das masculinidades (Medrado & Lyra, 2008).

Em relação à organização social das masculinidades, referente ao modo como se dão suas reproduções e inscrições locais e globais, temos a compreensão das interações sociais dos homens com outros homens, mulheres e pessoas não inscritas nos modelos tradicionais de gênero. Nesse aspecto, Maurice Godelier (1986) aborda as práticas relacionais entre homens como importantes campos de socialização que reafirmam o modelo tradicional de masculinidade e criam uma hierarquia das masculinidades, com referência nos “grandes-homens”.

Já Welzer-Lang (2001) apresenta o conceito de “casa dos homens”, que seria um ambiente onde a cumplicidade entre homens possibilita a existência de mecanismos de perpetração da dominação masculina, seja através de rituais religiosos, representações simbólicas e assim por diante. A não aceitação implicaria em um cerceamento em diferentes níveis, levando até mesmo à exclusão e à equalização com a condição da mulher, considerada inferior. Em ambientes de homossociabilidade distantes do olhar da mulher como estádios, pátios escolares, vestiários, cafés, são repassadas instruções sobre o agir social de modo a aproximar o sujeito ingressante do ideal de masculinidade do grupo. Nesse contexto, há uma cumplicidade inerente ao grupo em que cada homem é iniciado e iniciador ao mesmo tempo (Welzer-Lang, 2001).

Cecchetto (2004) aborda, entre tais práticas iniciáticas, a utilização de metáforas e expressões pejorativas que insinuam um papel passivo, bem como elementos de expressão ritual da violência como componente da masculinidade, identificando em pesquisa de campo certos espaços de lutas corporais como o jiu-jitsu e espaços esportivos como o futebol e as torcidas organizadas enquanto campos de expressão da violência associada à ideia de masculinidade,

tornando tais espaços campos de socialização aos moldes de uma casa dos homens, nos quais valores como virilidade, porte físico, capacidade de infligir dano e competitividade são recorrentemente apresentados, assim como uma constante negação da dor ou qualquer comportamento visto como feminino. Zanello, (2018) por sua vez apresenta a subjetivação da masculinidade brasileira enquanto constituída no imperativo e no negativo. No aspecto imperativo, opera o dispositivo de eficácia, em que homens inseridos na casa dos homens ratificam a masculinidade buscando provar sua potência. No aspecto negativo, opera a negação de qualquer comportamento atrelado ao feminino, com uma constante vigilância entre os homens dos comportamentos e uma objetificação sexual das mulheres. Um homem que seja observado como mais sentimental, ou frágil automaticamente é negado pelos demais, tendo seu valor aproximado de uma mulher, denotando assim um caráter misógino da masculinidade cobrada (Zanello, 2018).

Zanello (2018) apresenta ainda o conceito de embrutecimento, processo pelo qual, durante e após diversas inscrições da masculinidade tradicional, o sujeito passa a se vigiar constantemente, não se permitindo sofrimento ou vivências afetivas mais elaboradas. O fenômeno de tornar-se mais bruto considera a não penetrabilidade afetiva e sexual como constituinte do masculino, enquanto a passividade afetiva e sexual seria um traço feminino. Por fim, ainda de acordo com Zanello (2018), um dispositivo de eficácia muito presente na casa dos homens seria a cumplicidade entre os homens, seja pela compactuação de ideias e pensamentos, uma vez que compartilham símbolos, seja pela ameaça velada de exclusão e/ou aproximação de uma condição mais feminina de existência.

Em relação à dimensão institucional das masculinidades, os estudos se voltam à compreensão do modo como dispositivos institucionais participam da estruturação das relações de gênero. Para Butler (2003), por exemplo, na própria estruturação jurídica contemporânea as categorias de gênero se encontram engessadas, tendo como base a matriz heterossexual. Do mesmo modo, o conceito biológico como fim em si mesmo naturaliza processos culturais que fomentam a desigualdade entre gêneros. Podemos ainda pensar os banheiros públicos como um exemplo de dispositivo de gênero. Inicialmente o banheiro público foi pensado apenas para homens, já que para as mulheres era relegado o ambiente doméstico.

Após uma série de eventos históricos e conquistas de direitos, estabeleceu-se o banheiro feminino público. Contudo, a lógica heterocisnormativa e moralizante ainda se manteve (Cervi, Miskolci, Silva, & Pereira, 2019), tanto na própria divisão entre banheiros de “homens” e “mulheres” quanto nas expectativas apresentadas nos comportamentos dos usuários de

banheiros públicos, que vigiam ambiguidades de gênero, criticando, por exemplo, cabelos curtos ou falta de maquiagem no ambiente do banheiro feminino, enquanto no ambiente de um banheiro masculino, a virilidade é performada e cobrada, sendo utilizado o medo do olhar do outro como dispositivo de controle (Cervi et al., 2019).

Assim, dispositivos institucionais de gênero são práticas sociais apresentadas e normatizadas como a melhor forma de viver em detrimento de outras, expressas no ordenamento jurídico, nos discursos sobre saúde, lazer e projetos de vida, nas referências estéticas, culturais e midiáticas. Esses diversos controles externos sobre o corpo e o comportamento (Moraes, Carvalhaes e Peres, 2006) inseridos na experiência subjetiva em sua hegemonia ainda apresentam aos homens o modelo tradicional de masculinidade, como apontam diversos estudos. (Almeida & Jablonski, 2011; Santos & Postinguel, 2016; Saunders, 2017; Soares, 2011),

Por fim, o estudo das expressões de gênero na esfera das masculinidades se refere ao modo como homens compreendem e expressam suas identidades de gênero. Pesquisa de Goldenberg (2005), por exemplo, nos apresenta que homens quando questionados o que mais invejam em um homem, apresentaram como respostas valores como prestígio, inteligência, independência, poder e condição financeira. Ainda na mesma pesquisa, Goldenberg (2005), narra que ao se descreverem, os homens enfatizaram a altura e o corpo atlético como diferencial, bem como mostraram preocupação com o tamanho do pênis como símbolo de potência e virilidade. Goldenberg (2005) aponta ainda como tais valores característicos do modelo de masculinidade hegemônica estão na base de campos importantes do adoecimento masculino, como em casos de vigorexia.

Diversos estudos apontam para uma construção de padrões de masculinidade que abrangem diversos elementos socialmente sedimentados em campos como as organizações institucionais, as representações sociais, as práticas educacionais, as experiências relacionais, a reprodução midiática, etc. Tais elementos ainda mantêm hegemonia de um padrão de masculinidade hegemônica ligado ao exercício da dominação, que seria demonstrada por elementos como poder, virilidade, força, violência, inteligência, prestígio social e assim por diante (Kimmel, 1998).

Tal padrão de referência para as masculinidades implica não apenas a construção de experiências de violência de gênero na relação entre homens e mulheres e entre masculinidades hegemônicas e subalternas, mas também traz implicações à saúde e à subjetividade dos próprios homens. De acordo com Santos e Castejon (2016), a performance da masculinidade implica em

ltransfigurado de autossuficiência, o que acaba desembocando em sofrimento psíquico, sendo manifestado por comportamentos suicidas. Em especial entre homens que possuem uma sexualidade não heteronormativa, tais fatores se tornam ainda mais avivados, seja pelo medo de agressões e punições devido a comportamentos lidos como socialmente afeminados. Também elementos ligados à demonstração de força estão associados à maior incidência e de alcoolismo e menor procura por cuidados em saúde, bem como elementos de competitividade e violência associam-se ao maior índice de acidentes de trânsito e ao envolvimento com a violência urbana.

O processo histórico de reposicionamento dos lugares do masculino e do feminino que levou primeiramente às reflexões sobre o lugar das mulheres e das experiências à margem da referência heterocisnormativa e posteriormente ao questionamento do próprio lugar das masculinidades trouxe consigo a necessidade de criar elementos conceituais para as referências de masculinidade dominante e para outras formas de constituição e expressão das masculinidades. Nesse sentido, surgiram na produção científica, cultural e social como um todo, diversas expressões que procuram contemplar a relação entre o processo de subjetivação e as representações dominantes da masculinidade, tais como masculinidade hegemônica, masculinidade frágil e masculinidade tóxica.

O termo “masculinidade hegemônica” teve origem nos estudos de Carrigan, Connell e Lee (1985) em sua obra *“Towards a New Sociology of Masculinity”* sendo elaborado como um conceito para englobar e sistematizar as relações de poder que se observavam nas relações entre homem e mulher, bem como as relações entre os próprios homens e as demais masculinidades subordinadas (Connell & Messerschmidt, 2013). O processo de construção do conceito por pesquisadores australianos se deu através da análise de ideias inicialmente dissonantes ao observar pesquisadores e ativistas no campo dos estudos feministas (Connell, Messerschmidt, 2013).

Já o termo “masculinidade tóxica” foi elaborado na perspectiva de evidenciar a relação entre os modelos tradicionais de masculinidade e a produção de situações e relações de violência. Assim, para Nigro e Baracat (2018) masculinidade tóxica se refere à constituição da masculinidade por comportamentos violentos e repressão de afetividade justificados diante de um ideal de homem forte e viril. Nessa perspectiva, a reprodução da violência atrelada à representação tradicional da masculinidade seria “tóxica” para homens, mulheres e a sociedade em geral. Segundo Sculos (2017) o conceito “masculinidade tóxica” apesar de amplamente difundido na mídia e em debates não possui uma definição amplamente aceita, contudo

comumente é usado para englobar comportamentos do modelo tradicional de masculinidade como competitividade exacerbada, autossuficiência, misoginia, sexismo, glorificação da violência (física e digital), patriarcado e assim por diante.

Tais comportamentos observados na masculinidade tóxica acarretam sofrimentos tanto no âmbito social quanto pessoal (Sculos, 2017; Zanello 2018). Segundo a World Health Organization, WHO (2014), o suicídio entre homens é 3,5 vezes maior ao das mulheres em países de alta renda per capita e em países de baixa e mediana renda é de 1,5 vezes. Tais dados encontram reforço quando observamos o boletim epidemiológico do Ministério da saúde (Brasil, 2017), visto que 79% de 62.804 dos suicídios ocorridos entre 2011 e 2016 foram perpetrados por homens. Homens com sexualidade dissidente apresentam índices elevados, corroborando o componente de performance e virilidade sexual como preditor de sofrimento psíquico.

Observa-se também entre homens a predileção para formas de autoextermínio mais violentas, afastando assim um possível fracasso na tentativa, uma vez seria atribuído falta de coragem e não virilidade do sujeito (Canetto & Sakinofsky, 1998; Jaworski, 2010; Baére, Zanello, 2020)

Por fim, masculinidade frágil segundo DiMuccio e Knowles (2020) é um termo que abrange o comportamento compensatório dos homens buscando uma retomada da masculinidade hegemônica diante das novas masculinidades que surgem. As formas precárias de resolução da masculinidade hegemônica diante da ansiedade provocada por novas experiências do masculino levam a comportamentos estereotipados dos homens no intuito de se provarem “machos”. DiMuccio e Knowles, (2020) salientam que a expectativa diante do cumprimento dos papéis de gênero é característica tanto de homens quanto de mulheres. Contudo, a avaliação desses papéis incide de maneira diferente para homens e mulheres: enquanto mulheres sofrem avaliação dos homens via pressão social por manter um relacionamento, fenômeno que Zanello (2018) nomeia como dispositivo amoroso, os homens são avaliados por outros homens no jogo das masculinidades. Assim, o modo como um homem é observado pelos demais se torna um elemento importante de sua avaliação, gerando um constante temor de não ser considerado detentor natural da masculinidade, ou seja, ser tomado como “menos homem”, perdendo, por conseguinte, privilégios atrelados à classe “homem”.

Sendo assim, masculinidade frágil seria a preocupação exacerbada com a percepção externa de sua masculinidade diante dos demais. Por sua vez, tal preocupação geraria comportamentos estereotipados, de modo a reafirmar seu papel de homem diante de outros

homens (DiMuccio e Knowles 2020). A palavra frágil nesse contexto remeteria a um cuidado constante sobre o próprio comportamento, como se fosse um cristal frágil que seria quebrado sem o devido zelo, o que denota um paradoxo com a ideia de poder e força da masculinidade hegemônica e com a ideia de fragilidade geralmente atribuída ao feminino.

Podemos também compreender o conceito de masculinidade frágil a partir dos estudos de Zanello (2018). Embora a autora não utilize tal expressão, aborda em sua análise os elementos de reprodução dos ideais de masculinidade, estruturados na subjetivação pela eficácia, que abrange tanto a demonstração de potência e dominação e quanto a negação dos elementos considerados femininos, o que implica práticas de misoginia. Diante de qualquer sinal de feminilidade presente em um comportamento, os dispositivos de eficácia como misoginia, embrutecimento, violência virilista agem de modo a repreender o comportamento tido como destoante e reafirmar o valor da masculinidade hegemônica. Tal processo se dá tanto num comportamento de autovigilância constituído a partir da socialização quanto num processo de vigilância constante dos atores com os quais se interage no meio social, levando a um sacrifício de possibilidades de ser e sentir em nome da manutenção de algum poder entre os homens. Podemos então, a partir do processo descrito por Zanello (2018), compreender a masculinidade frágil como a reprodução estereotipada do modelo de masculinidade diante do receio de ser mal avaliado, rejeitado ou retaliado por outros homens.

Se as mudanças sociais que colocam em xeque a relação entre o modelo tradicional de masculinidade levam a reações contrárias e tentativas de adaptação, também abrem espaço para a criação de novas formas de ser masculino, compondo um campo complexo nos processos de subjetivação da masculinidade contemporânea. A partir da década de 1960, foram observados os primeiros sinais dos “novos homens” no Movimento da Contracultura, mostrando que os papéis relacionados às identidades estavam sendo questionados (Nolasco, 1995).

Em resposta aos questionamentos de privilégios e posições de poder masculinos, surgem ainda na década de 1970, nos Estados Unidos, “grupos de expansão de consciência para homens” com objetivo de ajudar a compreender tais mudanças e construir espaços relacionais articulados a elas (Astrachan, 1989). Tais grupos vêm se disseminando, ainda de modo incipiente, para outros locais do mundo, inclusive no Brasil (Freitas, Oliveira-Machado e Scarparo, 2012). Um exemplo destas experiências no Brasil é o grupo Guerreiros do Coração, originado em 1993, que realiza reuniões periódicas, reflexões e debates entre homens que buscam reconstruir sua masculinidade de modo mais saudável (Freitas, Oliveira-Machado & Scarparo, 2012).

Além dessas experiências, referências a novos modelos de masculinidade também surgem em produções midiáticas e culturais. Por exemplo, o filme *Capitão Fantástico* aborda, como modelo de masculinidade, a representação de um pai que assume o cuidado e educação dos filhos, antagonizando os papéis tradicionais de gênero e o modelo patriarcal de família (Oliveira, Vila, & Rocha, 2019). A propaganda “Nós acreditamos: o melhor que os homens podem ser”, da multinacional Gillette, aborda cenas de homens que impedem a violência ao invés de cometê-la: pais dão exemplo aos filhos separando brigas de crianças e homens impedem outros homens de assediar mulheres, representando novos modelos de masculinidade, mais compreensivos, inclusivos e alinhados à igualdade de gênero (Bizan, 2019; Nascimento & Fischer, 2021). Também o filme *Moonlight*, (2016) é analisado por Moreira e Fabretti, (2018) como obra cinematográfica que apresenta questionamentos ao modelo tradicional bem como novos para a masculinidade de um personagem negro e homossexual, as variantes sociais de sua vida e um paralelo com a realidade de muitos. Outro exemplo é a série *Sex Education*, em que se notam novas configurações dos papéis de gênero, sexualidade e identidade, assim como há uma crítica dos danos da masculinidade hegemônica nas relações entre os personagens e em sua saúde mental (Fritzen, Bonchristiani, Lange & Moraes, 2021).

Apesar de tais avanços, esse processo traz grande conflito identitário, provocando sofrimento emocional tanto pela falta de novas referências para “ser homem” quanto pelos processos de retaliação e marginalização sofridos na socialização masculina ao se adotar uma postura crítica à masculinidade hegemônica (Zanello, 2018). Por exemplo, o próprio comercial da Gillette sofreu reações negativas de alguns homens que se identificaram com as condutas inadequadas impedidas por outros homens em detrimento aos novos modelos de masculinidade (Nascimento & Fischer, 2021).

É nesse contexto que alguns homens buscaram se organizar com seus pares quando confrontados com as mudanças oriundas das pautas identitárias de gênero e com o questionamento “o que é ser homem hoje?”, buscando modos de responder tal indagação Méndez (2001) apresenta cinco classificações de movimentos protagonizados por homens, sendo dois voltados ao questionamento dos papéis tradicionais de gênero e três dirigidos à manutenção do modelo tradicional de masculinidade. O movimento Profeminista ou anti-sexista tem como origem os movimentos de direitos civis. Através da reflexão crítica sobre os privilégios oriundos da dominação de gênero promovem atividades de grupo e estudos pelas quais buscam difundir novas estratégias de comportamento por parte dos homens e alicerçar novos modelos de masculinidade Méndez (2001). O Movimento das Terapias da

Masculinidade, originado a partir dos anos 1980, possui duas vertentes. Na mais conhecida, se pensam novas formas de identidade diante da crise da masculinidade hegemônica. O foco principal é a ressignificação da masculinidade, dando vazão à crise provocada pelo questionamento dos papéis tradicionais de gênero e não adentrando sobre questões próprias da desigualdade estrutural e política ligada às referências de gênero. A segunda já tem como característica o debate de gênero como premissa e está ligada a instituições de pesquisa e de saúde, com questionamento frequente da relação com as mulheres, da homofobia e dos privilégios do masculino Méndez (2001).

Entre os movimentos que buscam a manutenção do modelo tradicional de gênero, temos o movimento Mitopoético, alicerçado majoritariamente em homens brancos heterossexuais que advogam pela retomada de uma suposta “energia masculina”, identificada em elementos mitológicos, culturais, religiosos, entre outros. Méndez (2001) associa tal grupo à era conservadora de Reagan (1981-1989), como uma resposta aos avanços dos movimentos feministas até a década de 1970, reforçado pelos efeitos da ausência de figuras masculinas devido a perdas humanas em guerras. Assim, o movimento buscava resgatar uma representação da masculinidade baseada na figura do herói ou pai provedor e no papel pretensamente masculino de liderança e proteção dos grupos sociais. Esse movimento não se opõe aos avanços feministas quando se referem à conquista de igualdade civil, tal como no direito ao voto e ao trabalho, porém advoga por representações tradicionais no campo simbólico, mantendo as redes de significado sobre o feminino e o masculino e desconfiando de mulheres em posições de liderança, vida pública ou poder.

Já o movimento de Direito dos Homens tem em sua configuração tanto homens que buscam a defesa de direitos de parentalidade quanto de direitos igualitários no que se refere a elementos como o alistamento militar, aposentadoria, entre outros. Enxergam que apesar de necessário, o feminismo relegou desigualdades sofridas pelos homens e suas questões e criticam os obstáculos legais para o exercício da paternidade. Embora discuta elementos que têm como origem a divisão tradicional de gênero, o movimento não discute a influência da divisão histórica entre o papel cuidador e o provedor enxergam nos elementos pelos quais lutam, como o lugar da mãe nas leis e nas diferenças de aposentadoria, bem como a produção histórica do lugar masculino no serviço militar (Méndez, 2001).

Por fim, o Fundamentalismo Masculino pauta-se pela masculinidade hegemônica, busca a perpetuação da dominação masculina, rejeita os avanços do feminismo e comumente

está associado à direita ultraconservadora, promovendo práticas que buscam a manutenção dos privilégios dos homens (Méndez, 2001)

Embora tal classificação possa auxiliar em termos didáticos e de pesquisa, é possível ter elementos de diferentes perspectivas numa mesma experiência. Como exemplo Freitas, Oliveira-Machado e Scarparo (2012) identificam no grupo Guerreiros do Coração tanto características dos Movimentos Mitopoéticos quanto de Movimentos das terapias da Masculinidade, visto que ao mesmo tempo que se preocupam com a essência masculina, buscando algum sentido espiritual para suas questões, buscam também debater as questões de gênero e possíveis rearranjos mais saudáveis para seus membros.

Embora no Brasil pautas como a libertação da sexualidade e o combate ao racismo já estivessem consolidadas no debate acadêmico e em movimentos sociais desde meados de 1970, somente a partir de 1990, com o fim do período ditatorial se observou uma disseminação dessas pautas no debate público generalizado, principalmente com o avanço social da Web 2.0 (Lopes, 2010), na qual o usuário é também produtor de conteúdo e não apenas um espectador do conteúdo produzido por terceiros. Como característica deste espaço, a pluralidade de interpretação e de ativismo possibilita um enriquecimento nos papéis ligados a movimentos políticos, especialmente aos de sexualidade e gênero, muitas vezes tidos como tabus nos espaços tradicionais como família, escola e igrejas (Lopes, 2010).

Nesse contexto de interação virtual, em que temas podem ser pautados por sujeitos anônimos e o protagonismo do conteúdo é dividido por múltiplos agentes que ao mesmo tempo consomem esse conteúdo (Lopes, 2010), ocorreu não apenas a intensificação de debates sobre as desigualdades sociais, incluindo-se a desigualdade de gênero, como também a popularização de conceitos próprios ao estudo de gênero, tais como “cultura do estupro”, “relações de gênero”, entre outros.

Assim, é na perspectiva da dimensão alcançada por essa disseminação dos discursos virtuais e pela atualidade do problema das novas masculinidades que o presente trabalho busca investigar as narrativas espontâneas construídas em torno de novos modos de representação do masculino, buscando compreender suas potencialidades, seus dilemas, seus conflitos, seus processos de diferenciação/reprodução das representações tradicionais sobre o masculino. Para Soares, Chamusca e Ferreira, (2020), novas tecnologias de comunicação, especialmente mídias audiovisuais como o Youtube tem um papel central nas novas configurações de subjetivação e construção identitária dos sujeitos, inclusive de novas masculinidades.

Método

A presente pesquisa tem como objetivo investigar as interações, reações e discursos de homens heterossexuais frente a novas representações e narrativas sobre a masculinidade, questionadoras das representações tradicionais de gênero. Para tanto, adotou uma metodologia qualitativa, tendo como campo de pesquisa as redes sociais, campo no qual foram identificados relatos e conteúdos sobre as representações da masculinidade e discussões sobre a experiência dos homens diante da reconstrução das significações sobre o assim chamado masculino.

Para Silva (2015) a netnografia é uma adaptação da etnografia aplicada ao mundo virtual para análise de dados a fim de chegar a uma assimilação e representação de um fenômeno observado em redes virtuais. Sendo assim é adequada para estudos onde visa analisar fóruns, sites, blogs, plataformas de vídeos e assim por diante. Conquanto o presente artigo não faça uso da abordagem netnográfica, tanto no seu método quanto em sua análise, se fizeram úteis referências da mesma de modo a caracterizar os dados obtidos a partir da internet.

A internet como campo sociocultural carrega algumas características quando consideramos as interações nela presentes. Ao contrário das interações intersubjetivas presenciais, nas quais a fala, expressões corpóreas e faciais, o contexto ambiental, demais registros visuais e linguísticos demandam um papel preponderante, as relações virtuais por vezes carecem de tais signos sociais de forma conjunta, ou mesmo isolados, caracterizando assim uma interação de forma singular, por vezes anônima, sendo observada uma diminuição da inibição e conseqüentemente o relato de conteúdos mais íntimos (Ferro, 2015; Nogueira, Gomes e Soares, 2011).

A perda de um enquadre ambiental determinado, bem como de alguns signos sociais, assim como fornece um ambiente mais propício para relatos anônimos, também é um ambiente com possível falta de veracidade ou mesmo no qual há possibilidade de identificação de alguns sujeitos num contexto de pesquisa (Ferro, 2015; Nogueira, Gomes e Soares, 2011).

Ao considerar o ciberespaço como ambiente de pesquisa, Pereira e Monteiro (2019) apresentam como características inerentes ao contexto virtual a utilização de novas linguagens, signos e códigos compartilhados pelos membros, demonstrando formas específicas de interação do ambiente em que estão inseridos.

Ferro (2015) salienta que, ao estudar comunidades culturais virtuais, não temos um local físico fixo, porém não se pode desprezar a influência cultural e local na interação das pessoas em ambientes virtuais, presentes em seu modo de agir e pensar sendo tais aspectos basilares

para a interação das pessoas no ambiente cibernético. Por outro lado, os próprios ambientes virtuais são também diversos, havendo espaços nos quais um grupo relativamente seleto de membros está em interação, tais como comunidades que necessitam de permissão para participação, espaços abertos que, todavia, são frequentados por grupos específicos, tais como fóruns de discussão temáticos e espaços abertos cuja manifestação é pública e visível a todos os que encontram o conteúdo, tais como comentários em notícias de jornal ou plataformas de vídeo. No caso da presente pesquisa, os dados foram colhidos em ambientes virtuais de interação pública.

Silva (2015) e Kozinets (2014) nos relatam que na netnografia são previstos três tipos de dados virtualmente produzidos: arquivais, que caracterizam material já pronto produzido por sujeitos, dados oriundos da interação online entre pesquisadores e participantes, como em um fórum por exemplo, e por fim dados produzidos em anotações e análises do pesquisador, como um diário de campo de interações virtuais. Optamos por tratamento de dados arquivais, de tal modo a analisar dados previamente produzidos de maneira espontânea pelos produtores de conteúdo da plataforma social

Segundo Nogueira, Gomes e Soares (2011) trabalhos acadêmicos sobre a metodologia de pesquisa em ambiente virtual ainda são poucos, apesar de terem crescido constantemente pesquisas onde se considera o uso de blogs, sites e ambientes virtuais. Para Pereira e Monteiro (2019) como sociedade estamos cada vez mais imersos no mundo virtual, muitas vezes interagindo diretamente com nossas vidas pessoais, sendo que a pesquisa nesse ambiente pode colaborar para a compreensão das próximas gerações conectadas ao ciberespaço. Nesse sentido, a utilização da internet como campo da presente pesquisa é significativa tanto no sentido de abordar um tema contemporâneo e que possui ainda poucos estudos como é o caso das transformações nas representações sobre a masculinidade quanto no sentido de compreender o ambiente virtual como espaço de construção de narrativas e expressão identitária.

Como material de pesquisa, foi utilizado um computador com acesso à internet. O navegador utilizado foi o Google Chrome, versão 86.0.4240.183, sendo utilizado também o buscador Google. Trata-se de um buscador e indexador de sites online que é responsável por mais de 94% do tráfego de pesquisa por celular e tablet e representa 76% da pesquisa global de desktop NetMarketShare, 2016 apud Mcevoy 2016). O Google foi acessado via aba anônima, sem o login de nenhuma conta, visto que assim qualquer informação outrora pesquisada é desconsiderada pelos mecanismos de pesquisa.

O buscador Google possui, logo abaixo do campo de digitação para pesquisa, as opções “Todas”, “Notícias”, “Imagens”, “Vídeos”, “Shopping”, “Mais”, “Configurações” e por fim “Ferramentas”. “Todas” é o padrão onde fornece os resultados básicos, as opções seguintes são direcionamentos para o tipo de busca, podendo ser imagens, vídeos ou itens de mercado na opção “Shopping”. Na configuração “Mais” ainda segue essa lógica, ofertando serviço de mapa, voos, finanças ou livros.

Ao escolher “Configurações”, é apresentado as opções “Configurações de Pesquisa”, onde é possível bloquear conteúdo explícito, regular o idioma e o número de resultados por página e modular a pesquisa por voz. O campo “Ocultar conteúdo explícito” é um atalho para a configuração de bloqueio acima mencionada. Ainda no mesmo menu, existe o campo “Pesquisa avançada” “Histórico de Pesquisa”, “Seus Dados na Pesquisa” e “Ajuda na Pesquisa”. Ao selecionar “Ferramentas” nos é dada a possibilidade de filtragem por idioma, data da postagem e se queremos a pesquisa por expressão literal. Nenhuma configuração de pesquisa avançada foi utilizada.

Como optamos por pesquisa em aba anônima, não existe um histórico de pesquisa tão pouco dados de pesquisa previamente salvos, visto que é necessária uma conta logada para o agrupamento de tais informações. Ao clicar em “Pesquisa avançada” são abertos vários campos para filtragem, como busca por expressão ou frase exata, por intervalo de números, ou mesmo exclusão das palavras, contudo nenhum desses filtros foi relevante para o objetivo inicial do estudo.

Como instrumentos de pesquisa de conteúdo, foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: ser homem, masculinidade, masculinidade frágil e masculinidade tóxica. As palavras-chave “ser homem” e “masculinidade” foram utilizadas de maneira generalista, uma vez que pode descrever qualquer representação sobre a condição de ser homem difundida socialmente pela internet. Já as palavras-chave “masculinidade frágil” e “masculinidade tóxica” foram utilizadas por usualmente representarem, no universo da internet, expressões críticas à representação tradicional da masculinidade, ligada às desigualdades de gênero.

No processo de pesquisa com as palavras-chave, desprezamos propagandas, visto que elas utilizam outros critérios para exposição e não o engajamento dos usuários ou visualização. Ainda assim, vale lembrar que existe algum risco de contaminação na utilização do Google, pois conteúdos pagos indexam alguns sites em detrimento de outros como é recorrente na internet. Todavia, considerou-se que isso é minimizado pelo caráter pouco comercial do tema. Após uma triagem nas primeiras opções ofertadas, observamos que apesar da pesquisa pelo

Google nos dar um número alto, os critérios de pesquisa não eram contemplados, principalmente no quesito engajamento, ou seja, interação dos usuários através de relatos. Apesar de resultados mais lidos serem disponibilizados primeiro, não era possível filtrar a pesquisa no Google em termos de número de acessos e visualizações pelas próprias limitações da plataforma. Na Tabela 1 se encontra a relação das pesquisas feitas e resultados para cada palavra-chave.

Tabela 1
Pesquisa Google

Palavra-chave	Resultado
Ser homem	313.000.000
Masculinidade	1.610.000
Masculinidade Frágil	238.00
Masculinidade Tóxica	163.000

Dentre os resultados das pesquisas do Google, foram alguns vídeos da plataforma YouTube com grande número de acessos. Como o engajamento é algo notório no YouTube, visto que a opção de comentários quase sempre é utilizada, tivemos assim a possibilidade de observar nosso objeto de estudo. Desse modo, optou-se pela utilização desta plataforma/ rede social para realização da pesquisa, considerando-se ainda que a ferramenta de pesquisa do YouTube ofereceu os filtros necessários para a pesquisa, como número de visualizações e comentários. Ao contrário do Google, o YouTube não disponibiliza o número de respostas encontradas. Em contrapartida, fornece a ferramenta “Filtro”, que disponibiliza informações como “Data do Upload” (Quando disponibilizado na plataforma), “Tipo” (Canal, filme, programa), “Duração” (em minutos), “Características” (técnicas, como qualidade de resolução, 3D, 360° e etc) e por fim “Classificar por”, em que temos as opções “Relevância”, “Data de Envio”, “Contagem de Visualizações” e “Classificação”.

Quando se faz uma busca no YouTube, a plataforma considera os termos usados, o histórico de pesquisa, os vídeos mais acessados que compreendam conteúdo relacionado às palavras-chave, os mais relevantes (em número de comentários), melhor avaliação e quais têm perfis mais próximos do seu. (Creators, 2017). A plataforma busca, deste modo, fornecer um conteúdo de acordo com os interesses do usuário e com isso engajá-lo cada vez mais.

Na procura padrão, o filtro “Relevância” já é selecionado de modo automático. Embora possamos compreender que para uma busca específica a relevância possa significar um enviesamento do conteúdo oferecido para a plataforma que potencialize o alcance de alguns vídeos, para a presente pesquisa optamos por considerar como critério o alcance efetivo de um conteúdo em relação ao público. Desse modo, nas configurações da pesquisa do YouTube

optou-se por seleccionar o número de visualizações, considerando que vídeos com maior alcance teriam mais alta possibilidade de ilustrar uma representatividade maior do interesse dos usuários.

Através do mecanismo de pesquisa presente no YouTube não é possível ter acesso ao número de vídeos relacionados à palavra-chave. Desta forma optamos por utilizar como primeiro filtro o número mínimo de 90.000 visualizações alcançadas. A Tabela 2 apresenta a relação das palavras-chaves com quantos vídeos foram encontrados respeitando o limiar já mencionado.

Tabela 2
Pesquisa YouTube

Palavra-chave	Vídeos com mais de 90.000 visualizações
Ser homem	70
Masculinidade	76
Masculinidade Frágil	19
Masculinidade tóxica	20

*pesquisa feita entre 09/20 e 10/20

Na etapa seguinte da pesquisa, foram analisados os 20 vídeos de maior visualização para cada palavra-chave. O intuito era verificar as significações e representações do masculino mais veiculadas no YouTube. Tal análise se encontra na primeira parte dos resultados.

Analisamos aspectos como veiculador do vídeo, os principais assuntos e as diferenças do conteúdo de acordo com a palavra-chave buscada.

Foram excluídos vídeos apresentados por mulheres ou cujos apresentadores se declarassem homossexuais ou transexuais ou ainda mostrassem expressão de gênero claramente ligada a elementos considerados femininos.

Foram também excluídos vídeos com conteúdo humorístico, lúdico ou meramente de entretenimento como principal característica. Buscamos assim incluir vídeos os quais a questão da masculinidade fosse o principal foco, onde observamos a proposta/defesa de alguma performance de masculinidade, crítica e que provocasse no telespectador reflexão.

Limitou-se a no máximo cinco vídeos por categoria, de modo a ilustrar de forma satisfatória cada palavra-chave.

O material então obtido foi analisado buscando trabalhar as possíveis representações de masculinidade que se observou nos vídeos e estão presentes nas Tabelas 3, 4, 5 e 6 de acordo com cada palavra-chave.

Resultados e Discussão

1. O contexto geral de representações da masculinidade na internet

1.1: “Ser homem”

Tabela 3
Pesquisa “Ser Homem”

Vídeo	Canal	Visualização	Comentários	Conteúdo do vídeo
3 palavras que não devem ser ditas a um homem (Igreja Universal)	Igreja Universal	2.751,971	Comentários desativados	Conteúdo religioso com orientações para que mulheres reproduzam a representação da masculinidade tradicional.
Aprenda a ser um Homem de Verdade - Evandro Guedes	Fábrica de Motivação	1.244.307	1.141	Palestra Coach onde reforça o comportamento masculino tradicional
COMO FICAR MAIS BONITO (E ser um homem menos feio em 9 truques simples)	Manual do Homem Moderno	680.135	2.379	Aborda o tema da masculinidade a partir do questionamento das representações tradicionais de gênero, sob o modo de apresentação de “dicas” de viés humorístico.
Como deixar de ser infantil e se tornar um Homem Maduro Dicas do Cachorrão Vol. 10*	Manual do Homem Moderno	649.057	1.157	Aborda o tema da masculinidade a partir do questionamento das representações tradicionais de gênero, sob o modo de apresentação de “dicas” de viés humorístico.
Como ser um Macho Alfa	Alphalife	436.047	536	Forte teor opinativo, reproduzindo a masculinidade tradicional, abordando pejorativamente o feminismo e outros temas correlacionados.

Nota: O vídeo “Como deixar de ser infantil e se tornar um Homem Maduro”, não se encontra mais disponível YouTube.

A palavra-chave “ser homem”, utilizada metodologicamente por possuir um caráter mais generalista, teve como primeiro vídeo em número de visualizações uma produção de caráter religioso, intitulado “3 palavras que não devem ser ditas a um homem (Igreja Universal)”. Num contexto de orientação para o comportamento dos casais, o vídeo afirma como constituintes de uma suposta “essência” masculina características de “orgulho” e “liderança”. Tal vídeo é protagonizado por um pastor evangélico e reafirma as representações da masculinidade ligada à desigualdade de gênero, demonstrando a importância do papel de algumas igrejas neopentecostais na reprodução no ideário patriarcal de masculinidade. Embora possamos encontrar nesse campo religioso um complexo entrecruzamento de vertentes, em que novas agremiações advogam o direito ao pertencimento de pessoas LGBTQA+ (Oliveira, 2017) e permitem o protagonismo de mulheres pastoras (Gabatz, 2016), ainda há uma hegemonia da

disseminação da masculinidade tradicional (Oliveira, 2012; Martins, 2019), reforçada por estereótipos de vertente mitopoética, seguindo a classificação de Méndez (2001).

O segundo e o quinto vídeos mais visualizados possuem conteúdo de reafirmação da masculinidade tradicional, todavia fora do contexto religioso. O segundo vídeo com a alcunha “Aprenda a ser um Homem de Verdade - Evandro Guedes“ consiste em uma palestra de objetivo motivacional proferida por um policial militar para interessados em prestar concurso na segurança pública, em que o palestrante sugere a necessidade de um desempenho inferior das mulheres entre casais que venham a prestar o concurso, inclusive valendo-se de boicote ao estudo das companheiras, para garantir que o companheiro não seja humilhado no início da formação policial. Em outras palavras, o vídeo sugere a utilização de violência psicológica contra as mulheres como forma de garantir lugar na casa dos homens (Welzer-Lang, 2001) formada na instituição policial, com foco na socialização pautada na dominação masculina no interior das polícias.

Observa-se que o vídeo pauta a propaganda de valores recorrentes da masculinidade tradicional, apontando como inerentes às polícias comportamentos como virilidade, força, status social que, conforme Kimmel (1998), são idealizados pelos homens como modelo a ser seguido. Tais performances de masculinidade também são exemplificadas no vídeo quando o apresentador narra como deve ser o comportamento sexual dos homens, baseado na força e imposição física, ou mesmo ao negar a possibilidade da divisão de uma conta de restaurante, recorrendo à dominação financeira e alegando que “direitos iguais não servem para nada”. Além disso, o palestrante afirma que a duração do relacionamento depende de que a mulher esteja numa posição inferiorizada em relação ao homem, reproduzindo elementos que Bourdieu (2010) identifica no campo simbólico e conseqüentemente no *habitus* das sociedades influenciando nossos costumes, nas quais a durabilidade de um relacionamento é atribuída à submissão das mulheres e governança por parte dos homens, comum a sociedades patriarcais.

Em outro trecho, o apresentador alega não ser machista por aplicar violência contra homens que batem em mulheres. Desprezando o rito judicial adequado, ele narra que em sua atuação policial utilizava de violência física como tratamento, ameaçando o infrator de inserir um dedo em seu ânus caso houvesse denúncia ou reclamação do procedimento. A ideia por trás deste ato seria da virilidade sexual de modo negativo, caracterizando assim como dispositivo de eficácia. Zanello (2018) explica que atos ou ações que remetem a penetração, inserir, forçar, de forma ativa demonstram prestígio para o homem e atos passivos como ser penetrado, fechar seriam vistos como estigma, condição inferior do sujeito, sendo este feminilizado. Segundo

Zanello (2018), os dispositivos de eficácia na construção das masculinidades tradicionais pautam-se na valorização da virilidade sexual compulsória que em última análise se pauta na misoginia, pois pressupõe o uso sexual objetificado das mulheres. Assim, ao submeter outro homem a uma posição de penetrabilidade e passividade, o operador de um dispositivo de eficácia coloca tal homem da condição das mulheres, como sujeito submisso, a partir de então pertencente a um grupo subalterno na casa dos homens.

O vídeo é um representante consistente do fundamentalismo masculino e sua ampla difusão representa um alerta para os potenciais riscos da forte disseminação de um ideal masculinidade pautado na competitividade, na dominação e na violência entre as forças de segurança pública. Nesse aspecto, é preciso considerar que tais discursos ocorrem num cenário de dados alarmantes sobre a violência policial e doméstica: o Brasil possui a segunda polícia mais letal da América Latina (Bueno; Marques; Pacheco; Nascimento, 2019) e uma em cada três mulheres sofrerá algum tipo de violência por parceiro íntimo ao longo da vida (Cerqueira et al., 2019). Assim, levanta-se um campo de pesquisa sobre a relação entre afirmação da masculinidade tradicional e disseminação da violência policial.

O quinto vídeo “Como ser um Macho Alfa” é produzido por um youtuber que se autodenomina “coach de relacionamentos”, possui um canal e uma plataforma paga que se intitula “a maior escola de desenvolvimento pessoal da América Latina” segundo o texto divulgado em site na internet¹. Toda a plataforma, assim como o vídeo analisado, baseia-se na ideia de masculinidade como performance do “macho alpha”. No vídeo, o autor explica o termo alpha como oriundo da biologia, justificando a partir de referências darwinistas a dominação de certos indivíduos da espécie e comparando referências biológicas como a juba do leão a referências sociais como status social e dinheiro, interpretando ambas como funcionamento biológico das espécies. Elenca supostas características de um macho alpha, que incluiriam a liderança e o cuidado/controlado do grupo. Aborda também fenótipos corporais, como barba e altura, enquanto elementos de atração sexual biologicamente determinados. O vídeo advoga firmemente por uma dominação masculina, utilizando a biologia como elemento de justificativa determinante, sem quaisquer considerações sobre fatores sociais ou mesmo sobre estudos mais recentes da própria etologia, que vêm questionando padrões tradicionais, desde a identificação de indivíduos homossexuais em várias espécies até revisões sobre as relações de cooperação,

¹ Informações acessadas nos sites <https://www.alphalifeacademy.com.br> e <https://focuslife.com.br/alphalife-premium-escola-de-desenvolvimento-pessoal/> em 1/08/2021. No site se encontram também os preços para assinaturas de mensais, semestrais e anuais, que variam de 28 a 57 reais.

competição e o papel da paternidade em sociedades animais (Despret, 2011, Ramos & Lencastre, 2013).

A análise do vídeo, que pode ser enquadrado tanto como mitopoético quanto como fundamentalismo masculino (Méndez, 2001), permite chamar a atenção para o risco da construção de um processo de comercialização da masculinidade tradicional. Nesse sentido, encontramos no vídeo o entrecruzamento de duas dimensões socioculturais: a autorrealização individualista de viés neoliberal e a reprodução do modelo tradicional de gênero articulado à noção de darwinismo social. De um lado, a ideia de liberdade e autorrealização compreendida em um sentido essencialmente utilitarista e individualista representa um fenômeno do capitalismo neoliberal, já presente em dispositivos culturais anteriores, como os livros de autoajuda, nos quais segundo Bauman (2001) por meio da capitalização do sofrimento, são oferecidos exemplos a serem seguidos ao mesmo tempo em que dificuldades na realização de objetivos por parte do sujeito é sinônimo de fracasso pessoal. Bauman (2001) aponta que a construção desse discurso tem seu lastro histórico na desestruturação das redes de apoio social de Estado a partir do desenvolvimento do capitalismo neoliberal, que desarticulou o capital do território, fragilizando os vínculos relacionais e garantias sociais. Tal fragilização ganhou sustentação ideológica na autorresponsabilização dos sujeitos, numa perspectiva profundamente individualista e destituída do contexto coletivo de garantia de direitos sociais mínimos. Diante de um estado de crescente anomia social e das incertezas de como agir, a culpa que é atribuída ao sujeito de modo privado leva à busca por algo que dê alguma resolução as angústias de abandono social, resultando por vezes na procura de modelos de vida e comportamento que são vendidos como formulas de sucesso. (Bauman, 2001). Ao mesmo tempo, a não realização do próprio sujeito é ventilada culturalmente como algo a se temer. Tal contraposição fomenta uma indústria de modelos, seja de corpos, ações ou status social, fragilizando a divisão entre privado e público.

Já a relação entre estereótipo tradicional de gênero e darwinismo social pode ser encontrada desde o século XIX. Já no prefácio e na primeira tradução francesa de *A Origem da Espécies* (1826) de Darwin, Clémence Royer, apesar de ser mulher, ter um papel importante como intelectual do seu tempo e advogar a participação feminina na confecção das leis, interpreta as diferenças de gênero a partir de conceitos da teoria da evolução, utilizando-os como argumento para uma suposta inferioridade feminina que poderia ser compensada pela educação. Clémence Royer foi criticada, sobretudo, por ser uma mulher intelectual, posição então unicamente masculina, todavia seu posicionamento acadêmico foi posteriormente

utilizado no que conhecemos como darwinismo social, embora o próprio Darwin tenha criticado a adulteração de sua obra (Farias, Sepulveda, 2020). Na perspectiva do darwinismo social, o sistema educacional brasileiro foi debatido em 1870 a partir da proposta de uma educação de crianças feita unicamente por mulheres, justificada por supostas habilidade natural para o cuidado, o que demonstrava a relação entre justificativas biológicas de características consideradas intrínsecas e manutenção da divisão de papéis de gênero (Mauricio, 2021).

A partir do final do século XIX, a defesa do darwinismo social inspirou também a eugenia de Galton (Guerra, 2006) e atingiu diversos países, não apenas nas questões de gênero, mas na justificativa e reprodução de desigualdades raciais e de classe, abrangendo campos como a associação da população negra à criminalidade (Horcasitas, 1996), a defesa do anti-semitismo (Nunes, 2014) a exclusão escolar e os programas de educação especial (Bolsanello, 1996), propostas de branqueamento da população brasileira e determinação de direitos de imigração (González-Pizarro, 2020), entre outros. Tal naturalização positivista e acrítica das desigualdades sociais teve seu auge com o holocausto nazista da Segunda Guerra Mundial (Guerra, 2006). Após a derrocada nazista, palavras ligadas a eugenia e darwinismo social foram suprimidas no campo científico, contudo observa-se diversos movimentos acadêmicos de âmbito internacional que propagam valores eugênicos travestidos dos mais variados termos e muitas vezes tendo ressonância em políticas públicas estatais. (Bolsanello, 1996; Guerra, 2006; Yu, 2010).

Atualmente ideias com origem no darwinismo social são observadas em campos como o planejamento genético, uso de bancos de DNA, impedimento reprodutivo de “indesejáveis” a partir de exames precoces de doenças genéticas por seguradoras e planos de saúde, na fertilização *in vitro* e no controle de imigração (Guerra, 2006). Tais ideias têm influência em diversos países, retomadas principalmente na seleção e melhoramento genético, pesquisas *in vitro* e demais áreas da biologia. Na Coreia do Sul, a adoção de tecnologias de seleção biológica pauta-se na crença da superação de países vizinhos e ocidentais (Yu, 2010), enquanto nos Estados Unidos a lógica neoliberal rege os comportamentos do setor de tecnologia de reprodução assistida, seja na procura de doadores específicos de acordo com a demanda, observando assim a valorização de critérios, como altura, escolaridade, religião e etnia, semelhantes com ditames eugênicos. (Daniels & Heidt-Forsythe, 2012). No Brasil apesar do CRM (Conselho Nacional de Medicina) e a constituição coibir a comercialização e seleção dos gametas, existe uma convivência governamental e procura por essa modalidade, muitas vezes importando material com as características fenotípicas desejadas, aproveitando dos vazios

institucionais e jurídicos característicos do nosso país (Oliveira, 2009). Discutidas no campo que hoje se denomina de bioética, que aborda os posicionamentos morais e ideológicos sobre as pesquisas e ações dos agentes de saúde, tais ideias têm recebido inúmeras críticas por fortalecerem formas mais sofisticadas de reprodução de preconceitos e exclusão social (Daniels & Heidt-Forsythe, 2012; Guerra, 2006; Oliveira, 2009; Yu, 2010).

No Brasil, a história da eugenia remonta aos primeiros momentos da colonização, em que os portugueses já tomavam os indígenas como raça inferior e utilizaram o mesmo argumento como dispositivo ideológico de manutenção da escravidão. Porém, a partir do final do século XIX disseminam-se discursos ligados a campos da saúde, principalmente a medicina. A Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), fundada em 1923, teve papel relevante nas políticas estatais da época, propagando valores eugenistas em diversas áreas, sobretudo saúde pública, educação e direito. Tal atuação justificava diretrizes supostamente científicas para práticas sexistas, racistas e xenofóbicas visando patologizar e criminalizar minorias políticas, levando à abordagem psiquiátrica e criminal de populações negras, indígenas, pobres, mulheres, trabalhadores e, por vezes, opositores políticos aos governos. Por outro lado, as concepções eugênicas reproduziam o lugar colonizado ao eleger como modelo civilizatório a Europa e posteriormente os Estados Unidos (Borges, 2020). Segundo Zadroski, (2019) é possível aferir em diversos momentos da história brasileira um caráter eugenista, mesmo que implícito, quanto ao controle de natalidade, especialmente sobre a população negra e pobre. Apesar de haver diretrizes constituintes claras quanto à liberdade da mulher e direitos gestacionais desde a Constituição de 1988, entre 1980 e 1990 o número de violações obstétricas contra mulheres negras era nitidamente mais elevado quando comparado com mulheres brancas, tendo ressonâncias ainda nos tempos atuais (Zadroski, 2019).

No campo das relações de gênero, os problemas ligados à justificativa biológica das desigualdades sociais acabam por reproduzir as práticas de dominação. A ideia de que o comportamento performado pela masculinidade hegemônica é de origem biológica e por isso natural, expressa na noção de macho alpha veiculada no vídeo, é abordada nos estudos de Butler (2003). Para a autora, as justificativas biológicas buscam eliminar contestações à legitimação social: uma vez que haja a introjeção da ideia de natural, o sujeito é visto como passivo frente às forças libidinais e impulsivas da natureza. Discursos que procuram justificativas com alguma conotação científica para a manutenção das desigualdades de gênero também podem ser compreendidos como uma resposta aos avanços das pautas feministas (Méndez, 2001). Diante da possibilidade de perda de privilégios e da angústia provocada pela necessidade de

ressignificação existencial, ocorre uma tentativa de imposição e reafirmação de comportamentos que estão sendo amplamente revistos e questionados.

Observamos assim, o caráter reducionista da masculinidade e sexualidade nas falas do apresentador, justificando por vezes suas opiniões com argumentos que têm origem no darwinismo social e uma compreensão errônea da biologia. Desse modo, o vídeo é um exemplo claro dos movimentos que muitos homens fazem à luz das críticas de seus diversos críticos.

Vídeos e pensamentos como esses podem colaborar no campo social, na continuidade da dicotomia e o preconceito arraigado nessa relação, tanto com os próprios homens quando performam o que seria “naturalmente” feminino quanto o contrário.

Retomando a tabela da categoria “Ser Homem”, o terceiro e quarto vídeos em número de visualizações são do mesmo canal, o Manual do Homem Moderno, porém possuem conteúdos relativamente diferentes e foram postados com intervalo de um ano. O terceiro em número de visualizações “COMO FICAR MAIS BONITO (E ser um homem menos feio em 9 truques simples)” é o mais recente. O vídeo traz conselhos para o cuidado com a aparência, abordando a importância do cuidado com itens como barba, cabelo, hálito, odor geral e roupas. Lista a manutenção de hábitos como a escovação dos dentes, a higiene pessoal, o cuidado de problemas de saúde como caspa. O autor também oferece conselhos sobre postura e abordagem com outras pessoas, trazendo o que denomina princípios de comunicação não verbal, incluindo a distância mantida com outras pessoas e a relação estabelecida com o espaço, os movimentos de expressão, a atenção prestada aos outros, entonação da voz e articulação expressiva.

Embora o vídeo não aborde diretamente uma representação única ou preponderante da masculinidade, alguns de seus aspectos podem ser destacados como articulados às transformações recentes no padrão tradicional. Primeiramente, a própria escolha de temas ligados ao cuidado com a aparência e a saúde remete à desconstrução da masculinidade. Sobre cuidados com a aparência, consumo de produtos cosméticos e novas masculinidades, Maximo e Leite (2020) observaram que existe uma mudança gradual do comportamento masculino quanto à vaidade, apesar da resistência de outros homens e às vezes preconceito do próprio homem quanto a ser observado como vaidoso.

Em segundo lugar, a linguagem adotada ao longo do vídeo abrange expressões e falas de viés inclusivo de masculinidades divergentes ou questionamentos ao comportamento masculino tradicional. Por exemplo, ao falar sobre situações de paquera e conquista amorosa, o vídeo inclui a possibilidade de interesse em homens, mulheres e pessoas não binárias, como observamos no trecho a seguir: “Quem sabe aí, melhorar o seu poder de conquista com as minas

ou com os caras ou x. Os menxs, minas, minos e minxs. (...) Tô sendo empoderado, tá....”. Também ao exemplificar como ocorreria um discurso sério em uma conversa, o vídeo traz conteúdo que aborda as implicações da masculinidade tradicional na saúde dos homens, com o seguinte texto:

Todos os dias homens morrem, porque não buscam ajuda médica porque eles acham que eles são homens demais para ir no médico, buscar tratamento. Existe uma estatística que mais de setenta por cento dos homens que vão ao médico, eles só vão porque as mulheres deles ou os filhos deles obrigaram ele a irem ao médico. Pior ainda, eles só buscam consulta quando os quadros clínicos deles já estão completamente avançados.

Oliveira, Bernardes, Almeida, Ribeiro, Almeida e Machado (2020) comentam que o ideal de masculinidade como invulnerabilidade, assim como os preconceitos quanto a higiene, acompanhamento médico e proteção sexual colaboram com o agravamento do câncer peniano. Homens diante de questões da saúde por vezes são um dos principais grupos vitimizados devido aos comportamentos adotados que remetem a masculinidade hegemônica, desde a comportamentos básicos como lavar as mãos até mesmo ida ao médico (Soares, Soares, Silva, Silva, Estrela, Magalhães, Oliveira & Lima, 2021). Desse modo, a inclusão de um texto que se refere justamente à condição masculina no contexto de um exemplo de tonalidade vocal para um “assunto sério” permite abordar a discussão sobre os preconceitos de gênero na produção das masculinidades de modo indireto, enfatizando um posicionamento em relação à masculinidade mesmo num contexto mais amplo de discussão.

O vídeo mais antigo, “Como deixar de ser infantil e se tornar um Homem Maduro | Dicas do Cachorrão Vol. 10”, sendo o quarto em número de visualizações, tem em seu conteúdo, dois recortes diferentes que são intercalados. O primeiro aborda dicas de comportamento, traquejo social, responsabilidade, a falta de maturidade e o ato de reclamar de forma exacerbada como inadequado. O apresentador, indica ações mais racionais e emocionalmente estáveis, como ouvir e refletir o conteúdo de uma discussão, recomendando condutas a serem tomadas e palavras a serem ditas em um momento futuro, sem a raiva presente na situação inicial. Aborda também a responsabilidade diante de ações no mundo assim como o respeito com outras pessoas e lidar de forma cortês diante de pessoas sem educação de modo a contornar o problema. Podemos compreender que o vídeo questiona de modo indireto o lugar da violência na performance da masculinidade. Kimmel (1998) situa o comportamento violento, recorrendo a discussão e brigas, como método de resolução de conflitos que se caracteriza como símbolo de virilidade e status diante os pares, sendo muito recorrente entre homens que incorporam a masculinidade tradicional. Assim, a defesa da escuta, do diálogo e da compreensão dos fatos legítima possibilidades de exercício da masculinidade pautadas em

atitudes cujas consequências são avaliadas a longo prazo, associando, indiretamente, a violência à irresponsabilidade. Nesse recorte, observa-se assim uma tentativa de ruptura com a masculinidade hegemônica, atribuindo ao homem valores que anteriormente ligados ao feminino como calma e a busca pelo diálogo.

No segundo recorte do vídeo, o apresentador responde perguntas dos inscritos em seu canal, lidas por um narrador. Nesse recorte, é possível observar estigmas da masculinidade tradicional em algumas falas. Por exemplo, ao responder a indagação de um inscrito de qual a melhor abordagem ao lidar com uma garota legal, porém ciumenta demais, o apresentador compara tal situação com uma aventura sexual arriscada:

“É tipo você trepar em pé na rede, o risco é muito grande, você sabe que vai se dar mal, mas se você quer encarar isso só pela aventura, vai firme!”

Ao não abordar o que seria “uma garota legal, porém ciumenta demais”, o apresentador reduz toda a complexidade de uma relação, como se constrói a insegurança, medo e sentimento de posse que desembocam no ciúmes, assim como é mantido o estereótipo de mulher ciumenta, como algo ruim a ser evitado.

Por fim, ao associar a mulher ciumenta a uma experiência transitória instituído ao lugar de um objeto sexual remetendo a prateleira do amor, neste sentido uma mulher ciumenta seria boa para uma transa, uma aventura, porém não deveria ser despendido afeto a mesma.

As mulheres são avaliadas quanto aos seus atributos físicos e sociais sempre pelo olhar masculino, tendo sua construção subjetiva a partir da aprovação masculina e na competição feminina. Zanello (2018) apresenta os ciúmes feminino em duas categorias como dispositivo amoroso dentro da prateleira do amor. A primeira remete a insegurança gerada tanto pelo parceiro, quanto aos valores atribuídos pelos homens no ideal de mulher e a segunda relacionada a rivalidade feminina diante da predileção masculina, seja em atributos físicos ou sociais.

Ambas as categorias do ciúmes convergem para uma submissão e aprovação do olhar masculino imputando o sentido de louca as mulheres ciumentas, como detentoras de inveja e falta de confiança nos homens o que no segundo momento é usado como argumento contra a mesma, seja ao serem avaliadas e culpadas pelos desvios morais dos homens no relacionamento heteronormativo.

Mais adiante no vídeo, em uma outra participação de um inscrito negro que mandou uma foto sua juntamente com a pergunta se ele era o “negão mais bonito que ele já viu” o

apresentador demonstra dificuldade em achar outro homem bonito, em especial negro, recorrendo a seu pai e exemplos distantes do seu dia a dia como é observado no trecho a seguir:

“Cê tá me tirando rapaz? Bonito é meu pai e George Clooney. Bonito não, o cara é presença, o cara é no máximo presença.”

O narrador então pergunta: “Um negão que você acha bonito. Negão bonito.”

Diante disso, o apresentador apresenta a seguinte fala: “Bonito não, o cara é presença. O cara é no máximo presença., Negão presença, o Lázaro Ramos é um negão presença, o Will Smith é um negão presença....”

Nesse trecho, destaca-se, por um lado, a afirmação sexual do internauta e, por outro, a determinação do youtuber em afastar-se do contato com outra sexualidade masculina. Ao apresentar-se, o internauta utiliza a expressão “negão mais bonito que você já viu”. Podemos compreender a escolha da palavra “negão”, conforme Souza (2009), como sinônimo de apetite sexual, porte físico e proeminência do pênis de modo a atribuir status para o homem negro, sendo uma das poucas áreas de possível prestígio para ele. Por outro lado, a determinação do youtuber em não utilizar a palavra “bonito” para descrever um homem e não reconhecer possibilidade de um internauta com quem tem algum contato ser “bonito” pode ser associada à afirmação de Zanello (2018), segundo a qual o elogio a outro homem pode ser visto como feminilização do homem diante de seus pares, o que prejudicaria seus status social.

Ao dizer que “bonito é meu pai e George Clooney” o autor escolhe dois exemplos cujo contato afetivo é distanciado da sexualidade: no primeiro caso, a relação filial é protetiva e no segundo caso, um ator famoso estaria distante demais para representar um questionamento da heterossexualidade. Ainda assim, o autor substitui o termo bonito pelo termo presença, buscando marcar o distanciamento de qualquer reconhecimento da atratividade sexual de outro homem. O vídeo apresenta uma aversão à homossexualidade que pode ser compreendida, na produção das masculinidades, como associada ao lugar subalterno interpretado como elemento presente numa suposta passividade sexual. Atributos tanto físicos quanto sexuais seriam o acesso mais comum na prateleira do amor para o homem negro, sendo a ausência de tais valores um lugar de não lugar para o homem negro, caracterizando um preditivo significativo de construção do homem negro tanto entre homens como para mulheres (Zanello, 2018).

Soares, Chamusca, e Ferreira (2020) observa que o canal Manual do Homem Moderno apesar de criticar o machismo, a misoginia, propor comportamentos mais saudáveis, como saúde, higiene e preocupação com o preconceito, apresenta diversos temas mais próximos da masculinidade tradicional, tais como dicas para sexo, lista de atrizes pornô e esportes. Tais

temas fazem parte da associação entre masculinidade, sexualidade exacerbada e muitas vezes ligada a misoginia e agressividade representada na competitividade esportiva, elementos que se articulam na subjetivação pela eficácia (Zanello, 2018). Desse modo, o canal frequentemente apresenta elementos ligados à constituição tradicional da masculinidade, tais como o estabelecimento da dominação pela sexualidade e a heteronormatividade compulsória. Todavia, a diferença de conteúdo entre os vídeos mais vistos demonstra uma abertura, ainda que incipiente, para temas que usualmente não são associados à imagem de masculinidade, tais como o cuidado com a aparência e saúde ou a possibilidade de uma orientação sexual não heterossexual do espectador. Nesse sentido o canal é um representante/testemunho do processo de transformação das masculinidades pela diferença de abordagem dos conteúdos ao longo do tempo. O canal tem como público prioritário o homem heterossexual e isso é observado em ambos os vídeos apesar da tentativa de abrangência do público com o passar do tempo como observado a tentativa de comunicação com a comunidade LGBTQIA+ no primeiro vídeo.

De modo geral, os vídeos de conteúdo discursivo sobre a masculinidade encontrados na categoria “ser homem” afirmam a masculinidade tradicional, sendo agentes ativos na confirmação dos papéis atribuídos aos homens e mulheres. Apenas um dos vídeos do canal Manual do Homem Moderno traz uma pequena mudança ao inserir temas como saúde e autocuidado não contemplados na concepção tradicional de masculinidade. Todavia, tal inserção não realiza nenhuma crítica mais aprofundada ao modelo de masculinidade tradicional e algumas vezes o vídeo traz elementos desta masculinidade.

Mota, Bittencourt e Viana (2014) apresentam em seu estudo como o YouTube pode influenciar os seus usuários em vários aspectos da vida. O clique em “gostei”, a interação nos comentários, e a validação do repertório de comportamento já tido previamente ajudam na manutenção e reprodução dos comportamentos mais próximos dos vídeos. Desse modo, a grande repercussão de vídeos que se inscrevem sob a masculinidade tradicional pode significar impactos ainda não conhecidos sobre a manutenção das relações tradicionais de gênero e dos problemas por ela acarretados, tais como desigualdades de acesso em campos como trabalho e educação e reprodução de situações de violência de gênero.

É preciso considerar, ainda, que a escolha dos vídeos por crianças respeita as dicotomias de gênero já implementadas (Monteiro, 2020), em que a performance do que é ser feminino e masculino baseia-se nos estereótipos vigentes, onde as meninas buscam canais de maquiagem e meninos focados em futebol. Assim, temos um campo significativo para compreender a reprodução das concepções de gênero na cultura digital e a necessidade de adotar estratégias

nas políticas públicas, em campos como educação e saúde, para refletir sobre a subjetivação das categorias de gênero como conhecemos e seus impactos no desenvolvimento humano em longo prazo.

1.2: Masculinidade

Tabela 4
Pesquisa “Masculinidade”

Vídeo	Canal	Visualização	Comentários	Conteúdo do vídeo
O silêncio dos homens Documentário completo	PapodeHomem	1.171.175	4.320	Aborda dificuldades criadas pela socialização na masculinidade tradicional, com participação de pesquisadores e membros de grupo.
A Saudável Masculinidade de Brooklyn Nine-Nine	EntrePlanos	519.447	3.420	Utiliza o cinema como meio de reflexão de temas variados. O vídeo aborda novas masculinidades a partir da série Brooklyn Nine-Nine
Masculinidade: o que está acontecendo com os homens?	Padre Paulo Ricardo	509.965	Comentários desativados	Religioso, católico. Reforço da masculinidade tradicional.
A Masculinidade Subversiva de Solução em Como Treinar o seu Dragão	Leo Hwan	433.918	2.394	Vídeo reflexivo utilizando um filme animado como base. Propõe discutir as representações do masculino no filme e na nossa sociedade.
É assim que Mulheres Inteligentes Ativam a Masculinidade de um Homem	Ítalo Ventura	423.782	794	Dicas de comportamento para mulheres com intuito de conquista de homens

Utilizando o termo “Masculinidade”, foram encontrados 76 vídeos que possuíam mais de 90.000 visualizações, analisamos brevemente os 20 primeiros. Destes, foram selecionados para análise os cinco vídeos que seguiam os critérios da pesquisa.

Dos cinco vídeos analisados, o documentário “O Silêncio dos Homens” (2019) foi o mais visualizado. O vídeo consiste em um projeto do grupo PapodeHomem e do Instituto de Pesquisa & Desenvolvimento em Florescimento Humano (Instituto PDh), braço de pesquisa do grupo PapodeHomem, de acordo com o site do próprio instituto. O canal PapodeHomem é proveniente de um site com a mesma alcunha, fundado em 2006, estabelecido inicialmente com a proposta de debater assuntos mais diversos juntamente com o comportamento masculino, o site foi progressivamente propondo discussões e ações em grupo para uma ressignificação da masculinidade. É considerado vanguardista no Brasil e atualmente conta com mais de 2 milhões

de visualizações por mês², além de possuir perfis em outras redes sociais como Twitter, Facebook e YouTube.

O documentário “O Silêncio dos Homens” foi concebido como modo de apresentar resultados de pesquisas desenvolvidas pelo Instituto PdH, que entrevistou mais de 40.000 pessoas com o intuito de verificar os impactos do comportamento dos homens consigo mesmos e em suas relações. Ele recebeu apoio institucional para divulgação da ONU Mulheres por meio da Campanha Eles por Elas, que visava igualdade de gênero. Embora seja considerado um avanço no sentido de questionar a construção tradicional dos atributos e papéis da masculinidade e suas implicações em campos como a violência (Rosostolato, 2019; Bueno, Boiko & Bagatin, 2020), o documentário também recebeu críticas por não abordar os privilégios advindos da construção tradicional da masculinidade em relação às mulheres (Zanello, 2018).

Durante o documentário, são apresentados diversos grupos de apoio para homens. Alguns desses grupos possuem apoio de empresas privadas ou ainda iniciativas individuais, como por exemplo a ação de uma promotora para abordar homens autores de violência doméstica. Além disso, há grupos que contaram com o apoio do Instituto PdH, que oferece diretrizes para a formação de grupos sobre masculinidade de modo a fomentar a criação de tais grupos pelo Brasil. Os grupos podem ainda se vincular à Campanha Eles por Elas fomentada pela ONU Mulheres, caso desejarem.

Na apresentação dos grupos, chama a atenção o fato de que não há nenhum grupo que possua apoio ou vínculo com dispositivos estatais de políticas públicas, embora existam análises científicas que apontem a importância da inserção do trabalho com homens nas políticas públicas. Freitas, Oliveira-Machado e Scarparo (2012) defendem que órgãos de saúde incentivem grupos de apoio para homens de modo a possibilitar uma ressignificação masculina e conseqüentemente uma melhora na saúde dos homens, enquanto diversas pesquisas apontam a importância de grupos de homens para a transformação das relações familiares e diminuição da incidência e reincidência de violência doméstica (Nothhaft & Beiras 2019; Silva & Sanches, 2019; Urra, & Pechtoll, 2016; Vasconcelos & Cavalcante, 2019)

O documentário aborda experiências individuais e coletivas e busca apresentar tanto um rompimento com o antigo modelo de masculinidade, como novas possibilidades, exemplos de mudança e dados sobre a saúde masculina. Ao demonstrar as conseqüências sociais e para os homens, o documentário em questão apresenta diversos cruzamentos com a masculinidade,

² Esse dado é oriundo de uma pesquisa realizada pelo próprio site. <https://papodehomem.com.br/>

entre eles, a violência contra mulher, saúde masculina, relação paternal, questões raciais e do universo LGBTQIA+, demonstrando de como a masculinidade hegemônica alicerçou várias construções de grupos sociais diversos. Tanto o Instituto PdH quanto os grupos presentes no documentário se enquadram no que Méndez (2001) dá a alcunha de profeminista, uma vez que dialogam diretamente com as pautas feministas. Ainda segundo Méndez (2001) observa-se características do Movimento das Terapias da Masculinidade, salientando que as duas subcategorias se encontram contempladas, dado suas características próximas de pesquisas acadêmicas como o próprio documentário ressalta e também o movimento dos grupos de apoio forma independente dos estudos.

Os grupos apresentados no documentário são Workshop Plano de Menino onde conscientizam adolescentes sobre feminismo, masculinidade, o grupo PrazerEle que trabalha sexualidade e novas masculinidades, Homens Possíveis, evento anual sobre ressignificação da masculinidade, Homens em Conexão que visa rearticular as relações entre homens de modo mais empático, SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa) apoiando o desenvolvimento pessoal, econômico e social ressignificando papéis familiares, Podcast Afropai e Balaio de Pais oferecendo um lugar para compartilhamento, reflexão sobre paternidade e seus desafios, Projeto Homem Paterno, oferecendo cursos e reflexões sobre a paternidade, Lá da Favelinha potencializando membros de populações comunitárias, Roda Sobre Masculinidades Negras oferecendo apoio para homens negros e suas e outros grupos. Embora sejam apresentados diversos grupos, a presente análise se concentrará em dois exemplos ilustrativos, considerando-se a extensão dos temas e os objetivos do presente trabalho. Nesse sentido, serão analisadas mais detalhadamente falas dos grupos PrazerEle, que trata de sexualidade e relações masculinas, e Grupo Homens em Conexão que trata de violência, já que os temas abordados se inserem no campo das políticas públicas de saúde, assistência social e justiça.

Analisando o documentário, observamos a exposição de mecanismos da socialização tradicional masculina, que Godelier (Welzer-Lang, 2001) denomina “casa dos homens”, com uma discussão sobre seus efeitos deletérios operada pelos personagens do documentário, em sua maioria homens participantes dos grupos de discussão de novas masculinidades. Cláudio Serva, fundador do grupo de apoio sobre sexualidade masculina PrazerEle³ atribui a tal processo de socialização o nome de “broderagem tóxica”.

³ Segundo a Nota do fundador, presente no site: <https://www.prazerele.com.br/>, os grupos desenvolvidos pelo projeto se tratam de “Um espaço para falarmos sobre a desconstrução do machismo através da sexualidade positiva, trazendo diferentes perspectivas, caminhos possíveis, acolhedores e prazerosos.

O fato de um homem ter companhia física não quer dizer que ele tenha real intimidade. E intimidade acontece quando você comunica coisas muito profundas suas. Fragilidades, medos, receios, dilemas. Então você pode passar anos do lado de um amigo e nunca ter se aberto efetivamente pra ele. Simplesmente porque você se mantém numa faixa segura de broderagem e de amizade para coisas do lado de fora e não pra coisas do lado de dentro. A broderagem tóxica e a broderagem saudável é (sic) bem esse antagonismo. Por exemplo, o cara chega numa festa e conta uma intimidade prum grupo de amigos, que aconteceu com ele... Por exemplo, ‘Fui transar e eu não tive uma ereção’ (...) O cara vira piada, todo mundo vai sacanear, mas muitos ali passaram por essa mesma situação ou tão passando. E uma broderagem saudável seria o quê? ‘Pô cara, isso acontece comigo também, vamos conversar, vamos trocar, o que a gente pode fazer?’.

Segundo Welzer-Lang (2001) e Zanello (2018), além dos comportamentos reforçados se baseando na masculinidade tradicional, observa-se também no processo de socialização da “casa dos homens” o silenciamento de qualquer sinal que possa ir contra o ideal de masculino, como alguma fragilidade em qualquer aspecto da vida. Bourdieu (2010) ao abordar o processo social de construção das significações atreladas ao masculino, observa que os homens são “dominados pela própria dominação” ao serem pressionados para representar sua “ideia infantil de homem” visando ter acesso ao papel de dominadores. A estrutura de poder impõe tanto para o dominado quanto para o dominante papéis pré-estabelecidos. Nesse sentido, podemos compreender a fala de Cláudio Serva como um questionamento sobre um processo que negligencia aspectos significativos da subjetividade operados por esse silenciamento dos elementos não condizentes ao ideal de masculinidade como potência, força e dominação. O entrevistado apresenta os grupos de discussão sobre homens como uma nova forma de lidar com suas angústias ao ressignificar o funcionamento da “broderagem” entre amigos. Assim, a exposição dos afetos e da intimidade, antes geradora de angústia e vergonha por sofrer retaliação diante da pressão por performar o papel de dominação, pode ser usada de modo a compartilhar experiências comuns aos homens, de modo a criar laços mais saudáveis e desconstruir exigências sociais que criam mecanismos opressores.

O documentário apresenta também um grupo de homens voltado para a discussão da violência de gênero, idealizado pela promotora Gabriela Mansur. Ela afirma que a reincidência da violência contra a mulher nos casos que ela acompanha caiu de 65% para 2% entre homens

que participam de grupos de reflexão para homens⁴. Entre os participantes desses grupos, encontramos Bruno Cabral, que passou a integrar a equipe narrando sua história pessoal, que envolvia uso de drogas e violência de gênero, depois de passar por profundas transformações em seu modo de viver a masculinidade e as relações a partir da experiência em um grupo de homens ocorrida após uma intimação da justiça para tal:

Todo o silêncio que você vai guardando dentro de você vai formando... um turbilhão de emoção e chega uma hora que você explode e talvez essa explosão não seja tão positiva. Com 28 anos eu engravidei uma mulher e eu tava em abstinência, a gente iniciou uma discussão, eu já tava casado. E daí, no meio dessa discussão eu acabei agredindo ela fisicamente. Mas assim, antes dessa agressão física, pô, agressão psicológica era diária, né? Hoje eu consigo tratar a minha companheira com o respeito que ela merece. Sei que eu não vou ser menos homem porque eu tô passando um pano ou porque eu tô lavando uma louça ou porque fui pro fogão, sabe? Sei que eu tô ajudando ela até por que eu moro ali (...) Não é que eu tô ajudando ela, eu moro ali, a obrigação é minha também, né? Então, assim, eu sou muito grato ao projeto, né? Porque eu acho que eu não conseguiria nem tá limpo das drogas ainda se não fosse o projeto mudar o meu comportamento.

Para Bourdieu, (2010) a divisão sexual do trabalho e as organizações sociais são operadas baseadas na construção simbólicas sociais de modo a legitimar a dominação do masculino sob o feminino. Ao trazer em seu discurso a questão de quem seria responsável pela organização doméstica, Bruno Cabral sintetiza isso, uma vez fora historicamente atribuído à mulher o zelo com o domicílio e com a família. Ao substituir o trecho de “eu tô ajudando ela” para, “eu moro ali, a obrigação é minha também” Bruno demonstra uma constante vigia de modo a contrapor a construção de significantes operados historicamente e profundamente nos papéis sociais de gênero.

Além da atuação na proteção das mulheres, na fala da promotora Gabriela Mansur observamos a preocupação social com a construção do masculino e suas consequências para os próprios homens:

Quantos homens vão ao psicólogo? Eles vão segurando pra eles aquilo sem nenhum tipo de ajuda e a hora que isso estoura, vai estourar ou na violência ou no uso excessivo de droga. Ou no uso excessivo de álcool. Tudo isso traz pro homem uma mistura de sentimentos que acabam se revelando em comportamentos agressivos e violentos contra a primeira pessoa que está lá e que ele sabe que por uma construção histórica, cultural e por falta de uma legislação rígida, ele pode agredir, violentar sem que nada aconteça com ele. Então esse quadro precisa ser mudado, ele precisa se conscientizar que não é isso que resolve o seu problema.

⁴ Grupo Homens em Conexão: O Homens em Conexão surgiu com o a missão é incentivar a conexão consciente entre homens com uma linguagem nova e espontânea, criando um espaço de confiança, força e amorosidade masculina. Descrição encontrada no próprio site: <https://www.homensemconexao.com.br/>

Na fala da promotora, observamos o que autores como Sculos (2017) e Zanello (2018) nos mostram sobre a masculinidade hegemônica enquanto um forte preditor de sofrimento masculino Baére e Zanello (2020) observaram forte relação entre masculinidade tradicional e suposta invulnerabilidade, gerando uma aversão à demonstração de emoções favorecedora do adoecimento masculino, em situações como suicídio e uso de álcool e drogas. A própria recusa inicial de Bruno Cabral para participar de um grupo de homens ilustra a preocupação masculina com uma suposta invulnerabilidade, uma vez que uma posição receptiva seria vista como fraqueza.

A promotora também aborda uma leniência institucional quanto à violência contra a mulher, visto que por vezes a impunidade é recorrente e a reincidência alta. Castells (2018), Silva (2019) argumentam que devido o patriarcado é observado como uma das estruturas constituintes das sociedades ocidentais e conseqüentemente dos modos de produção, leis, instituições e assim por diante. Deste modo, a dominação do homem sob a mulher era visto equivalente a propriedade justificando por vezes a violência e submissão feminina. Apesar de avanços em diversos campos, ainda é presente valores patriarcais e machistas em vários níveis sociais e nas relações de gênero, sendo ilustrado por uma passividade na cadeia de denúncia das agressões.

As falas ora apresentadas sobre grupos de homens expõem a relação entre masculinidade tradicional e violências concretas e simbólicas (Kimmel, 1998), gerando sofrimento para homens e mulheres. Nesse sentido, o documentário apresenta os grupos de homens como facilitadores de uma atitude de maior proximidade afetiva e construção de um lugar de apoio entre homens, que contribuiria em diversos níveis sociais e pessoais.

Para Nascimento (2001, p. 3), o silêncio é característico da masculinidade hegemônica e possui três silêncios coexistentes entre os homens. O silêncio quanto as questões de masculinidade e os homens, o segundo quanto ao afeto e o fórum íntimo e o terceiro sobre homens que recorrem a violência como forma de resolução de conflitos relacionais.

O documentário compreende aspectos sobre a saúde, constituição da masculinidade e afeto, contudo não aborda de forma sucinta a cumplicidade e responsabilidade pelo silêncio de homens diante das mais variadas violências praticadas no dia a dia. Para Lima, Büchele, e Clímaco (2008) a cumplicidade entre homens é um dos principais fatores para a continuidade da violência contra mulheres.

Como fora proferido pelo próprio Instituto PdH, o documentário tem como objetivo furar a bolha da masculinidade tradicional e trazer para o debate todos os agentes que interagem com homens e a reflexão sobre os símbolos da masculinidade hegemônica que carregamos. Sendo assim o documentário *Silêncio dos Homens* conversa diretamente com as novas masculinidades, visto os diversos grupos que são expostos, ao mesmo tempo que observamos dados sobre as consequências para a sociedade da masculinidade tradicional

Seguindo a ordem da categoria “Masculinidade”, tanto o segundo quanto o quarto vídeos mais visualizados utilizam produtos culturais de modo a embasar sua reflexão quanto ao estereótipo de masculinidade e as novas possibilidades para o masculino que são inseridas na sociedade contemporânea.

O vídeo “A Saudável Masculinidade de Brooklyn Nine-Nine”, segundo mais visualizado, apresenta uma análise dos personagens masculinos de uma série contemporânea, que possuem uma masculinidade diferente do modelo tradicional historicamente perpetuado. O canal em que se encontra hospedado o vídeo é o EntrePlanos, voltado para a análise de obras de mídia visual e apresentado, roteirizado e idealizado por Max Valarezo. O canal analisa preferencialmente filmes, abordando aspectos técnicos, históricos e sociais, buscando oferecer tanto um conhecimento específico da área audiovisual quanto elementos para reflexão sobre momentos históricos e comportamentos eternizados no cinema e por vezes questionados. Valarezo possui uma publicação em Trabalho de Conclusão de Curso (Valarezo, 2015) para analisar seu canal. Segundo Valarezo (2015), obras da cultura pop podem ser utilizadas tanto para explicação didática do universo audiovisual como para o debate, reflexão e educação de questões pertinentes à sociedade, desse modo o seu canal seria ferramenta educativa e provocadora de pensamentos para seus telespectadores.

O vídeo presentemente discutido trata da análise dos diversos personagens masculinos da série Brooklyn Nine-Nine e do modo como a construção destes personagens choca-se com a masculinidade tradicional. Inicialmente, Valarezo apresenta diversos temas questionados na série de comédia que trata do cotidiano de uma delegacia policial em Nova York, que segundo ele “subverte todo tipo de clichês sobre policiais, sobre minorias raciais e sobre mulheres”. Todavia, Valarezo destaca como “um dos maiores méritos de Brooklyn Nine-Nine” a “mudança nas representações midiáticas sobre o que significa ser um homem”. O autor aborda rapidamente o termo masculinidade tóxica, ancorando-o em frases da masculinidade tradicionais tais como “um homem deve ser dominador com as mulheres”, “um homem deve ser competitivo com outros homens” e “um homem jamais deve demonstrar sentimentos ou

fraqueza”, associando em seguida esse tipo de concepção ao machismo e à homofobia, enquanto mostra imagens de produções televisivas que perpetuam esse tipo de estereótipo. A partir dessa introdução, o apresentador destaca que a série demonstra, por meio de seus personagens masculinos, que “é possível ser homem” sem reproduzir tais comportamentos. Valarezo se propõe em seguida a analisar cada um dos personagens masculinos principais da série.

A primeira personagem analisada é o protagonista, Jake Peralta, detetive da delegacia em que se passa a série. Valarezo afirma que inicialmente ele possui um ideal de masculinidade baseado no “machão descolado que resolve todos os problemas sozinho”, todavia as atitudes que Peralta toma e o modo como a personagem se desenvolve ao longo da série não reproduzem esse modelo. Um exemplo seria a relação de Peralta com a detetive Santiago, por quem ele se apaixona. A análise apresentada no vídeo ressalta que Peralta não agiu representando uma tentativa de vigiar, conquistar, bajular ou pressionar a mulher a aceitá-lo. Ao contrário, Peralta apenas disse a Santiago como se sentia e respeitou a decisão dela. Assim, a conquista se dá baseada no diálogo, convívio e respeito, que se reapresenta quando a então namorada decide prestar uma promoção para sargento e ele a ajuda a estudar, bem como quando ela se torna sua chefe ao ser promovida e recebe apoio do parceiro.

A segunda análise realizada é a do personagem Terry Jeffords, sargento que no início da série está realizando serviços administrativos por ter medo de voltar a campo após ter se tornado pai. Segundo o apresentador, apesar do porte físico acentuado e esteticamente próximo da figura do herói, uma vez que se trata de um sargento da polícia, o personagem tem como característica principal a constante demonstração de afeto com suas filhas, com várias cenas que demonstram ser um pai cuidadoso e dedicado à família. Ressalta também a preocupação com a saúde, vaidade e a relação afetivamente próxima para seus colegas, demonstrando sentimentos e gestos afetuosos.

Outro personagem analisado é o do detetive Charles Boyle, compreendido como alguém que possui um rompimento significativo com os papéis de gênero tradicionais uma vez que performa o que antigamente seria visto do universo feminino, como o fascínio por gastronomia, coreografia de músicas pop e apoio emocional para o filho. Valarezo analisa que Boyle “não se importa com o que os outros pensam”, demonstrando segurança em manifestar comportamentos e interesses geralmente associados ao feminino.

Por fim, o capitão Ray Holt é apresentado e analisado por Valarezo, segundo ele é mais uma evidência do cuidado dos criadores da série ao representar a masculinidade. Trata-se da

maior figura de autoridade da delegacia na série ao mesmo tempo que é um homem negro e assumidamente homossexual. Para Valarezo, tanto a homossexualidade quanto a questão étnica são características importantes para o personagem, uma vez que isso constitui suas motivações na conquista do cargo que se encontra. Ao mesmo tempo o personagem é apresentado como alguém extremamente racional, com hobbies, alguém de difícil leitura emocional, não sendo reduzido somente a um homem negro e gay. Valarezo ressalta que a abordagem é genial uma vez que deixa claro que o fato de ser um homem gay não o desqualifica como homem de verdade.

O vídeo analisa ainda a relação dos personagens entre si e com as personagens femininas da série, destacando que em vários momentos se desenvolvem amizades entre homens e mulheres, bem como situações de apoio emocional e pessoal mútuo, indo na contramão de estereótipos de outros programas televisivos que pautam a relação entre homens e mulheres no interesse sexual e a relação dos homens entre si na competitividade. Outro elemento importante é que a análise engloba todos os personagens masculinos principais da série, não havendo protagonista masculino que siga o estereótipo tradicional de masculinidade. Para o apresentador, a existência desses personagens conversa diretamente com as possibilidades de um homem questionar a masculinidade hegemônica e o modo como são inseridos na série permite uma abordagem das novas masculinidades como algo natural e não apenas fechado em um grupo ou pauta política.

Valarezo ressalta positivamente o que considera a exemplificação e assimilação como comum dessas novas masculinidades ao longo da série, uma vez que a masculinidade não se apresenta como tema principal da série, sendo as próprias atitudes dos personagens que podem torná-la objeto de tematização. O autor considera tal elemento positivo argumentando que esse processo de naturalização das novas masculinidades pode permitir ao público compreendê-las como algo que deveria estar no cotidiano da sociedade.

A fidedignidade da análise de Valarezo em relação ao conteúdo da série fugiria ao escopo deste trabalho, todavia do ponto de vista do objetivo ora apresentado é significativo observar que o vídeo construiu um discurso questionador das masculinidades tradicionais e que apresenta alternativas a essas masculinidades ressaltando a expressão afetiva e a construção de alternativas não violentas para as relações interpessoais masculinas. Ao observarmos a análise realizada por Valarezo, nota-se que há um destaque para as atitudes de apoio mútuo, expressão de afeto e construção de relações saudáveis entre os personagens em contraposição aos comportamentos de violência, imposição, competitividade e dominação associados na

masculinidade tradicional conforme a literatura (Kimmel, 1998). Nesse sentido, a análise dos personagens os antagoniza com a lógica da casa dos homens (Welzer-Lang, 2001), uma vez que a valorização do personagem não se dá através da aprovação, por parte de outros homens, de performances ligadas aos estereótipos da masculinidade tradicional, mas sim da exposição do afeto, sensibilidade e diálogo entre os personagens.

Vale ressaltar que o canal EntrePlanos é voltado para um público específico que busca compreender melhor a confecção de produtos audiovisuais. Deste modo, ao abordar assuntos relacionados a questões sociais como gênero e masculinidade, Valarezo divulga tais assuntos para uma gama de pessoas que até então poderiam ter com eles um contato restrito ou superficial. Sendo masculinidade abordada por meio da análise de uma série e não de maneira direta, os discursos sobre a masculinidade são apoiados numa discussão sobre a relação entre cultura e comportamento. Desse modo, a breve introdução de conceitos ligados aos campos da masculinidade apoiando a análise de personagens cria uma articulação entre análise social e produto cultural em linhas simples, voltadas ao público em geral e cujo tom se situa entre o didático e a crítica cultural.

Nesta articulação, Valarezo busca evidenciar que uma resignificação dos papéis de gênero e novas performances da masculinidade trazida como pano de fundo de um produto cultural pode funcionar positivamente na assimilação de novas referências do masculino. O fato de quase 600.000 pessoas terem assistido a obra também é importante e demonstra como obras populares podem colaborar para compreensão e debate sobre questões de gênero. Nesse sentido, Butler (2003), ao dissertar sobre a construção de gênero, explana que somente através de novas performances do que é ser homem e mulher, é possível desconstruir os enquadres anteriores, e consequentemente poderíamos estar livres da dicotomia excludente entre masculino e feminino. Todavia, é preciso ressaltar a observação de Casadei (2020) que encontra, ao analisar a produção cultural de um jornal, o risco de um esvaziamento de elementos de dominação ainda presentes, podendo reforçar hierarquias de gênero.

Bauman (2001) compreende que a sociedade de consumo culminou na mercantilização como produto dos comportamentos humanos. Nesse sentido, tanto a série analisada quanto o próprio vídeo de Valarezo podem ser abordados como uma forma de corroborar novas diretrizes a serem adotadas e consumidas pelos telespectadores, de modo a aplacar as angústias advindas da sociedade pós-moderna. Nesse sentido, um tema ainda emergente no estudo das transformações sobre as masculinidades seria sua relação com o consumo de mercado, que vem também criando produtos para novas construções identitárias (Casadei, 2020; Saunders, 2020)

O quarto vídeo da categoria “Masculinidade” é “A Masculinidade Subversiva de Solução em Como Treinar o seu Dragão” apresentado por Leo Hwan. A análise segue a mesma premissa do anterior, utilizando de uma obra audiovisual de modo a possibilitar uma reflexão sobre a masculinidade tradicional e ao mesmo tempo orquestrando um paralelo com nossa realidade.

O canal Leo Hwan é um projeto pessoal do próprio, em que ele analisa diversas obras da cultura pop procurando trabalhar, a partir deles, com temas da sociedade, como racismo, masculinidade, preconceito étnico, entre outros. No próprio encarte do canal observa-se os dizeres: “Cultura pop, Representatividade Masculinidades” e em sua descrição leia-se a frase: "Porque não há problema em sentir coisas. E ser quem você é." Ainda citando o canal como todo, encontramos em seu conteúdo duas listas que abordam diretamente a masculinidade como conteúdo principal, sendo elas: “MASCULINIDADE | Vamos redefinir a masculinidade!” que possui 24 vídeos e “ENTENDENDO MASCULINIDADES | mini-série sobre a teoria por trás das masculinidades” com 4 vídeos. Ambas as listas abordam diversos aspectos das representações sobre as masculinidades, desde interesse amoroso, paternidade, sofrimento, coragem, virilidade, representatividade, raiva e assim por diante, demonstrando assim uma atividade recorrente ao abordar o assunto.

A obra analisada “Como treinar seu Dragão” é um filme animado baseado na cultura viking. Na sinopse, o local em que se passa a história seria habitado por dragões tidos como inimigos dos seres humanos. Um garoto busca ser reconhecido por seu clã e para isso é cobrado o enfrentamento com um dragão. Todavia, acaba se aproximando dele, compreendendo as razões pelas quais sua vila é atacada e enfrentando as dificuldades do dragão enquanto convence os habitantes da vila a aceitá-los. Leo Hwan começa o vídeo exemplificando vários heróis da cultura pop comumente atrelados à masculinidade tradicional e discutindo como a construção do ideal de masculinidade corajosa se deu através da oposição ao antagonista, com um enfrentamento em geral físico e violento. Num segundo momento, ele apresenta o que chama de “masculinidade subversiva” do personagem Solução.

Simba é corajoso, porque enfrenta seu arqui-inimigo, Scar. Peter Pan é corajoso, porque enfrenta seu arqui-inimigo, o Capitão Gancho. Aladdin é corajoso, porque enfrenta seu arqui-inimigo, Jafar. Daniel-san é corajoso, porque enfrenta seu arqui-inimigo, Johnny. Hércules é corajoso, porque enfrenta seu arqui-inimigo, Hades. Harry Potter é corajoso, porque enfrenta seu arqui-inimigo, Voldemort. Solução é corajoso, porque ele se recusa a enfrentar seu arqui-inimigo, os dragões.

Leo Hwan, ainda de forma a demarcar tal ideia, apresenta um trecho do personagem Solução, que no início do filme pensa que ao matar o dragão obterá uma namorada, respeito e admiração do seu pai e de sua tribo. Os exemplos de heróis inicialmente dados são compreendidos com a maioria de suas características intrínseca à masculinidade tradicional, apesar das variações culturais dos personagens. A característica “coragem”, assim como o comportamento aventureiro, remete a Bourdieu (2010) e sua análise sobre a divisão sexual do trabalho, uma vez que é atribuído ao homem o ambiente externo e a mulher o ambiente doméstico, cabendo ao homem atitudes de controle e domínio sobre o ambiente e adversidades. Kimmel (1998) também classifica o atributo coragem juntamente com agressividade como característico da masculinidade hegemônica. Tais características também são presentes como dispositivos de eficácia para homens de modo a corroborar seu papel masculino perante a sociedade (Zanello, 2018)

Ao refletir sobre o filme, o apresentador sugere que o telespectador substitua a palavra “viking”, por “homem” todas as vezes que Leo Hwan cite um trecho ou demonstre uma cena do filme, de modo a elucidar as representações da masculinidade que o filme aborda. Desse modo, o exercício fica o seguinte: “Nem todos aguentariam, mas nós sim! Nós somos VIKINGS(HOMENS)[grifo do autor]! Nós temos teimosia crônica”. Mais adiante segue outro exemplo dado pelo apresentador:

Meu pai mandou eu bater a cabeça numa rocha, e eu bati. Achei uma loucura, mas não questionei e sabe o que aconteceu? Deu enxaqueca? A rocha se partiu ao meio. Aquilo me ensinou do que um viking (homem) [grifo do autor] é capaz, pode derrubar montanhas, devastar florestas, tomar os mares! Mesmo menino, eu sabia o que eu era e no que deveria me tornar.

Ao apresentar os acontecimentos do filme, o Leo Hwan procura construir uma alegoria da nossa sociedade, uma vez que as imposições do ideal de como um viking deve se comportar são semelhantes às imposições a que os homens são submetidos nas sociedades ocidentais. Mais adiante o apresentador comenta que no decorrer do filme, Solução se mostra contrário ao ideal de viking, tentando uma conversa com seu pai e novas formas de ser viking (homem) oferecendo opções que não seriam convencionais como “ser um padeiro”. Ele salienta que tanto esse diálogo, quanto a solução encontrada por Solução demandam coragem, pautando-se na dominação dos antigos heróis que confrontam fisicamente seu vilão, mas uma “força diferente”, uma masculinidade diferente, subversiva. Aqui, podemos compreender que Leo Hwan se refere à coragem necessária para desconstruir a voz dominante

Assim, Leo Hwan pretende em sua análise demonstrar como o personagem Solução apresenta sua coragem, sua masculinidade, não matando o dragão como seus antecessores, de modo a comprovar que é viking através de um ritual, mas sim quando demonstra coragem de subverter as regras da sociedade, admitir seus medos, e se tornar amigo de um dragão, quando dialoga com o dragão Banguela.

A ideia de uma prova, uma situação que deve ser cumprida para que o personagem seja considerado viking nos remete ao que Godelier (1986) e Bourdieu (2010) apresentam sobre práticas ritualísticas de passagem da infância para o mundo dos adultos. Tais rituais tem como objetivo a manutenção do poder pelos homens, transmitindo costumes ao mesmo tempo que segrega as mulheres pois não participam. Nesse sentido os rituais seriam uma forma de confirmar o papel social destinado aos homens de superioridade e atives. Zanello (2018) dentro dos dispositivos de eficácia, apresenta o conceito de virilidade laborativa, onde através do status social, funcionalidade laboral o homem exerce sua masculinidade, ou seja, ter o emprego desejável, ser reconhecido por isso. Para uma sociedade onde os trabalhos ofertados aos homens permeavam a atividade de caça de dragões, a profissão de padeiro não seria vista como suficiente para o reconhecimento de Solução pelo seu clã.

Também é possível estabelecer o paralelo entre a casa dos Homens (Welzer-Lang, 2001) e o modo como são ensinados e cobrados os valores vikings demonstrados na análise, tanto através do exemplo, como da cobrança e medo da não aceitação e reconhecimento pelos semelhantes. Nesse sentido, a coragem de Solução se refere à disposição para quebrar o “verdadeiro silêncio dos homens”, na expressão de Zanello (2018): a omissão diante de uma produção identitária de gênero que os privilegia e violenta aqueles que não se enquadram nela. Seria, portanto, a coragem de renunciar o papel de dominador em nome de relações igualitárias.

Por fim, ao retomar o conceito de coragem, posto no início do vídeo, Leo Hwan apresenta possibilidades de como podemos ser heróis em nosso contexto, de como a coragem é mais ampla do que só lidar fisicamente com o vilão. Quando temos um comportamento empático e conseguimos ver no outro um pouco de nós, quando demonstramos nossos sentimentos, companheirismo e diálogo com o diferente. Cita, assim, atributos desejáveis das novas masculinidades.

Pois foi com empatia que uma pessoa acabou com uma guerra que centenas de caras assim não foram capazes. Eu sei que isso é um filme, mas a mensagem que ele passa... É uma mensagem de um tipo de masculinidade que não se vê sempre em um herói de aventura fantástica.

Um herói que a grande força não são os músculos, não é a sua habilidade em ser agressivo, mas são os seus sentimentos. A sua EMPATIA [grifo do autor].

Assim, ao analisar um personagem que subverte a lógica social que o cerca de modo a exemplificar como novas masculinidades, o apresentador procura construir relações com o contexto que estamos inseridos. O foco de Leo Hwan na expressão de sentimentos conversa diretamente com Zanello (2018) e seu conceito de embrutecimento dos homens, uma vez que o exercício dos afetos masculinos iria contra o silenciamento de suas angústias e medos.

Ao defender que a demonstração de afeto e a empatia são características positivas e desejáveis aos homens, o apresentador apoia o rompimento, proposto no filme segundo sua análise, da lógica perversa da não permissão de afetividade dos homens com outras pessoas, sejam homens ou mulheres. Ao ter uma prolífera produção de vídeos sobre masculinidades e abordar diversas nuances, o canal Leo Hwan trata-se de exemplo do movimento de procura, divulgação e debate sobre os aspectos da masculinidade. Assim, considerando que a análise do filme “Como treinar seu dragão” tem mais de 400 mil visualizações e que o canal oferece outros conteúdos sobre o tema, o vídeo pode ampliar novos contatos sobre o tema.

Em terceiro lugar em número de visualizações na categoria “Masculinidade” figura um vídeo de caráter religioso, reprodutor da masculinidade tradicional, protagonizado pelo padre Paulo Ricardo e intitulado “Masculinidade: o que está acontecendo com os homens?”. O apresentador, Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, é uma figura pública com influência no ambiente social e político brasileiro, atuando na “Radio Canção Nova” e tendo sido chamado para conferências em órgãos públicos como o Senado Federal⁵, a Câmara dos Deputados⁶ e a Câmara Municipal⁷ de São Paulo. Sua atuação como padre ocorre via meios de comunicação de massa, seja na televisão ou em redes sociais⁸. Além de ser conhecido pela divulgação de doutrinas católicas, é também conhecido como proeminente representante da direita conservadora brasileira, utilizando discursos inflamados contra o casamento gay, uma suposta ideologia de gênero e em defesa da família tradicional (Silveira, 2018).

Tanto Bourdieu (2010) quanto Beauvoir (1967) evidenciaram as contribuições das religiões de matriz cristã na formação da masculinidade tradicional de modo a naturalizar a

⁵ Padre Paulo Ricardo destaca que o feto de 12 semanas não é uma bola de sangue, mas sim um ser humano. TV Senado. <https://www12.senado.leg.br/tv#/Video.asp?v=413136>

⁶ Comissão realiza seminário sobre valorização da vida». Câmara Notícias. Câmara dos Deputados. <https://www.camara.leg.br/noticias/469467-comissao-realiza-seminario-sobre-valorizacao-da-vida/>

⁷ Em votação sobre educação de gênero. <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/camara-de-sp-aprova-em-1-votacao-plano-municipal-de-educacao.html>

⁸ No site <https://www.padrepauloricardo.org/> encontra-se links para vídeos, cursos e outras redes sociais.

dicotomia masculino/feminino atribuindo valores, tarefas específicas para cada gênero, assim como a vigilância sobre práticas sexuais consideradas não adequadas para a vontade divina. DiMuccio e Knowles (2020) salientam que há forte conexão entre o conservadorismo político, apoio de figuras políticas de extrema direita como Donald Trump e a defesa da masculinidade tradicional. Pautas com viés mais conservador, como armamento, uso da força tanto no próprio país (pena de morte, intervenção militar) quanto externa (investimento militar, ameaça a outros países) são elementos característicos de grupos mais próximos da masculinidade tradicional e críticos a novas masculinidades. Assim, pode-se considerar o autor desse vídeo como um ator social representativo de uma aliança entre dominação de gênero, posições políticas conservadoras e legitimação de elementos de violência institucional e social na defesa das duas posições anteriores.

O vídeo analisado faz parte de um programa semanal exibido pelo Padre Paulo Ricardo. Na descrição do vídeo, de uma hora de duração, se encontra a seguinte frase “Nesta aula ao vivo, Padre Paulo Ricardo reflete sobre o novo modelo de masculinidade adotado pelo pensamento moderno”. Assim, o padre se coloca como figura de autoridade para falar do tema, numa posição de quem explica uma verdade a seus fiéis. Nesse sentido, cabe destacar ainda que os comentários do vídeo estão desativados, não sendo possível saber como os espectadores interagiram com ele e reforçando o caráter de voz única do padre. O vídeo se inicia com uma oração na qual o padre pede inspiração divina para as atividades próximas e em seguida o padre faz uma breve apresentação do tema, dizendo que responderá a perguntas como “as novas masculinidades são algo natural?”, “Isso é algo desejado por Deus?”.

Em seguida, o Padre cita trechos do Antigo Testamento, interpretando, no livro dos Reis, as palavras de Davi a Salomão “Sê corajoso, porta-te como homem” enquanto um ideal de masculinidade determinado por Deus e que deve ser seguido. Em seu discurso, esse destaque da coragem é compreendido como um elemento naturalmente passado de pai para filho na educação, com expressões como “Seja homem” e “Engole esse choro”, que são ressaltadas pelo padre como elementos de afirmação da masculinidade necessários frente ao fato de que o homem não surge “naturalmente”, mas “como esforço”, o que para ele seria verdadeiro “biologicamente”, “psicologicamente” e “espiritualmente”. Desse modo, o que assistimos no vídeo é a construção de uma teoria que procura se alinhar a uma verdade de direito universal para interpretar a masculinidade como um elemento de superioridade criado a partir de um esforço para superar um feminino que não necessita de afirmação. Segundo o padre, a ideologia

de gênero tem diuturnamente mitigado essa masculinidade, bem como a mulher, a família tradicional e a religião em um suposto projeto de controle social, que subverteria o que o padre considera a ordem natural e divina das coisas.

É nessa perspectiva que o Padre interpreta dados biológicos. A tentativa de usar a embriologia, a biologia e a psicologia pode ser vista no trecho a seguir:

“...o embrião, ele é inicialmente feminino (...) geneticamente já é um homem tá é XY (...) não estou negando isso, o que estou dizendo aqui, a forma de desenvolvimento do embrião é assim. Vai formando uma menina e se esse desenvolvimento seguir de forma linear vai nascer a menina. Para nascer o menino, é necessário uma espécie de revolução química dentro do embrião (...) entram em ação fatores a uma atividade. Ou seja: se continuar na sua passividade vai nascer uma menina mas de repente entra um fator a mais então nasceu menino.... Isso acontece também psicologicamente (...) tanto o menino como a menina são criados pela mãe (...) Isso é natural. isso não é uma coisa assim simplesmente cultural. É uma coisa da própria natureza porque (...) nós não somos somente seres racionais não (...) Nós somos animais mamíferos e entre os mamíferos a prole, exatamente porque mama, fica do lado da mãe (...) As meninas, elas estão do lado da mãe e continuam do lado da mãe e, acolhidas pela mãe e em plena harmonia com a mãe, serão mulheres. Não é necessário um grande esforço para isso. Basta a convivência com a própria mãe. Mas o menino não é assim. O menino, ele precisa fazer um esforço. O menino precisa se afastar do mundo da mãe e ao se afastar do mundo da mãe ele se torna homem. Então vejam que o nascimento de um homem é um esforço. é por isso que é necessário que se diga para o menino seja homem “*esto vir*”⁹ seja! Quer dizer o seguinte: Faça força, porque se você continuar nessa inércia, se você continuar sem fazer força você vai ficar a menininha, você ficar efeminado...O fato de que Deus nos criou o homem e a mulher e isso está lá no livro do Gênesis, não é? Que Deus criou o homem e a mulher, macho e fêmea isto é uma riqueza, é uma coisa boa, é uma diferença desejada por Deus”.

Nesse trecho, observamos a desconfiguração de ideias da embriologia, da biologia e da psicologia juntamente com a justaposição com princípios religiosos de modo a consubstanciar a narrativa apresentada. A passividade atribuída às mulheres e o ideal ativo atribuído aos homens remete à discussão de Zanello (2018) sobre a constituição das masculinidades no Brasil. Segundo a autora, a subjetivação masculina brasileira se constitui no negativo “ser homem é não ser uma mulherzinha” e no imperativo “ser homem é ser potente e eficaz”. Assim, a ideia defendida pelo padre e sem nenhum embasamento científico de que a masculinidade exige um esforço de superação do feminino abrange simultaneamente tanto o elemento imperativo quanto o negativo: por um lado o “esforço” seria a prova de potência e eficácia do masculino e, por outro lado, seria a negação de um feminino inferior porque não necessitou de esforço. Assim,

⁹ Esto Vir. Expressão em latim equivalente a “Seja homem! Vir á origem a palavra virilidade.

o discurso do padre legitima a altivez, historicamente atribuídos aos homens (Zanello, 2018) e a construção da virilidade sexual de modo a atribuir aos homens um papel ativo e à mulher a passividade, tanto no âmbito sexual quanto em outros aspectos da vida, como o social e político.

Em diversos momentos o padre Paulo Ricardo descreve comportamentos que agiriam contra os homens de modo a aproximá-los da condição feminina. Seria comportamentos não desejosos para um homem e que agiriam contra sua natureza: “Se você só gosta desses filmezinhos. É, românticos, meigos, né? É soft, né? Essas coisinhas assim sentimentais. É depressiva, isso e aquilo. O irmãozinho. É pense bem que a sua virilidade está correndo um sério risco”.

Bourdieu (2010) considera que a percepção dos comportamentos masculinos e femininos são originários a partir de estruturas concretas organizadoras do mundo. Ao utilizar ativo/passivo, a uma retomada da tentativa de validação da dicotomia masculino/feminino, buscando assim uma legitimidade do seu discurso. Nesse sentido, o caráter misógino de desprezo a elementos socialmente atribuídos ao feminino reforça a constituição da masculinidade ligada à altivez e à contraposição expressa no negativo “ser homem é não ser uma mulherzinha”. Tal elemento misógino de desqualificação de aspectos, atividades ou experiências atribuídas às mulheres na constituição das representações acerca da masculinidade está profundamente vinculado à produção dos elementos legitimadores da dominação masculina (Bourdieu, 2010; Zanello, 2018).

Logo adiante, o padre aborda novamente aspectos sobre cuidado estético e vaidade, afirmando que “a mulher quer ser desejada enquanto o homem deseja” e que “o metrossexual quer ser desejado também”, o que ele considera ser uma introjeção inadequada do feminino. Nesse discurso, observamos novamente a dicotomia ativo/passivo para situar homens e mulheres, de maneira a colocar as mulheres como objeto do desejo masculino e impedindo-as de ser sujeito do próprio desejo. A condição de estar em função do desejo masculino é abordada por Zanello (2018) a partir das noções de subjetivação amorosa e “prateleira do amor”, pelas quais a autora descreve processos sociais pelos quais as mulheres são levadas a viver em função do desejo alheio, em uma dinâmica promotora da dominação. Ainda a partir da dicotomia atividade/passividade, o padre afirma:

Aqueles rapazes que podiam muito bem estar fazendo um esporte competitivo típico do sacrifício masculino para alcançar um alvo com determinação, estão simplesmente montando músculos inúteis que servem simplesmente pra ficar se venerando na frente de um espelho. Um metrossexual é um homem apaixonado por si mesmo, não é? E como muitas vezes as mulheres não expressam o desejo da forma que ele gostaria, embora ele

seja às vezes um homem que gosta de mulheres, ele adora ser cortejado e rodeado, né, por rapazinhos efeminados que admiram os músculos dele e que acham ele é muito fortão e bonito. Tudo isso é uma grande destruição da masculinidade enquanto realidade.

Assim, a defesa da dicotomia entre mulheres passivas em função do desejo masculino e homens ativos na produção do próprio desejo leva o padre Paulo Ricardo não apenas a condenar qualquer tipo de atitude no masculino não alinhada à sua concepção enquanto “destruição da masculinidade” como também a insinuar homossexualidade em atitudes não vinculadas à masculinidade tradicional. O padre, assim, reproduz também os processos de realização e silenciamento típicos da socialização na casa dos homens (Welzer-Lang, 2001; Zanello, 2018)

Em outro momento do vídeo, o padre Paulo Ricardo correlaciona armas de brinquedo com o exercício da masculinidade, ao mesmo tempo em que atribui à campanha de desarmamento um objetivo implícito de feminilização da população e domínio por parte do governo, uma vez que os homens não teriam como proteger sua família.

Vemos presentes nesse trecho tanto a atribuição à mulher da ideia de “indefesa”, em que o homem seria necessário à sua proteção, e também a retomada da figura de heróis históricos e seus adjetivos encontrados na masculinidade tradicional, como força, coragem e violência (Kimmel, 1998). Observa-se ainda a atuação de uma figura religiosa de modo a colaborar com as pautas conservadoras políticas (DiMuccio & Knowles, 2020), não só no âmbito dos costumes, como também no campo de segurança pública ao advogar contrário a proibição das armas e incentivo da retomada de produção de armas de brinquedo.

Considerando o vídeo como um todo, o enquadramento como representante no que Méndez (2001) chama de mitopoético se mostra adequado. Os valores similares ao conservadorismo da época Reagan, a cartilha voltada para valorização dos heróis históricos ao mesmo tempo da tentativa de atribuir à masculinidade um caráter natural são características presentes. Também é possível compreendê-lo dentro do Fundamentalismo Masculino, visto a proximidade com a ultradireita, a movimentação política atribuída ao padre e o proselitismo de questões conservadoras fora do âmbito moral, como legalização da posse e porte de armas de fogo.

Silva (2017) averigua que a permissividade da influência de lideranças religiosas, neopentecostais ou católicas é histórica e possui hoje grande influência na aprovação de leis e políticas públicas. Souza (2014) ao analisar o ambiente político brasileiro, observou um cruzamento intenso entre representantes midiáticos religiosos e pautas políticas de âmbito

conservador, até mesmo com representantes nas esferas legislativas e executivas que compartilhavam e agiam de acordo com as diretrizes e doutrinas de igrejas específicas. Considerando os aspectos analisados, a existência desse vídeo, assim como o número de pessoas que o assistiram demonstra uma forte resistência às novas masculinidades, assim como a presença de dispositivos significativos, institucionais e midiáticos, de divulgação de valores da masculinidade tradicional.

O quinto vídeo da categoria “masculinidade” é “É assim que Mulheres Inteligentes Ativam a Masculinidade de um Homem” onde Ítalo Ventura, apresentador e dono do canal de YouTube que leva seu nome, oferece diversas dicas para mulheres sobre como conquistar os homens apelando para comportamentos reforçadores da masculinidade hegemônica.

Encontrado no site vinculado ao vídeo, o apresentador é “criador do Método Mulheres de Alto Valor (MAV)”, no qual, segundo ele, as mulheres “passam a se conhecer melhor, se reconectam com seu valor e se preparam para conquistar a vida que sempre sonharam junto daquele cara que vai corresponder a todas as suas expectativas.” No site em questão é possível encontrar diversos artigos, vídeos e cursos pagos abordando comportamentos das mulheres a fim da conquista dos homens. Desse modo, o vídeo consiste em uma espécie de marketing para a venda de conteúdo, figurando como mais um representante da comercialização de performances de gênero aceitas e como elemento do discurso sobre a “prateleira do amor” (Zanello, 2018).

Trata-se da capitalização do sofrimento das mulheres diante das pressões vividas na subjetivação amorosa (Zanello2018), dos desencontros frente às transformações da intimidade com as recentes mudanças nos papéis de gênero (Giddens, 1993) e das incertezas das relações líquidas em uma sociedade altamente instável (Bauman, 2005). O mecanismo de responsabilização individual na conquista amorosa, típico tanto da subjetivação amorosa das mulheres como responsáveis pelas relações (Zanello, 2018) quanto do contexto geral do capitalismo que aborda o destino do indivíduo como mérito individual em desfavor da problematização das condições sociais de experienciadas relações amorosas (Bauman, 2001), favorece a proliferação de diretrizes vendáveis, propagando perfis que possuem a resposta para tais angústias (Bauman, 2001). Nesse sentido, observa-se no site e no vídeo a defesa de uma aceitação sem questionamentos de comportamentos oriundos da masculinidade tradicional, cabendo à mulher se adequar aos homens e como se comportam, se instruir sobre suas condutas e utilizar isso de modo a obter ganhos próprios, por vezes colaborando com comportamentos oriundos da masculinidade hegemônica.

Logo no início ao orientar as mulheres sobre como provocar nos homens as reações desejadas, o apresentador atribui à masculinidade o senso de rivalidade, competição e de herói, como alguém valoroso, mais viril que os demais, novamente remetendo ao que Kimmel (1998) observou como sendo desejável na masculinidade hegemônica.

“(...) ativar a masculinidade de um homem é uma das coisas mais poderosas que você pode ter na sua estratégia de conquista. Existem várias formas de ativar essa masculinidade. É acariciando esse ego masculino frágil, é plugando, colocando o desafio, colocando o arquétipo do herói, colocando o adversário. O adversário é um ponto ultra importante na sua estratégia de conquista.”

Quando o apresentador atribui a característica frágil ao ego masculino podemos compreender como uma busca constante de aprovação externa através de comportamentos observados como de homem. Ao supostamente responder com interesse diante da alusão de adversário, o homem buscaria ser reconhecido pelo outro como alguém temível e potente, ao mesmo tempo que a lógica de conquista e inimigo remete à posse da mulher pelo homem. Novamente no trecho a seguir, a lógica de competição entre homens e a alusão a posse da mulher é observada: “...o plano ficar com uma pulga atrás da orelha para vir te conquistar eliminar os adversários”

Apesar do vídeo ser direcionado para mulheres, observa-se que a característica ativa é atribuída aos homens, cabendo à mulher a incitação do modo sutil, já que uma abordagem mais intensa poderia assustar o homem caso ocorresse. Novamente observamos a dicotomia passivo/ativo como representante na construção simbólica do masculino e feminino. Bourdieu (2010) expressa que a construção social como homem e mulher assim como a divisão do trabalho é compreendida como natural, uma vez que fora justaposto a construções simbólicas de compreensão do mundo concreto (escuro/claro, duro/mole), possibilitando, constructo masculino/feminino um caráter igualmente concreto. Assim como a condição de algo mole não poderia ser questionado, a passividade da mulher e a avidez masculina não poderia ser mudado.

Nos discursos do apresentador, também é claro o emparelhamento do que seria a felicidade para mulher, considerando um dos pontos importantes encontrar um parceiro amoroso de modo que, não obtendo isso, a mulher não estaria realizada enquanto pessoa. Observa-se aqui o que Zanello (2018) chama de dispositivo amoroso, constituído na ideia de que a identidade feminina se constitui na manutenção da relação amorosa, com a imposição social de que para ser feliz, é necessário ser parte de uma relação conjugal. Ainda utilizando do dispositivo amoroso, ao recorrer como justificativa, de uma necessária sutileza da mulher ao

abordar os homens, o apresentador ilustra o que Zanello (2018) chama de vulnerabilização das mulheres uma vez que a imagem de conquistada, indefesa seria o ideal, ao mesmo tempo que através disso, o apresentador tenta atribuir aos homens algum senso de proteção, ao serem instigados pelas mulheres. Nesse sentido, está presente ainda o dispositivo da prateleira do amor (Zanello, 2018), em que conquista se estrutura com o ganho em um lugar na prateleira do amor, em que as mulheres devem se expor e serem escolhidas.

A dominação masculina não é determinada somente por representantes masculinos, e sim se trata de uma construção social, de símbolos, significados que são comuns por membros constituintes de uma sociedade (Bourdieu, 2010; Godelier, 1986), deste modo ao contemplar o vídeo em específico voltado para o público feminino sobre como se comportar com objetivo de conquista dos homens, vemos a perpetuação de valores da masculinidade tradicional e consequentemente, os dominados contribuindo para a manutenção da dicotomia entre homens e mulheres.

1.3: Masculinidade Frágil

Tabela 5
Pesquisa “Masculinidade Frágil”

Vídeo	Canal	Visualização	Comentários	Conteúdo do vídeo
A Masculinidade Frágil de Ross em Friends	Leo Hwan	125.329	981	conteúdo reflexivo utilizando o filme como ponto de partida
A nata da masculinidade tóxica verborragia ep. 1	Manual do Homem Moderno	108.523	843	Conteúdo voltado ao público masculino, visando conversar sobre assuntos como moda e comportamento.
Será q você tem masculinidade frágil??	Oliver Noronha	94.096	2.352	Exposição do que seria compreendido como masculinidade frágil

A busca pelo termo “Masculinidade frágil”, encontrou 19 vídeos que possuíam mais de 90.000 visualizações. Destes, foram selecionados para análise os três vídeos que seguiam os critérios da pesquisa, abordando discussões sobre o lugar do masculino.

Nesta pesquisa, todos os vídeos abordam masculinidade sob alguma perspectiva, contudo dos 19 vídeos, 12 são apresentados por mulheres, e/ou homens homossexuais o que pode significar uma diferença de assimilação social entre aqueles que sofrem experiências de dominação de gênero e aqueles que se beneficiam do padrão social, havendo nesse sentido mais dificuldade de autocritica por parte de homens cisgênero e heterossexuais. Dos sete restantes,

quatro possuem caráter unicamente humorístico, apesar de serem protagonizados por homens cisgênero.

O primeiro vídeo desta categoria se encontra no canal Leo Hwan, já apresentado anteriormente e faz parte da lista “MASCULINIDADE | Vamos redefinir a masculinidade!”.

Novamente Leo Hwan em “A Masculinidade Frágil de Ross em Friends (2018), busca destrinchar masculinidade em uma obra audiovisual. A obra em questão é a série “Friends” que apresenta como enredo os acontecimentos rotineiros de seis amigos dividem dois apartamentos de Nova York. O episódio específico analisado tem como premissa a necessidade dos serviços de uma babá por parte do casal protagonista, Ross e Rachel. A análise se dá sobre o fato de a babá contratada ser homem e o modo como Ross lida com isso.

Leo Hwan diz que pretende “utilizar o microcosmo do episódio” de modo a explicar o “macrocosmo da masculinidade frágil” e a maneira como, para se encaixar em um ideal de homem, deixamos de vivenciar experiências que seriam enriquecedoras.

Ao apresentar a personagem Ross, o apresentador o retrata como homem sensível, pai presente e parceiro prestativo nas relações afetivas. Todavia, no episódio em questão, Ross tem diversos entraves com o personagem homem e babá quanto com sua masculinidade, questionando sua sexualidade, a escolha por um trabalho que “seria de mulher”, interesses tidos como femininos e a segurança que ele demonstra ao performar tais comportamentos.

Nesse sentido, o conceito de “masculinidade frágil” se faz pertinente uma vez que, ao presenciar uma figura masculina que rompe com o que seria esperado, o personagem Ross reage como se protegesse algo que lhe é muito caro, frágil: diante do desconforto, a resposta seria uma posição de modo a reprimir e evitar o diferente. DiMuccio & Knowles (2020) mostram que diante de representações não condizentes com o modelo tradicional de masculinidade, homens com masculinidade frágil se sentem atacados, sofrendo com a angústia, tanto pela não aceitação do comportamento como pela dificuldade de compreensão da existência de uma possibilidade de masculino diferente.

Mais adiante, Leo utiliza como recurso trechos de outros episódios onde é apresentada a infância de Ross e sua relação com o pai, possibilitando assim uma maior compreensão de como se construiu a masculinidade do personagem em questão. São apresentados diversos momentos em que o pai de Ross o repreende por comportamentos que não seriam de um “menino de verdade”, como brincar com bonecos de dinossauros em vez de brincar na rua. Também é apresentada uma lembrança de Ross quando criança, com um vestido e maquiado,

lembrança essa que o personagem reprimiu uma vez que seria vergonhoso diante do que ele se mostrava adulto.

A constante vigília e cobrança por parte do pai de Ross nos remete ao conceito casa dos homens de Welzer-Lang (2001), metáfora para a socialização masculina, na qual as relações entre homens ocorreriam de modo a reproduzir em si e em outros homens valores da masculinidade compulsória e hegemônica. Assim, a reprodução dos signos de masculinidade, como virilidade, força, potência, violência e misoginia abriria novas portas, enquanto portadores de comportamentos desviantes desse padrão sofreriam repreensão, exclusão e mesmo violência.

Em outro momento, o apresentador Leo Hwan ilustra o receio com a desconstrução do papel de homem por parte de Ross quando ele procura uma camisa com a cor rosa. Para evitar a atribuição a um item de sua posse e conseqüentemente seu nessa cor normalmente atribuída às mulheres, Ross reafirma algumas vezes que se trata da cor “salmão” mantendo assim, para ele, distante qualquer característica feminina.

Zanello (2018) analisa tais comportamentos como componentes da subjetivação na eficácia, constituída na afirmação da potência e na negação misógena, caracterizada pelo repúdio a tudo que remetaria ao feminino – no caso de Ross, a cor rosa. Admitir isso seria um rebaixamento na hierarquia das masculinidades. Leo Hwan buscando explicar como a masculinidade compulsória pode ser deletéria para os homens, coloca a si e a todos os homens também como pessoas sujeitados a essa socialização durante sua vida:

Porque desde criança a gente foi ensinado a esconder qualquer característica dita feminina de nós mesmos e é por isso que a masculinidade é frágil: porque no fundo a gente sabe que essas características femininas ainda estão lá, porque elas fazem parte de nós. Esse lado sensível nosso que a gente é obrigado a reprimir somos nós, mas a gente finge que não é. Porque falar que ser isso te torna menos homem e bom, eu passei a vida inteira me deprimindo, sofrendo desse jeito para ser aceito para ser feliz fazendo assim.

No exemplo pessoal de Léo Hwan, podemos observar o que Bauman (2001) descreve como a importância dada no contexto contemporâneo à experiência pessoal no consumo das condutas, buscando assim de alguma resposta individual para satisfação pessoal e resolução das angústias. Todavia, o apresentador também ressalta o caráter social da herança de modelos aprendidos e a dificuldade de problematizar amplamente tais modelos, no caso a masculinidade tradicional, para permitir sua reformulação. Nesse sentido, observa-se no vídeo que a proliferação de novas masculinidades ocorre novamente de modo indireto, mediante a

apresentação de um produto cultural, e de modo reflexivo, mediante a discussão dos fatores sociais de sua produção.

Retomando a categoria “masculinidade frágil”, o segundo vídeo é “A nata da masculinidade tóxica | verborragia ep. 1”, veiculado pelo canal Manual do Homem Moderno. Como já apresentamos, o canal Manual do Homem Moderno é voltado ao público masculino, oferecendo dicas de comportamento, saúde, listas sobre diversos assuntos considerados do universo masculino. Em seu conteúdo, nota-se uma flutuação entre masculinidade tradicional e novas masculinidades, quando há questionamentos de padrões tradicionais do masculino.

No vídeo ora analisado, o apresentador discute comentários de homens sobre o conteúdo divulgado em outros vídeos do canal. Selecionando aqueles que classificados como masculinidade tóxica. A descrição do vídeo traz assim o seguinte texto:

Quer o PURO SUCO da Masculinidade Tóxica e da Masculinidade Frágil? Veio ao lugar certo. Durante muito tempo, nós acumulamos grandes comentários de grandes pensadores contemporâneos que assistem o nosso canal. E agora, CHEGOU A HORA de respondê-los! No primeiro vídeo do VERBORRAGIA, o Eddie separou alguns comentários de MASCULINIDADE frágil. Confira [grifo do autor]!

Entre os comentários, há aqueles que interpretam desvios do padrão de força e potência como sinais de homossexualidade, em situações como a admiração de outros homens ou cuidados com a saúde, os que naturalizam ideia de que as mulheres devem priorizar o relacionamento em suas vidas deixando a si próprias em segundo plano sob pena de serem traídas, os que defendem a ideia de que há um “incentivo” da homossexualidade quando se discute orientação sexual entre jovens. Para cada um desses comentários, o autor tece discussões, descreve situações absurdas envolvendo a ideia machista defendida, satiriza e ironiza o comentário. O primeiro comentário apresentado é o seguinte:

Pra mim é estranho quando o cara sente atração e começa a elogiar demais. Agora achar um cara presença é mais que normal. Acho que a diferença está entre achar o cara bonito e admirar. Admirar já não é normal.

Diante do comentário, o apresentador aponta o absurdo da associação entre admiração ou elogio a homens e homossexualidade, demonstra incredulidade diante da tentativa de justificar a dificuldade de reconhecer beleza ou admirar homens, cita o trabalho de homens na música ou no empreendimento que seriam admiráveis e comenta a diferença entre reconhecer isso e ter alguma atração por eles. O apresentador explica ainda que o comentário fora retirado

de um vídeo sobre a dificuldade de homens acharem outros homens bonitos e o receio de julgamento por isso. Aponta que compreende esse tipo de comportamento dentro da ideia de masculinidade frágil e comenta que admiração nada tem a ver com sentir atração ou mesmo com a orientação sexual da pessoa.

Logo depois outro comentário de um telespectador aborda novamente a questão da sexualidade tentando desqualificar as críticas do apresentador ao dizer “Daqui a pouco, não dar a bunda significará masculinidade frágil.”

O apresentador novamente situa que esse comentário é proveniente de um vídeo considerado básico sobre cuidados que homens devem ter consigo mesmos, como ir ao médico, evitar comportamentos de risco como não beber e dirigir, entre outros. Segundo o apresentador, ao ter alguns comportamentos de resistência quanto a tais mudanças da masculinidade quanto ao cuidado, o telespectador engloba como indissociável ter relações homossexuais.

Mais adiante no vídeo, a questão de homens elogiarem a beleza de outro homem é retomada por causa de outro comentário:

Ah para! Jura que vocês vão ver com esse papinho de masculinidade frágil agora? não tem nada a ver com insegurança, autoestima nem nada disso. A questão é que não sentimos atração por outro homem então pega mal ficar falando que fulano é bonito, a menos que seja gay.

O apresentador novamente se mostra perplexo diante da argumentação tida como contraditória:

Eu não entendi, o cara...ele fala que não tem insegurança, insegurança nenhuma, não é masculinidade frágil. “eu não sou inseguro, mas não posso falar que outro homem é bonito, porque se não fudeu, porque se não, escorrego.” Isso é insegurança caralho! Se não pode falar, escorrega pra quem velho? Tu não vai pegar um macho.

Observamos em todos os trechos que os comentários reproduzem pensamentos com base na masculinidade hegemônica uma vez que a demonstração de admiração, ou mesmo reconhecimento do atributo estético seria uma forma de feminilização do homem, pois seria compreendido por outros como vulnerabilidade.

Zanello (2018) apresenta os dispositivos de eficácia para explicar como o homem através de mecanismos sociais homens buscam a construção de uma masculinidade e reconhecimento por outros homens. Posto isso, ao achar outro homem bonito, isso remeteria a um interesse afetivo e sexual por outro homem o que seria repudiado por seus semelhantes. É visto nos comentários analisados e também observada pelo apresentador a preocupação com uma suposta imposição de relacionamento homoafetivo, mais especificamente sobre a

penetração do ato sexual entre homens como se isso fosse sinônimo de uma masculinidade que não é tradicional. Em suma, ou você é homem e reproduz todos os adjetivos dos homens, ou ao rejeitar qualquer um automaticamente você deixa de ser homem como os demais.

Desse modo, ele seria diminuído na hierarquia das masculinidades, uma vez que o homem gay é visto mais próximo da mulher na hierarquia das masculinidades, lugar tido como menor pelos homens. Juntamente com isso, a admiração é confundida com afeto, sentimento de interesse, uma vez que a demonstração de sentimento é atrelada ao feminino. A vulnerabilidade emocional por sua vez remeteria a uma vulnerabilidade física, impenetrabilidade como característico do masculino, seja emocionalmente ou fisicamente (Zanello, 2018). A censura quanto a demonstração de afeto, através da vigia constante consigo mesmo e com outros homens é característico do embrutecimento da masculinidade cobrada na casa dos homens (Welzer-Lang, 2001).

Ao demonstrar as incoerências nos comentários e até mesmo satirizar as inseguranças advindas de comportamentos da masculinidade tradicional, o apresentador tenta demonstrar como a perpetuação de comportamentos tidos como “de macho” são ruins para os homens e de como não fazem sentido lógico. Todavia, a despeito da pertinência de diversas problematizações abordadas pelo apresentador e do uso da ironia como elemento de divulgação das ideias apresentadas, o vídeo é produzido de modo a criar vozes femininas para os comentários produzidos por homens – como se fossem elas – e não eles – que houvessem dito frases machistas. Tal configuração insere um elemento sutil de culpabilização da mulher, atribuindo às mulheres uma situação construída por e entre homens, e também um elemento misógino, já que continua a associar o que é tratado pejorativamente ou digno de riso ao feminino, tal como aponta Zanello (2018).

Por fim, o terceiro vídeo da categoria “masculinidade frágil” é “Será q você tem masculinidade frágil??” apresentado por Oliver Noronha e hospedado no canal com o mesmo nome do apresentador.

Não existe no canal uma descrição sobre seu conteúdo, contudo após breve averiguação, podemos dizer que se trata de um canal voltado para análise cultural, de acontecimentos cotidianos e políticos ao mesmo tempo em que tem como objetivo ajudar pessoas em diversas áreas. Tanto na descrição vídeo, quanto na descrição do canal e também no site que leva o nome do criador em seu domínio, é ofertado um livro chamado “A Primeira Chave” com a promessa de ajudar a desvendar o segredo do sucesso pessoal. Em seu site, encontramos a descrição pessoal a qual diz: “Oliver Noronha é um publicitário, influenciador digital com um público de

mais de meio milhão de pessoas na internet. Além de abordar assuntos da atualidade, seu foco são temas sociais, comportamento e entretenimento.”¹⁰

No vídeo em questão, Oliver Noronha diz buscar, através de exemplos tirados da internet, o que seria um homem sem masculinidade frágil. Para ele, o conceito de masculinidade frágil foi criado e imposto por mulheres de universidades federais, mulheres famosas e atrizes de modo a diferenciar homem com “h” minúsculo e maiúsculo, sendo o com “h” maiúsculo homens sem masculinidade frágil.

Ele reitera algumas vezes, que o vídeo não é a opinião dele e sim opinião das mulheres e homens que ele classifica como “escravoceta, ou escravos de mulheres”. Através de recortes de publicações em redes sociais, séries e até mesmo filmes, o apresentador exemplifica em seguida o que seria não demonstrar masculinidade frágil. Ele elenca vários exemplos, por vezes intercalando com algum recurso humorístico de modo a ridicularizar o que fora dito anteriormente ao mesmo tempo em que indaga de forma a influenciar e direcionar o homem que assiste ao vídeo se ele teria tais comportamentos e conseqüentemente se não seria um homem com masculinidade fragilizada.

Se você não deixar uma mulher (sua mulher sua namorada sua esposa, sua filha, sei lá, alguém da sua família) brincar de pintar suas unhas com um esmalte (...) se você não se vestir de princesinha para brincar com a sua filhinha (...) Outra parada que pode definir também se você tem uma masculinidade fragilizada é o fato de você deixar, ou não, a sua garota dormir na casa de amigos homens.

Em todos os exemplos, o apresentador comenta que mulheres em coro elogiaram as atitudes que ele trouxe como não sendo de um homem com masculinidade fragilizada. Segundo ele, seria um desejo genuíno das mulheres que homens se comportassem assim e que ao negar tais comportamentos o homem seria detentor de uma masculinidade fragilizada.

Apesar do direcionamento através das indagações, do recurso visual a contrapor os exemplos e as perguntas de modo a direcionar uma interpretação, Oliver Noronha, no final do vídeo, atribui a si o caráter de um ser de outro planeta, não fazendo juízo de valor sobre o que até aquele momento proferiu.

Podemos estabelecer um paralelo entre os recursos utilizados para a construção da narrativa no vídeo com a casa dos homens (Welzer-Lang, 2001). Ao utilizar do exagero dos exemplos ele busca uma ridicularização do que seria as novas masculinidades, colaborando

¹⁰ Trecho retirado do site <https://olivernoronha.com/>

assim com a manutenção dos valores da masculinidade tradicional. Como ele evita um julgamento explícito, ele incita seu seguidor a refletir se gostaria de representar alguma daquelas situações e ser julgado por outros homens, causando assim uma auto vigia e um possível receio de ser comparado com os exemplos.

Tabela 6
Pesquisa “Masculinidade Tóxica”

Vídeo	Canal	Visualiza ção	Comentários	Conteúdo do vídeo
O silêncio dos homens Documentário completo	PapodeHomem	1.171.175	4.320	Aborda dificuldades criadas pela socialização na masculinidade tradicional, com participação de pesquisadores e membros de grupo.
A Saudável Masculinidade de Brooklyn Nine-Nine	EntrePlanos	519.447	3.420	Análise do conteúdo de uma serie para reflexão sobre novos modelos de masculinidade
Ação nos Cinemas - Masculinidade Tóxica	SPM Bahia	309.006	10	Canal do governo ligado a Secretaria de Políticas para as Mulheres
Masculinidade tóxica, violência doméstica e machismo Quebrando o Tabu	Canal GNT	222.298	1.892	Oriundo da televisão, canal complementar onde postam vídeos com conteúdo variado voltado para cotidiano e comportamento.
Masculinidade tóxica - Luiz Felipe Pondé	Luiz Felipe Pondé	170.566	1.349	Análise de um filósofo sobre masculinidade, crítica ao suposto exagero da pauta feminista

Ao utilizarmos o termo “masculinidade tóxica” na busca de vídeos do YouTube, encontramos 20 vídeos que tem o mínimo de 90.000 visualizações que usamos como critério, sendo que todos abordam o assunto de alguma forma. Do total, 12 vídeos se enquadram em todos os critérios que utilizamos, desta forma selecionamos para análise os cinco vídeos com maior visualização;

Os dois primeiros vídeos da tabela já foram analisados em outras categorias. O fato de serem recorrentes demonstram sua representatividade quanto na discussão sobre novas masculinidades, dada pela relação com as palavras-chaves utilizadas.

O terceiro vídeo é o único proveniente de um órgão governamental, sendo este a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) do estado da Bahia. Trata-se de uma campanha para educação sobre masculinidade tóxica. É apresentado uma encenação que ocorreu em uma sala de cinema. Um homem, ao conversar com seu filho pelo celular, profere uma série de falas cobrando comportamentos de modo a “educar” seu filho:

“Você já viu seu pai chorar por acaso? Pare de frescura, que isso é coisa de menina! Eu estou te educando para ser homem! Pra ser macho rapaz! Você é frouxo por acaso? Pare de chorar! Engula seu choro! Você já ouviu seu pai chorar por acaso? Então pronto, engula seu choro...”

Após a encenação é mostrado na tela do cinema dizeres sobre o acontecido, informando que os comportamentos observados não se tratavam de educação e sim masculinidade tóxica, que faz mal aos homens e pode fazer mal às mulheres, sob a forma da violência. Logo a seguir, o vídeo recomenda o site masculinidadenova.com.br, de modo a convocar para conhecer mais sobre o assunto.

Digitando o domínio, não é possível acessar o site. O máximo que conseguimos quando pesquisado no Google foram algumas reportagens sobre a campanha e o direcionamento para sites do governo da Bahia, entre eles um comunicado sobre a campanha contra masculinidade tóxica da SPM.

Sculos (2017), ao trabalhar o termo “masculinidade tóxica”, afirma que ao utilizar tal expressão se busca compreender todas as consequências da masculinidade hegemônica sobre os homens, mulheres e crianças. Desde suas consequências quanto à saúde masculina, comportamentos violentos, educação parental e assim por diante.

Os dizeres proferidos pelo ator são exemplos das cobranças e imposições que ocorrem nas relações entre homens, ilustrando assim a casa dos homens (Welzer-Lang 2001) e demonstram como os dispositivos de eficácia operam. Ao considerar o choro como um comportamento unicamente feminino e incluir um elemento misógeno de associação entre o feminino e o pejorativo, o personagem restringe o seu filho de possíveis demonstrações de afeto, colaborando para o processo de embrutecimento comum nas relações que constituem a masculinidade hegemônica (Zanello, 2018).

Apesar de curto, e da falta de mais evidências e maior contextualização da campanha, o vídeo mostra uma iniciativa governamental, mesmo que regional, representando uma tentativa de educação da população como um todo. Isso vai ao encontro ao que Zanello (2018) e Freitas, Oliveira-Machado e Scarparo, (2012) apresentam como uma das maneiras de ressignificar questões de gênero e consequentemente a masculinidade.

O quarto vídeo mais visualizado na categoria “masculinidade tóxica” é intitulado “Masculinidade tóxica, violência doméstica e machismo | Quebrando o Tabu” (GNT, 2019) Trata-se de um vídeo-propaganda de uma série documental com o nome “Quebrando o Tabu”. A série é uma ramificação do documentário com o mesmo nome, e assim como seu predecessor,

visa o debate de vários assuntos tidos como polêmicos e polarizados, como aborto, privacidade, legalização das drogas, masculinidade, racismo, entre outros.

O vídeo encontra-se hospedado no canal do Canal GNT, que consiste em uma ramificação do conglomerado Globo, utilizando o YouTube de modo a cativar telespectadores e propor assuntos diversos voltados para o dia-a-dia, com foco no público feminino.

O vídeo se inicia mostrando uma pesquisa na internet sob música de fundo instrumental, seguida de um vídeo com uma fala de Oscar Maroni, empresário conhecido por ser dono de uma casa de prostituição de luxo em São Paulo, assim como editor de revistas pornográficas famosas:

Dois milhões de anos culturais aqui oh! [indica a região da virilha]. Mulher gosta de macho, mulher gosta de homem que tenha atitude! Não é meia dúzia de palavras de umas mulherzinhas que ficam falando umas coisinhas bobas. Mulher gosta sim! Que quando ela passa com aquele bundão no fio dental e a gente olha!

A seguir, o locutor define a fala de Maroni como exemplo de masculinidade tóxica, dizendo que ela “sempre encontra novas caras, mas permanece com as mesmas ideias sobre o homem”, dando em seguida o exemplo do funk “Surubinha de leve”, que chegou a ser criticado por incitação à violência contra a mulher, exibindo o seguinte trecho: “Só uma surubinha de leve, uma surubinha de leve, suas filha da puta! Taca bebida, depois taca pica e depois abandona na rua!” seguido do comentário do cantor dizendo “não tem nem um dia que eu não pego mulher”. Logo a seguir, o vídeo apresenta uma fala do ator Terry Crews, conhecido por interpretar personagens estereotipados de masculinidade tradicional e também intérprete do personagem Terry Jeffords, da série Brooklyn Nine-Nine, tema do vídeo “A saudável masculinidade de Brooklyn Nine-Nine”, analisado anteriormente. Segundo Crews, a masculinidade tóxica é sobre abuso de poder:

Mas quando eu vejo o que masculinidade tóxica realmente é... é abuso de poder. A pessoa, o policial, o pai, o homem no poder, pensa que está tão certo que tem que fazer isso, eu tenho que te bater. Eu tenho que atirar em você. Eu tenho que te machucar para você aprender. Meu pai sentia que amava minha mãe, enquanto batia nela.

Prosseguindo, o vídeo apresenta Pio Figueroa, fotógrafo que afirma uma série de associações costumeiramente realizadas em relação ao masculino: “ser homem... me vem uma coisa de ser macho, ser líder ser pioneiro, não adoecer, não ter medo”. Em seguida, apresenta como contraposição a fala do psicólogo Cristian Dunker em um vídeo na plataforma YouTube, questionando esse modelo “Um trço muito forte da masculinidade clássica é: ‘eu não soffro’,

‘eu não me queixo’, ‘eu não mostro fragilidade, eu não apresento vulnerabilidade, eu não vou falar sobre pontos fracos, coisas que eu não consigo entender em mim’”.

As cenas seguintes apresentam homens comuns falando de situações em que o machismo atrapalha saúde, como quando há necessidade de realização do exame de toque. O vídeo também traz a correlação entre o machismo, as consequências na saúde do homem como a correlação com a violência contra mulher e na educação de filhos. Ao apresentar o trabalho da promotora Gabriela Manssur, sua atuação e o grupo de homens de sua autoria, a chamada busca demonstrar as possíveis consequências e ventilar algumas soluções para o problema do machismo.

Os dois primeiros trechos do vídeo, em que figuram as falas de Maroni e de cantores funk, compreende-se o que Zanello (2018) chama de imperativo da virilidade sexual como dispositivo de eficácia. O imperativo se apresenta imperativo e negativo. No elemento imperativo, afirma-se a potência sexual como um elemento de prestígio e validação do masculino, no aspecto negativo, ocorre a deslegitimação do elemento feminino por meio de sua objetificação, ou seja, como objeto do desejo, da potência e da ação masculinos. Essa articulação entre imperativo e negativo pode ser ilustrada, por exemplo, na atribuição ao falo da história cultural do planeta como um representante de dominação e poder histórico (“Dois milhões de anos culturais aqui oh!”, “não tem dia que eu não pego mulher”, “) seguida da naturalização da objetificação feminina (“mulher gosta (...) quando ela passa com aquele bundão no fio dental e a gente olha!”, “Taca bebida, depois taca pica e depois abandona na rua!”). Nessa associação, homem “macho”, seria um homem ativo sexualmente e que demonstrasse isso de forma enfática, todavia sem nenhum laço ou respeito pela mulher, considerada apenas objeto a ser manipulado por seu desejo e sua potência. O enaltecimento de atos sexuais, como a experiência de uma suruba (sexo grupal) também é característico da virilidade sexual imperativa. Além disso, a música carrega na sua letra violências diversas como o ato de embriagar alguém para o ato carnal e posteriormente o abandono. Nesse sentido, a permissão, naturalização e divulgação de elementos de violência simbólica e concreta simultaneamente reproduz e reifica a dominação em uma sociedade que possui em seus valores a masculinidade tradicional e como características o machismo, a misoginia e objetificação da mulher, não reconhecendo nisso um prejuízo social, o que remete a uma cumplicidade entre os homens. (Fernandes & Natividade 2020).

De modo a contrapor os primeiros exemplos, a figura do Terry Crews questiona a série de valores presentes na masculinidade hegemônica como, poder, força, virilidade, (Kimmel

1998) abordando como tais elementos colaboram e justificam situações de abuso de poder e violência, tanto institucional como familiar e social. Em nova contraposição, as características da masculinidade hegemônica são novamente reproduzidas nas falas do fotógrafo Pio Figueroa.

Contrapondo sucessivas falas, o vídeo busca apresentar um caráter de pluralidade de vozes condizente com uma peça publicitária que chama para um tema apresentado como polêmico. Por se tratar de uma propaganda de um documentário, o vídeo se preocupa em atrair todo tipo de público, todavia as falas e cenas permitem criar alguma reflexão na medida em que aparecem situações e discursos destoantes, bem como consequências concretas da dominação masculina refletidas na violência. Ao utilizar tanto o funk, como a figura do ator Terry Crews ocorre um apelo ao popular de modo a cativar o público.

O último vídeo da categoria “masculinidade tóxica” é “Masculinidade tóxica - Luiz Felipe Pondé”. O vídeo em questão encontra-se hospedado no canal Luiz Felipe Pondé. O canal não possui definição sobre seu conteúdo, contudo na aba “Sobre”, encontra-se a seguinte descrição: “Luiz Felipe Pondé é filósofo, escritor, diretor do laboratório de política, comportamento e mídia da PUC-SP, professor da FAAP e colunista da Folha de S. Paulo.” O canal é uma iniciativa de algumas alunas do mesmo, de modo a divulgar algumas reflexões sobre os mais variados temas utilizando como base a filosofia, cultura e acontecimentos do mundo.

Sobre o conteúdo do vídeo, trata-se de Pondé fazendo elucubrações sobre a masculinidade tóxica, mais especificamente, críticas ao que ele compreende por vezes como uma abordagem “como se fosse o assunto mais importante na face da terra dentro dos estudos de sexualidade contemporânea”. Ele em seguida reconhece que tal assunto é sim importante para pessoas que têm sua vida tomada por algum aspecto que permeia esse assunto, como situações de violência. Contudo, para ele, masculinidade tóxica no final das contas é “homens que gostam de mulheres”.

Mais adiante, sobre as experiências da escola que remeteriam ao que se chama de masculinidade tóxica, Pondé profere as seguintes palavras:

É claro que todo mundo que tem lembranças escola sabe que sempre existiram os meninos que eram meio babacas na escola. E na verdade esses meninos babacas... Com o passar do tempo, alguns deixavam de ser babacas e no final das contas ficava claro que eles eram babacas, né! E aí eles ficavam reduzidos à sua condição, inclusive porque às vezes não sabiam nem falar com as meninas e tal.

Para Pondé, o que acaba ocorrendo é uma crítica radical do que seriam “qualidades masculinas clássicas”, até mesmo atribuindo enviesamento aos estudos, de modo a ser contrários ao comportamento heterossexual tradicional. Segundo ele, algumas qualidades são

associadas historicamente ao masculino, à virilidade, como coragem, autocontrole e capacidade de lidar com emoções e ocorre um ataque desmedido a condição masculina de modo que tanto homens como mulheres são prejudicadas nesse processo.

Por fim, Pondé, encaminhando para o final, questiona se não deveriam considerar o desejo do próprio homem pela mulher e contrário, como algo constituidor da masculinidade e suas características.

Para Sculos, (2017), tanto o espectro político da esquerda quanto da direita, (especificamente conhecidos nos Estados Unidos como *Alt-Right* ou em tradução livre ultradireita) se relacionam, cada um ao seu modo, com o que é compreendido como masculinidade tóxica. Para a esquerda política seria compreensão de comportamentos históricos tidos como exemplo de masculinidade e que desembocariam em sofrimento tanto de homens, mulheres e crianças. Para a ultradireita a relação se dá de modo a deslegitimar as críticas proferidas a masculinidade tóxica uma vez que ela representa a identidade do grupo em si. Ao defender a tradição familiar, valores patriarcais, estão advogando favoravelmente ao que é compreendido como masculinidade tóxica. Nesse sentido é possível compreender masculinidade tóxica como a masculinidade tradicional ou hegemônica nos estudos sociais.

Posto isto, o que se observa no vídeo em questão, é um movimento similar a ultra direita conservadora americana, buscando uma deslegitimação dos estudos em si. Observa-se a compreensão dos conceitos, ocorrendo uma divergência sobre a necessidade e consequências dos estudos em si.

Como a proximidade do conservadorismo e valores tradicionais familiares, é possível compreender o vídeo dentro o que Méndez (2001) nomina de Fundamentalismo Masculino, visto que a narrativa ao abordar masculinidade tóxica, retoma e reforça as construções históricas da masculinidade ao mesmo tempo busca diminuir as contribuições do debate de gênero e sexualidade sobre o assunto.

A proliferação de valores conservadores, justamente com a política, também é observada no campo mais religioso, visto que as instituições religiosas seriam guardiãs históricas de doutrinas e dogmas que remetem a manutenção do status quo entre gênero. Silveira (2018).

No que Pondé considera como valores da masculinidade durante a história, podemos inferir que a performance do que é ser masculino é constituído em tais características, como coragem, força, imposição de controle afetivo. (Kimmel, 1998).

Sendo assim, o vídeo é um representante mais próximo das masculinidades tradicionais, buscando desta forma uma contraposição as novas possibilidades de masculinidades que se proliferam no YouTube.

Considerações finais

A análise dos vídeos presentemente proposta demonstra que a inserção dos discursos sobre masculinidade no YouTube é relevante e atinge um grande número de pessoas, visto que, no momento da coleta de dados, cada um dos 184 vídeos possuíam mais de 90.000 visualizações, abrangendo um total de 9.849.622 visualizações entre os 16 vídeos presentemente analisados. Entre eles, encontramos 7 defensores da masculinidade tradicional, 7 críticos a esse tipo de olhar sobre os homens e dois vídeos intermediários, misturando aspectos de uma masculinidade tradicional e de novas masculinidades. Todavia, em número de visualizações, há clara preponderância da masculinidade tradicional: apenas o primeiro vídeo analisado, “3 palavras que não devem ser ditas a um homem (Igreja Universal)” possui mais de 2.700.000 visualizações, enquanto o vídeo mais visualizado que elabora crítica à masculinidade tradicional, o documentário “O silêncio dos homens” possui pouco mais de um milhão. Assim, defensores da masculinidade tradicional possuem um público muito significativo, demonstrando que discursos encontrados na internet apontam para a necessidade de uma atenção para a produção de discursos sobre gênero na sociedade em geral e em especial na cultura digital.

A pesquisa também aponta as redes sociais como um grande dispositivo de produção de subjetividades, gerando pedagogias do gênero: diversos vídeos ocorrem na forma de orientações, dicas ou exemplos de como o público deve se comportar. Além disso, o processo de análise demonstra diferenças significativas de busca por palavras-chave. Os resultados encontrados com palavras-chaves generalistas podem sugerir que palavras de cunho mais coloquial como “homem” e “macho” tendem a agregar conteúdo mais voltado à masculinidade tradicional ou mesmo uma visão mais superficial sobre o assunto. Já palavras-chaves mais específicas características de um vocabulário mais técnico de estudos de gênero tendem a agregar conteúdo mais críticos à masculinidade tradicional.

O encontro de vídeos com visualização significativa a partir de termos como masculinidade, masculinidade frágil e masculinidade tóxica demonstra uma assimilação cultural de conceitos construídos nos estudos de gênero, apontando para uma disseminação da

discussão científica sobre gênero na sociedade. Na pesquisa inicial, a pouca presença de homens cisgêneros, heterossexuais pode significar uma dificuldade de autocrítica em uma situação de privilégio. A maioria dos vídeos são apresentados por mulheres ou homossexuais, o que pode significar uma compreensão maior visto que se encontram em posição de poder inferior e mais próximos de uma reflexão sobre o assunto. Por outro lado, a existência de vídeos protagonizados por homens abordando tanto as consequências da masculinidade tradicional como novas masculinidades demonstra um processo de mudança bem vinda para a sociedade. Ainda assim, nos vídeos de homens cisgêneros analisados, a utilização frequente de comentários de terceiros, produtos culturais ou de humor como ao abordar o assunto criou vias indiretas para a divulgação de um tema frequentemente com pouca abertura para esse público.

A utilização de produtos culturais como séries e filmes parece ser um caminho com maior aceitação entre homens, pois estabelece em muitos casos os personagens desses produtos como padrões a serem desejados.

Encontramos uma associação entre visões tradicionais de masculinidade e instituições nas quais essa imagem é importante, como denominações religiosas, instituições de segurança pública e mesmo campos ligados à ideia de sucesso financeiro, enquanto ideias de questionamento da masculinidade tradicional apareceram em vídeos muito mais ligados à cultura. Nesse sentido, observamos um “comércio de masculinidades”, seja através de produção de produtos culturais como filmes, séries, ou mesmo como a comercialização de cursos com a premissa de conquistas no âmbito social e amoroso.

Observamos que os dois vídeos com conteúdo religioso selecionados, “3 palavras que não devem ser ditas a um homem (Igreja Universal)” e “Masculinidade: o que está acontecendo com os homens?” possuem os comentários desativados. Possivelmente o intuito é não permitir a existência de opiniões contrárias ao proferido pelo vídeo, visto seu caráter doutrinário. Ambos possuem números expressivos, o que demonstra a importância de entidades religiosas tradicionais na formação de masculinidades ao longo da história. Encontramos também uma relação considerável entre vídeos baseados na masculinidade tradicional, sejam religiosos ou não, possuindo uma forte relação com o campo político mais próximo da direita, especificamente ultradireita, pautando tanto o campo de costumes, quanto diretrizes políticas públicas como desarmamento.

Entre os vídeos encontrados, a grande maioria é de produção independente de agentes da sociedade civil, havendo apenas um conteúdo de produção institucional do governo da Bahia, “Ação nos Cinemas - Masculinidade Tóxica” expressando políticas públicas ligadas a

gênero, o que demonstra o pouco alcance do Estado nesse sentido e nenhuma articulação nacional. Esse dado é relevante quando pensamos a importância atual das redes sociais e os números preocupantes do Brasil ligados à desigualdade de gênero em campos como a violência doméstica, o suicídio masculino, o pouco acesso de homens a cuidados em saúde, a desigualdade salarial, entre outros. Também é possível fazer uma relação entre a não existência de Políticas Públicas significativas e proliferação de narrativas e agentes conservadoras no âmbito político e social brasileiro (Silveira, 2019).

Assim, o panorama dos dados aponta para algumas questões na relação entre redes sociais e produção de discursos e subjetividades na principalmente no campo do gênero. Primeiramente, é claro um papel relevante das redes sociais na criação e divulgação de discursos, bem como na organização social e relacional contemporânea. Por outro lado, a organização de algoritmos, que tende a reproduzir a conteúdos acessados pelo internauta, bem como há uma relação relevante entre conteúdos produzidos e outros elementos sociais, com instituições, empresas e o poder econômico de influenciadores importantes nas próprias redes sociais. Seja para observar as novas masculinidades, seus novos arranjos e as mudanças temporais ou mesmo para analisar a resposta da masculinidade tradicional, é indissociável o estudo sobre as influências das mídias nos novos rearranjos sociais. Nesse sentido, o trabalho aponta para a necessidade de aprofundar conhecimentos sobre a divulgação de discursos de gênero na internet, bem como refletir e construir estratégias no manejo de sua relação com as políticas públicas, ainda pouco presentes nesses espaços.

Referências

- Adams, C. J. (2018). *A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana* (2 ed.). (C. Cupertino, Trad.) São Paulo: Alaúde Editorial.
- Alencar, V. L. O. (2020). Estresse de minoria em narrativas de vida de homens gays no Youtube. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, 3(11), 101-118. Recuperado de: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/10906>
- Almeida, L. F. (s.d.). Evolução histórica dos direitos da mulher e a licença-maternidade. *Revista Eletronica OABRJ*. Recuperado de: <https://revistaeletronica.oabRJ.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Evolucao-Historica-dos-Direitos-da-Mulher-e-a-Licenca-Maternidade-1.pdf>
- Almeida, S., & Jablonski, B. (2011). O novo (velho) homem: o masculino nos livros de autoajuda. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(2), pp. 28-38. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229019298004>
- Alves, J. E. D. (2004). A linguagem e as representações da masculinidade. *Escola Nacional de Ciências Estatísticas*, pp. 387-392. Recuperado de: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv3121.pdf>
- Arendt, H. (2007). *A Condição Humana* (10 ed.). (R. Raposo, Trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária .
- Aristóteles. (2002). *Política*. São Paulo: Marin Claret.
- Arnold, B. (Produtor), Davies, W., DeBlois, D., Sanders, C. (Escritores), Sanders, C., & DeBlois, D. (Diretores). (2010). *Como Treinar o Seu Dragão* [Filme Cinematográfico]. Los Angeles: Paramount Pictures.
- Astrachan, A. (1989). *Como os Homens Sentem: sua relação às reivindicações femininas de igualdade e poder*. Rio de Janeiro: Imago.
- Baére, F., & Zanello, V. (2020). Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero. *Psicologia em estudo*, 25. Recuperado de: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44147>

- Bahia, S. (10 de Junho de 2019). *Ação nos Cinemas - Masculinidade Tóxica*, [Arquivo de vídeo]. Acesso em 12 de Outubro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/INPFf2bSSD4>
- Batista, K. S. A., & Lima, A. F. (2017). Por uma implicação política e conceitual nos estudos sobre homens, masculinidades e violência de gênero. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 38, pp. 175-188. Recuperado de: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/52450>
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Schwarcz-Companhia das Letras.
- Bauman, Z. (2005) *Amor líquido*. Schwarcz-Companhia das Letras.
- Beauvoir, S. (1967). *O Segundo Sexo* (2 ed.). (S. Milliet, Trad.) São Paulo: Difusão Européia Do Livro.
- Benevides, B. G., & Nogueira, S. N. B. (2020). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA e IBTE. Recuperado de: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>
- Bizan, K. (2019). O melhor que os homens pode ser – uma visão semiótica do comercial da gillette. *XXI Congresso Metodista de Iniciação e Produção Científica*. Recuperado de: <http://www.metodista.br/congressos-cientificos/index.php/CM2019/GCSA2019/paper/view/10400>
- Bolsanello, M. A. (1996). Darwinismo social, eugenia e racismo" científico": sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. *Educar*(12), 153-165. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.166>
- Boone, M., Hiscock, N., Nodella, M., Samberg, A., Campbell, N., Lawton, M., . . . Prince, R. H. (Produtores), Goor, D., & Schur, M. (Diretores). (2013-2021). *Brooklyn Nine-Nine* [Série televisiva]. Nova York: NBCUniversal Television Distribution.
- Borges, R. F. (2020). As Contribuições da Psicologia aos Ideais da Liga Brasileira de Higiene Mental: Algumas Reflexões. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(1), 330-352. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451864487017>
- Botton, F. B. (2007). As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. *Revista Vernáculo*, 1(19 e 20), 109-120. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.5380/rv.v1i19/20.20548>

- Bourdieu, P. (2010). *A dominação masculina* (9 ed.). (M. H. Kühner, Trad.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brasil, Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde –. (2017). Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde. *Boletim Epidemiológico*, 48(30), 1-14. Recuperado de: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>
- Bueno, R. M., Boiko, J. G., & Bagatin, T. S. (2020). Possibilidades e limites na intervenção com homens autores de violência doméstica. *Revista Relicário*, 7(14), 58-70. Recuperado de: <https://doi.org/10.46731/RELICARIO-v7n14-2020-170>
- Bueno, S., Marques, D., Pacheco, D., & Nascimento, T. (2019). Análise da letalidade policial no Brasil - Fórum Brasileiro de Segurança Pública. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, 58-65. Recuperado de: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf
- Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (Vol. 8). (R. Aguiar, Trad.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Canetto, S. S., & Sakinofsky, I. (1998). The gender paradox in suicide. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 28(1), 1-23. Recuperado de: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1943-278X.1998.tb00622.x>
- Carrigan, T., Connell, B., & Lee, J. (1985). Toward a New Sociology of Masculinity. *Theory and Society*, 14(5), 551-604. Recuperado de: <http://www.jstor.org/stable/657315>
- Casadei, E. B. (2020). Novas masculinidades, afetos positivos e consumo. A reiteração da palavra masculinidade no Jornal do Brasil de 1970 a 2010. *Educação, Cultura e Comunicação - ECCOM*, 11(21). Recuperado de: <http://fatea.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/1193/1069>
- Castells, M. (2018). *O poder da identidade* (9 ed., Vol. 2). (K. B. Gerhardt, Trad.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Cecchetto, F. R. (2004). *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Cerqueira, D. R. C., Bueno, S., Lima, R. S., Neme, C., Ferreira, H. R. S., Alves, P. P., Marques, D. Reis, M. V. M., Cypriano, O., Sobral, I., Pacheco, D., Lins, G. O. A., Armstrong, K.

- C. (2019). *Atlas da violência 2019*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Brasília. Recuperado de: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9406>
- Cervi, T. A. N. , Miskolci, R., Silva, M. R. D., & Pereira, P. P. G. (2019). O banheiro público como dispositivo de gênero. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 13(20), 326-363. Recuperado de: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/18173/12865>
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: Masculinidade hegemônica:. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- Copini. (4 de Março de 2015). *COMO SER UM MACHO ALFA*, [Arquivo de vídeo]. Acesso em 2 de Outubro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/wD4WjnjgKZ8>
- Coruja, P. (2017). Vlog como gênero no YouTube: a profissionalização do conteúdo gerado por usuário. *Comunicologia (Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília)*, 10(1), 46-66. Recuperado de: <https://doi.org/10.24860/COMUNICOLOGIA.V10I1.8128>
- Costa, J. F. (1995). *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta
- Crane, D., Kauffman, M., Bright, K. S., Silveri, S. (Produtores), Crane, D., & Kauffman, M. (Diretores). (1994-2004). *Friends* [Série televisiva]. Califórnia : Warner Bros. Television Distribution.
- Creators, Y. (28 de Agosto de 2017). *"The algorithm": how search and discovery work on YouTube*, [Arquivo de vídeo]. Acesso em 22 de Setembro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/hPxnlix5ExI>
- Creators, Y. (29 de Agosto de 2017). *Como a pesquisa do YouTube funciona*, [Arquivo de vídeo]. Acesso em 22 de Setembro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/gTrLniP5tSQ>
- Cunha, T. D. W. (2017). Novas masculinidades no contexto social familiar. *V Anais Enlaçando Sexualidades*. Campina Grande:: Realize Editora. Recuperado de: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30664>
- Daniels, C. R., & Heidt-Forsythe, E. (2012). Gendered Eugenics and the Problematic of Free Market Reproductive Technologies: Sperm and Egg Donation in the United States. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 37(3), 719-747. Recuperado de: <https://doi.org/10.1086/662964>

- Despret, V. (2011). O que as ciências da etologia e da primatologia nos ensinam sobre as práticas científicas?. *Fractal: Revista de Psicologia*, 23(1), 59-72. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922011000100005>
- DiMuccio, S. H., & Knowles, E. D. (2020). The political significance of fragile masculinity. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 34, 25-28. Recuperado de: <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2019.11.010>
- Farias, Y. M. M., & Sepulveda, C. (2020). Clémence Royer e as relações entre evolucionismo, raça e gênero no século XIX. *17º Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia*. Recuperado de: https://www.researchgate.net/profile/Yaci-Marcondes-Farias/publication/349006219_Clemence_Royer_e_as_relacoes_entre_evolucionismo_raca_e_genero_no_seculo_XIX/links/601ad18b299bf1cc269fe4a1/Clemence-Royer-e-as-relacoes-entre-evolucionismo-raca-e-genero-no-
- Fernandes, N. C., & Natividade, C. S. J. (2020). A naturalização da violência contra a mulher. *Brazilian Journal of Development*, 6(10), 76076-76086. Recuperado de: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-145>
- Ferreira, F. M., & Oliveira, C. P. (2019). O movimento feminista e a crise da masculinidade:. *Cadernos de Psicologia*, 1(2), 580-600. Recuperado de: <https://seer.cesjf.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2510/1643>
- Ferro, A. P. R. (2015). A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível. *Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN(5)*, 2179-9636. Recuperado de: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509161801.pdf
- Foucault, M. (1994). *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. (M. T. C. Albuquerque, Trad.) Rio de Janeiro: Graal. (Obra original publicada em 1984)
- Freitas, B. I., Oliveira-Machado, R., & Scarparo, H. B.K. (2012). Masculinidade em xeque: reflexões sobre uma experiência em grupo de homens. *Diaphora Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 1(1), 114 -120. Recuperado de: <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/55/55>
- Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (J. Salomão, Trad., Vols. IV-V). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900)

- Freud, S. (1972). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. X). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1909)
- Freud, S. (1972). Conferência XXI. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. XVI). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1917)
- Freud, S. (1972). Dissolução do Complexo de Édipo. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924)
- Freud, S. (1972). Sexualidade feminina. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (J. Salomão, Trad., Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1931)
- Freud, S. (1972). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (1972). Totem e tabu. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913)
- Freud, S. (1972). Três ensaios sobre a sexualidade. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (J. Salomão, Trad., Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905)
- Friedan, B. (1971). *Mística Feminina*. (Á. B. Weissenberg, Trad.) Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada. (Obra original publicada em 1963)
- Fritzen, B. H., Bonchristiani, C. R., Lange, R. A., & Moraes, S. L. (2021). A experiência homoafetiva masculina na adolescência a partir da análise da. *Revista de Pesquisa e Prática em Psicologia*, 1(2), 292-323. Recuperado de: <https://www.nexos.ufsc.br/index.php/rppp/article/viewFile/4919/3627>
- Gabatz, C. (2016). As mulheres nas igrejas neopentecostais: a busca pelo protagonismo em meio a tradições hegemônicas. *ociedade E Cultura*, 19(2), 95-103. Recuperado de: <https://doi.org/10.5216/sec.v19i2.48673>

- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. (M. Lopes, Trad.) São Paulo: UNESP.
- Giffin, K. (2005). A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 47-57. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/csc/a/dQVz7vKgGNJFVSLv5pY7rhR/?format=pdf&lang=pt>
- GNT, C. (13 de Agosto de 2019). *Masculinidade tóxica, violência doméstica e machismo | Quebrando o Tabu*, [Arquivo de vídeo]. Acesso em 07 de Outubro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/uiFjHFegsM0>
- Godelier, M. (1986). *La producción de grandes hombres. Poder y dominación masculina entre los Baruya de Nueva Guinea*. (J. C. Barrera, Trad.) Madrid: Akai.
- Goldenberg, M. (2005). Dominação masculina e saúde: usos do corpo em jovens das camadas médias urbanas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 91-96. Recuperado de: https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v10n1/a09v10n1.pdf
- González-Pizarro, J. A. (2020). Desde la influencia del darwinismo social hasta el imperio de los derechos humanos. Inmigración en Chile entre 1907 y 201. *Estudios de Derecho*, 77(169), 323-348. Recuperado de: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7454188>
- Grossi, M. P. (2004). Masculinidades: Uma Revisão Teórica. *Antropologia em primeira mão*, 75(1), 5-37. Recuperado de: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1265/masculinidades.pdf?seq>
- Guedes, E. (19 de Março de 2019). *Aprenda a ser um Homem de Verdade - Evandro Guedes Motivação*, [Arquivo de vídeo]. Acesso em 30 de Setembro de 2020. Recuperado de YouTube: https://youtu.be/-c_OXwBZyhs
- Guerra, A. T. M. (2006). Do holocausto nazista à nova eugenia no século XXI. *Ciência e Cultura*, 58(1), 4-5. Recuperado de: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n1/a02v58n1.pdf>
- Hite, S. (2019). *O Relatório Hite: Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina*. (A. C. César, Trad.) Lisboa: Bertrand Editora. (Obra original publicada em 1976)

- Hobsbawm, E. J. (2000). *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo* (5 ed.). (D. M. Garschagen, Trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Horcasitas, B. U. (1996). El determinismo biológico en México: del darwinismo social a la sociología criminal. *Revista Mexicana de Sociología*, 58(4), 99-126. Recuperado de: <https://www.jstor.org/stable/3541043>
- Hwan, L. (23 de Abril de 2018). *A Masculinidade Subversiva de Solução em Como Treinar o seu Dragão*, [Arquivo de vídeo]. (L. Hwan, Editor). Acesso em 04 de Outubro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/f3TKQvpLysE>
- Hwan, L. (24 de Julho de 2018). *A Masculinidade Frágil de Ross em Friends*, [Arquivo de vídeo]. (L. Hwan, Editor). Acesso em 29 de Setembro de 2020. Recuperado de YouTube: https://youtu.be/dlXF0-WL_IY
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. (2018). *Diferença do rendimento do trabalho de mulheres e homens nos grupos ocupacionais - Pnad Contínua 2018*. IBGE, Rio de Janeiro. Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-03/mulheres-brasileiras-ainda-ganham-menos-que-os-homens-diz-ibg>
- Jaworski, K. (2010). The gender-ing of suicide. *Australian Feminist Studies*, 25(63), 47-61. Fonte: <https://doi.org/10.1080/08164640903499752>
- Jennings, J., Campbell, J., Taylor, B. (Produtores), Nunn, L. (Escritor), & Taylor, B. (Diretor). (2019-2021). *Sex Education* [Serie]. Los Gatos: Netflix.
- Kimmel, M. S. (1998). A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, 4(9), 103-117. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>
- Kozinets, R. V. (2014). *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. (D. Bueno, Trad.) São Paulo: Penso Editora.
- Lacan, J. (1995). *O Seminário. Livro 4. A relação de objeto*. (D. D. Estrada, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1956-1957).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. (V. Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1957-1958).

- Levinson, M., Patricof, J., Rawat, S., Taylor, L. H. (Produtores), Ross, M. (Escritor), & Ross, M. (Diretor). (2016). *Capitão Fantástico* [Filme Cinematográfico]. Nova York: Bleecker Street.
- Lima, D. C., Büchele, F., & Clímaco, D. A. (2008). Homens, gênero e violência contra a mulher. *Saúde e sociedade*, 17(2), 69-81. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/8cXqsYThdjHpPZm3PBtWCQC/?format=pdf&lang=pt>
- Loiola, D. F. E. (2018). *Recomendado Para Você: o impacto do algoritmo do YouTube na formação de bolhas* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil Recuperado de: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B6GEZC>
- Lopes, L. P. M. (2010). Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. *Trabalhos em linguística aplicada*, 49, 393-417. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132010000200006>
- Martins, A. M. (2019). *Masculinidades no reino de deus: corpo, gênero e representações sociais de homem entre frequentadores da igreja universal do reino de deus* (Tese de doutorado). Universidade Federal De Minas Gerais Faculdade De Filosofia E Ciências Humanas Programa De Pós-Graduação Em Psicologia. Belo Horizonte, MG, Brasil. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/1843/30222>
- Mauricio, M. M. M. (2021). Racismo n'A carne: uma análise concisa das representações dos personagens negros no romance de Júlio Ribeiro. *Revista Espaço Acadêmico*, 21(228), 138-147. Recuperado de: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/54765/751375152077>
- Maximo, A. R., & Leite, R. S. (2020). Sou homem com H! O movimento migratório do consumo de produtos de beleza. *Consumer Behavior Review*, 4(1), 19-37. Recuperado de: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cbr/article/download/243470/35283>.
- Mcevoy, M. (29 de Novembro de 2016). *SEO Statistics to Know*. Recuperado de: <http://www.webpresencesolutions.net/seo-statistics-2017-seo-stats/>
- Mead, M. (2000). *Sexo e Temperamento: em três sociedades primitivas*. (R. R. Krausz, Trad.) São Paulo: Perspectiva. (Obra original publicada em 1935).

- Medrado, B., & Lyra, J. (2008). Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Estudos Feministas*, 16(3), 809-840. Fonte: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300005>
- Méndez, L. B. (2001). Los varones frente al cambio de las mujeres. *Lectora. Revista*. Recuperado de: https://www.jerez.es/fileadmin/Documentos/hombresigualdad/fondo_documental/Hombres_y_feminismo/Los_varones_frente_al_cambio....pdf
- Méndez, N. P. (2011). Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. *Mulher e trabalho*, 5, 51-63. Recuperado de: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/mulheretrabalho/article/download/2712/3035>.
- Moderno, M. H. (4 de Fevereiro de 2019). *Como deixar de ser infantil e se tornar um Homem Maduro | Dicas do Cachorrão Vol. 10*, [Arquivo de Vídeo]. Acesso em 30 de Setembro de 2020.
- Moderno, M. H. (7 de abril de 2020). *COMO FICAR MAIS BONITO (E ser um homem menos feio em 9 truques simples)*, [Arquivo de vídeo]. Acesso em 30 de Setembro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/ZLlJbs0g6QU>
- Monteiro, K. F., & Grubba, L. S. (2017). A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de suffragettes às sufragistas. *Direito E Desenvolvimento*, 8(2), 261-278. Recuperado de: <https://doi.org/10.25246/direitoedesenvolvimento.v8i2.563>
- Monteiro, M. C. (2020). A construção social de gênero para crianças através do youtube. *Revista Sociais e Humanas*, 33(2), 9-24. Recuperado de: <https://scholar.archive.org/work/k5fjf6lkzvgolhcyutzuz4beom/access/wayback/https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/download/42394/pdf>
- Moraes, P. P., Carvalhaes, R. S., & Peres, W. S. (2006). Do dispositivo das sexualidades ao dispositivo de gênero: um percurso de estudo. *Encontro de Psicologia – Anais eletrônicos UNESP*. Recuperado de: http://www2.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/14_PALOMA_PRISCILA_DE_MORAES.pdf
- Moreira, A. J., & Fabretti, H. B. (2018). Masculinidade e criminalidade em Moonlight: um estudo sobre as relações entre identidade e delinquência. *Revista de Direitos e Garantias Fundamentais*, 19(2), 43-98. Recuperado de: <https://doi.org/10.18759/rdgf.v19i2.1373>
- Mota, B. S., Bittencourt, M., & Viana, P. M. F. (2014). A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia. *E-Compós*, 17(3). Recuperado de: <https://doi.org/10.30962/ec.1013>

- Nascimento, F. D.F., & Fischer, M. E. (2021). O boicote virtual à campanha the best man can be da gillette. *Revista GEMInIS*, 12(1), 297-319. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.53450/2179-1465.RG.2021v12i1p297-319>
- Nascimento, M. A. F. (2001). *Desaprendendo o silêncio: Uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher* (Dissertação de mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/4035>
- Nigro, I. S., & Baracat, J. (2018). Masculinidade: Preciosa como diamante, frágil como cristal. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, 30(1), 4-19. Recuperado de: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/nNirdcsu8KL0cs0_2019-3-8-17-21-47.pdf#page=7
- Nogueira, C. G. M., & Miranda, M. H. G. (2017). A (re) produção das masculinidades hegemônicas: homens, famílias populares e violações dos direitos humanos. *Revista Interritórios*, 3(5), 120-140. Recuperado de: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/viewFile/234444/27612>
- Nogueira, E. J., Gomes, L. F., & Soares, M. L. A. (2011). Netnografia: considerações iniciais para pesquisas em educação. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, 13(2), 185-202. Recuperado de: <http://periodicos.uniso.br/ojs3/index.php/quaestio/article/view/696>
- Nolasco, S. (1995). *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Noronha, O. (31 de Agosto de 2019). *Será q você tem masculinidade frágil??*, [Arquivo de Vídeo]. Acesso em 07 de Outubro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/yjwTiN084Gk>
- Nothaft, R. J., & Beiras, A. (2019). O que sabemos sobre intervenções com autores de violência doméstica e familiar? *Revista Estudos Feministas*, 27(3). Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n356070>
- Nunes, J. P. A. (2014). Darwinismo social e anti-semitismo : o caso português. *CEM Cultura, Espaço & Memória*(5). Recuperado de: <http://aleph20.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/4787>
- Oliveira Fº, P. G. (2012). *A construção das relações de gênero na mídia da Igreja Universal do Reino de Deus* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Recife, PE, Brasil. Recuperado de: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11197>

- Oliveira, C. R., Pichler, N. A., & Canabarro, R. (2012). *Filosofia e homoafetividade*. Passo Fundo: Méritos Editora.
- Oliveira, F. (2009). As novas tecnologias reprodutivas conceptivas a serviço da materialização de desejos sexistas, racistas e eugênicos?. *Revista Bioética*, 9(2), 99-112. Recuperado de: https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/248/248
- Oliveira, F. B., Vita, M. C. A., & Rocha, M. M. (2019). Capitão Fantástico: a representação fílmica de uma ausência materna. *Representações Maternais No Cinema*, 63-78. Recuperado de: https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/816/Representa%C3%A7%C3%B5es_maternais_cinema.pdf?sequence=1&isAllowed=y#page=63
- Oliveira, L. G. S. (2017). “O Senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay”: *etnografando duas igrejas inclusivas na cidade de São Paulo* ((Dissertação de mestrado). (pp16-29). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de: http://www.cis.puc-rio.br/assets/pdf/PDF_CIS_1508235510_Luiz_Gustavo_Silva_de_Oliveira_2017.pdf
- Oliveira, L. P. R., & Cassab, L. A. (2014). O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. *Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, (pp. 0 - 7). Londrina, PA, Brasil. Recuperado de: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_La%C3%ADs%20Paula%20Rodrigues%20de%20Oliveira%20e%20Latif%20Cassab.pdf
- Oliveira, R. T. v., Bernardes, G. O., Almeida, I. P., Ribeiro, M. F., Almeida, N. M., & Machado, L. C. S. (2020). Prevenção do câncer de pênis e a valorização da saúde do homem. *Brazilian Journal of health Review*, 3(2), 1527-1530. Recuperado de: <https://core.ac.uk/download/pdf/288213435.pdf>
- Organização Pan-Americana da saúde - OPAS. (2017). *Violência contra as mulheres*. Recuperado de: [paho: https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women](https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women)
- PapodeHomem. (29 de Agosto de 2019). *O silêncio dos homens, Documentário completo*, [Arquivo de vídeo]. (PapodeHomem e Instituto PdH). Acesso em 30 de Setembro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/NRom49UVXCE>
- Pereira, A., & Monteiro, J. C. (2019). A netnografia como método de estudo do comportamento em ambientes digitais. *Anais do III Simpósio Internacional Interdisciplinar em Cultura e Sociedade*, 1-19. Recuperado de: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/63406419/A_Netnografia_como_metodo_de_estudo_de_comportamento_em_ambientes_digitais20200523-19537-poy17t-with-cover

[page-v2.pdf?Expires=1631658747&Signature=clSE3Nuluivtv8Mjnek8Bmg2rI10fvQVAbI EsvI9UK6RPoYqbV7ZzLjqt~FX](#)

- Perrot, M. (1998). *Mulheres Públicas*. (R. L. Ferreira, Trad.) São Paulo: UNESP.
- Platão. (1995). *O Banquete*. (J. C. Souza, Trad.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Pondé, L. F. (4 de Fevereiro de 2019). *Masculinidade tóxica - Luiz Felipe Pondé*, [Arquivo de vídeo]. Acesso em 10 de Outubro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/oAGcHANY918>
- Porfírio, A. (2019). A presença da mulher ateniense no comércio. *Revista Epígrafe*, 7(7), 17-36. Recuperado de: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v7i7p17-36>
- Ramos, C. M., & Lencastre, M. P. A. (2013). O feminino e o masculino na etologia, sociobiologia e psicologia evolutiva: Revisão de alguns conceitos. *Psicologia*, 23(2), 33-61. Recuperado de: <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i2.421>
- Reis, N., & Souza, L. C. F. (2017). “Se inscreva no canal para mais ídeos como esse”: currículo cultural e subjetivações de gênero no YouTube. *Momento: diálogos em educação*, 26(2), 204-224. Recuperado de: <https://doi.org/10.14295/momento.v26i2.6840>
- Ricardo, P. P. (12 de Novembro de 2012). *Masculinidade: o que está acontecendo com os homens?*, [Arquivo de vídeo]. Acesso em 4 de Outubro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/6WyVLNjNZy4>
- Rodrigues, A. M. S. A. (2006). Um mundo só de Homens: os capitalares bracarense e a vivência da masculinidade nos finais da Idade Média. *Estudos em homenagem ao professor doutor José Marques, Oporto, 1*, pp. 195-209. Recuperado de: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4807.pdf>
- Romanski, A., Gardner, D., Kleiner, J. (Produtores), Jenkins, B. (Escritor), & Jenkins, B. (Diretor). (2016). *Moonlight: Sob a Luz do Luar* [Filme Cinematográfico]. Nova York: A24.
- Rosostolato, B. (2019). Alexitimia e masculinidades. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 30(2), 55-64. Recuperado de: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v30i2.92>
- Santos, F. B., & Postinguel, D. (2016). Processos de atualização da imagem masculina na comunicação publicitária. *Verso e Reverso*, 30(73), 34-49. Recuperado de: <https://doi.org/10.4013/ver.2016.30.73.04>

- Santos, W. B., & Castejon, M. (2016). Corpo e masculinidade: subjetivação, objetivação e risco de suicídio. *Filosofias do suicídio: quando o corpo tem vez*, 118-136.
- Saunders, T. L. (2017). Complexo de Tomáz: performance e influência de youtubers na composição contemporânea da imagem masculina de corpo malhado. *40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, (p. 15). Curitiba. Recuperado de: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2422-1.pdf>
- Saunders, T. L. (2020). A Dança na Publicidade e as Novas Masculinidades: Memória, Tendências e o Reposicionamento da Marca Mash de Cuecas. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação . *43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL*. Recuperado de: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1651-1.pdf>
- Sculos, B. W. (2017). Who’s afraid of ‘toxic masculinity’? *Class, Race and Corporate Power*, 5(3), 1-5. Recuperado de: <https://digitalcommons.fiu.edu/classracecorporatpower/vol5/iss3/6>
- Silva, J. D. (2019). *Violência contra a mulher: uma análise histórica e o papel do direito no combate a violência de gênero no Brasil* (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, MG, Brasil. Recuperado de: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/28313>
- Silva, L. G. T. (2017). Religião e política no Brasil. *Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos*(64), 223-256. Recuperado de: <https://doi.org/10.22201/cialc.24486914e.2017.64.56799>
- Silva, R. J., & Sanches, C. A. (2019). Grupo reflexivo para homens autores de violência doméstica no município de Caçador. *Ponto de Vista Jurídico*, 8(1), 66-74. Recuperado de: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/juridico/article/view/1834>
- Silva, S. A. (2015). Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 38(2), 339-342. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1809-58442015217>
- Silva, S. G. (2000). Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia: Ciência e profissão*, 20, 8-15. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932000000300003>

- Silveira, E. J. S. (2018). Padres conservadores em armas: o discurso público da guerra cultural entre católicos. *Reflexão*, 43(2), 289-309. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.24220/2447-6803v43n2a4336>
- Siqueira, B. K. (2018). *Feminismo negro como movimento social e político* (Trabalho de conclusão de curso). Centro Universitário Toledo – UNITOLEDO, Araçatuba, SP, Brasil. Recuperado de: <http://www.unitoledo.br/repositorio/handle/7574/1920>
- Soares, A. J., Soares, C. F. S., Silva, F. C. S., Silva, A. F., Estrela, F. M., Magalhães, J. R. F., Oliveira, M. A. S., Lima, A. M. (2021). Elementos da masculinidade que vulnerabilizam homens à morbimortalidade pela COVID-19: revisão integrativa. *Saúde Coletiva (Barueri)*, 11(65), p. 5926-5939. Recuperado de: <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2021v11i65p5926-5939>
- Soares, J., Chamusca, T., & Ferreira, T. (2020). Disputas no youtube: mapeando masculinidades através do canal manual do homem moderno. *Esferas*(19), 54-62. Recuperado de: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/65735677/Disputas_no_YouTube.pdf?1613831473=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDISPUTAS_NO_YOUTUBE_MAPEANDO_MASCULINIDA.pdf&Expires=1631453190&Signature=OMDmNbXkZ5f6I3Tjt018liaZacZf-8qcOaF7QDSqdSr6q8Rw
- Soares, L. A. (2011). Discurso e representação masculina em peças publicitárias da revista. *Revista da ABRALIN*, 10(1), 33-59. Recuperado de: https://www.researchgate.net/profile/Leonardo-Antonio-Soares/publication/307701471_DISCURSO_E_REPRESENTACAO_MASCULINA_EM_PECAS_PUBLICITARIAS_DA_REVISTA_'MEN'S_HEALTH'/links/59109644aca272ec9a0edef6/DISCURSO-E-REPRESENTACAO-MASCULINA-EM-PECAS-PUBLICITARIAS
- Souza, R. R. (2009). As representações do homem negro e suas consequências. *Revista Fórum Identidades*, 6, 96-115. Recuperado de: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/33060239/AS_REPRESENTACOES_DO_HOMEM_NEGRO_E_SUAS_CONSEQUENCIAS_-_Rolf-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1631444739&Signature=DaN9tgsrOpWWPPkKCriKUpHqgn9VNNSo8PArA9ZETScBFntRprlaEVLJKtoQXuxnXAdARGB8gvk1W5Nka2oJyPnaeK7p2BF
- Souza, S. D. (2014). “Não à ideologia de gênero!” A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. *Estudos de Religião*, 28(2), 188-204. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v28n2p188-204>

- Stoller, R. J. (1982). *A experiência transexual*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1975).
- Tobin, J. (1999). A performance da masculinidade portenha no churrasco. *Cadernos Pagu*(12), 301-329. Recuperado de: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634922>
- Univeral. I. (2014). *3 palavras que não devem ser ditas a um homem (Igreja Universal)*, [Arquivo de vídeo]. Acesso em 24 de Setembro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/Ag6VASid5Xo>
- Urra, F., & Pechtoll, M. C. P. (2016). Programa “e agora, josé?” Grupo socioeducativo com homens autores de violência doméstica contra as mulheres. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 25(54), 112-116. Recuperado de: <https://revistanps.emnuvens.com.br/nps/article/view/168>
- Valarezo, M. M. (13 de Dezembro de 2018). *A Saudável Masculinidade de Brooklyn Nine-Nine*, [Arquivo de vídeo]. (M. Valarezo, Editor). Acesso em 25 de Setembro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/WILfDC3QaSc>
- Valarezo, M. M. (2015). *Entreplanos : um canal no Youtube para debater audiovisual* (Monografia). Universidade De Brasília Faculdade De Comunicação Departamento De Jornalismo – FAC-UNB, Brasília, DF, Brasil. Recuperado de: <https://bdm.unb.br/handle/10483/11784>
- Vasconcelos, C. S., & Cavalcante, L. I. C. (2019). Caracterização, reincidência e percepção de homens autores de violência contra a mulher sobre grupos reflexivos. *Psicologia & sociedade*. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v311179960>
- Ventura, Í. (27 de Dezembro de 2017). *É assim que Mulheres Inteligentes Ativam a Masculinidade de um Homem*, [Arquivo de vídeo]. Acesso em 06 de Outubro de 2020. Recuperado de YouTube: <https://youtu.be/pwCqQNvhasg>
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9, 460-482. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>
- World Health Organization-WHO. (2014). *Preventing suicide. A global imperative*. Geneva: World Health Organization. Fonte: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/131056/97892?sequence=1>

- Yu, K. Y. (2010). *Análise da bioética na Coréia* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de: <https://leto.pucsp.br/bitstream/handle/5391/1/Kun%20Young%20Yu.pdf>
- Zadroski, J. (2019). *Direitos reprodutivos e mulheres negras: retratos de exclusão e silenciamento no Brasil* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma, SC, Brasil. Recuperado de: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/7100>
- Zanella, E. D. (2011). Masculinidade e Consumo de Bebidas Alcoólicas: A Construção de Maneiras de Beber. *Ponto Urbe*, 9. Recuperado de: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1820>
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Editora Appris.